UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, NÍVEL DE MESTRADO

TONIE MARIA GREGORY DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDÊNCIA:

UMA INTERCONEXÃO TECNOLÓGICA, TRANSDISCIPLINAR E TRANSVERSAL

CASCAVEL – PR
2019

TONIE MARIA GREGORY DOS SANTOS

EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDÊNCIA:

UMA INTERCONEXÃO TECNOLÓGICA, TRANSDISCIPLINAR E TRANSVERSAL

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE - para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, - nível de Mestrado - área de concentração Linguagem e Sociedade.
Linha de Pesquisa: Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Beatriz Helena Dal Molin.

CASCAVEL – PR
2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Santos, Tonie Maria Gregory dos
Experimentação Pedagógica no Processo de Aprendência : Uma Interconexão Tecnológica, Transdisciplinar e Transversal / Tonie Maria Gregory dos Santos; orientador(a), Beatriz Helena Dal Molin, 2019.
133 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2019.

1. Tecnologia. 2. Experimentação Pedagógica. 3. Transversalidade. 4. Aprendência. I. Dal Molin, Beatriz Helena. II. Título.

TONIE MARIA GREGORY DOS SANTOS

Experimentação Pedagógica no Processo de Aprendência: Uma Interconexão Tecnológica, Transdisciplinar e Transversal

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:

Orientador(a) - Beatriz Helena Dal Molin
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Doris Roncarelli
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Antonio Donizeti da Cruz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Acir Dias da Silva
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)

Cascavel, 7 de fevereiro de 2019

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Fotografia da família Marchezan..... 68
Figura 2 Câmera Mamute – A maior câmera fotográfica do mundo..... 68
Figura 3 Câmera fotográfica antiga..... 68
Figura 4 Evolução das câmeras fotográficas..... 68
Figura 5 Câmera fotográfica digital..... 69
Figura 6 Ícone antigo do *Instagram*..... 69
Figura 7 Ícone atual do *Instagram*..... 69
Figura 8 “Um amor assim delicado, não deveria ter despertado”..... 74
Figura 9 “Não percamos tempo, mas não tenhamos pressa. Tudo é passageiro”..... 75
Figura 10 “Deixo a vida me levar como o lindo balanço do mar”..... 76
Figura 11 “Ó Margarida! Longe de teus olhos, passo os dias”..... 76
Figura 12 “Um gosto no ar com cheiro de flor, que chama-se amor”..... 75
Figura 13 “Seu nome é Isabel, tão linda e encantadora, como a natureza”..... 77
Figura 14 “Dia chuvoso da janela do quarto via a moça”..... 78
Figura 15 “Volto ao sertão para ficar com a Flor do meu coração”..... 78
Figura 16 “Esse céu cor mar faz das nuvens brancas as ondas do teu olhar” ... 79
Figura 17 “Por que tu me negas se ainda tua alma sabe que me amas”..... 79
Figura 18 “Nem seus lábios... Nem seus olhos podem... de amor falar”..... 80
Figura 19 “Ela na janela a espera da sombra. Vulto deconhecido”..... 81
Figura 20 “Aposta de um amor já traçado”..... 82
Figura 21 “Uma moça de preto”..... 83
Figura 22 “Amor proibido”..... 84
Figura 23 “Atraso ou Destino”..... 85
Figura 24 “Amor subentendido”..... 85
Figura 25 “A escolha entre o amor e o dinheiro”..... 86
Figura 26 “Cartas de um seminarista”..... 87
Figura 27 “Idas e vindas de uma história de amor”..... 88
Figura 28 “Conflito Aimoré”..... 88
Figura 29 “As loucuras de Augusto”..... 89
Figura 30 “O casamento comprado”..... 90

Figura 31 “Amar em tempos de ódio!..... 91
Figura 32 Site *Joomag* – criação da revista digital..... 92
Figura 33 Páginas diagramadas pela estudante Amanda Deves..... 94
Figura 34 Páginas diagramadas pelo estudante Bruno Matte..... 94
Figura 35 Páginas diagramadas pela estudante Eduarda Padilha..... 95
Figura 36 Páginas diagramadas pela estudante Eduarda Tamiozzo Veit..... 95
Figura 37 Páginas diagramadas pela estudante Karoline de Moura..... 96
Figura 38 Páginas diagramadas pela estudante Manueli Luiza Heckler Machado..... 96
Figura 39 Páginas diagramadas pelo estudante Márcio Knoll..... 97
Figura 40 Páginas diagramadas pela estudante Milena Luísa Fucilini..... 97
Figura 41 Página diagramadas pelo estudante Rafael Saling..... 98
Figura 42 Páginas diagramadas pelo estudante Richard Urnau..... 98
Figura 43 Páginas diagramadas pela estudante Vanessa de Souza Viana..... 99
Figura 44 Páginas diagramadas pela estudante Vitória Kunz Schneider..... 99
Figura 45 Turma que fez parte da Experimentação..... 120

LISTA DE GÁFICOS

Gráfico 1 Estudantes envolvidos na pesquisa..... 100
Gráfico 2 Uso da tecnologia para desenvolver atividades das disciplinas..... 101
Gráfico 3 Consideraram válido o projeto que foi desenvolvido..... 101
Gráfico 4 Como foi a experiência de diagramar uma revista digital e ver o resultado..... 102
Gráfico 5 Parte do projeto que mais chamou a atenção..... 102
Gráfico 6 As aulas ou as atividades exigidas nas disciplinas são mais atraentes e interativas quando se utilizam recursos tecnológicos..... 103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

TCD – Tecnologia de Comunicação Digital.

ODEA – Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem.

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

AEE – Atendimento Educacional Especializado.

LP – Língua Portuguesa.

P1 – Professora de Literatura.

P2 – Professora de Arte.

P3 – Professora de Língua Portuguesa.

ÍNDICE

EDITORIAL..... 17

PAUTA 1 ÁGORA ATENIENSE: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA, RIZOMA, EXPERIMENTAÇÃO E TRANSVERSALIDADE..... 26

1.1 EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E RIZOMA..... 27

1.1.1 Filosofia da Diferença e a Experimentação..... 32

1.2 POR UMA EDUCAÇÃO TRANSVERSAL..... 36

1.2.1 Haicai: a poesia em três versos..... 39

PAUTA 2 ÁGORA GREGA: A EDUCAÇÃO NA ERA DA CONVERGÊNCIA.... 42

2.1 A ESCOLA E O PROFESSOR NA ERA DA CONVERGÊNCIA..... 42

2.2 A APRENDÊNCIA FRENTE ÀS MULTIPLICIDADES DO SÉCULO XXI..... 51

2.3 O HIPERTEXTO NA CONSTRUÇÃO DE LINHAS RIZOMÁTICAS..... 55

PAUTA 3 ROTEIRO DA PESQUISA..... 59

3.1 TIPO DE PESQUISA..... 59

3.2 PERSPECTIVA METODOLÓGICA..... 60

3.3 *CORPUS* / SUJEITOS E CONTEXTO DA PESQUISA..... 61

PAUTA 4 ACRÓPOLE: PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS..... 64

4.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E GERAÇÃO DE DADOS..... 64

4.2 FOTOGRAFIAS TRABALHADAS NO PRIMEIRO ENCONTRO DA PESQUISA..... 67

4.3 FOTOGRAFIAS E HAICAIS ELABORADOS PELOS ESTUDANTES..... 74

4.4 RESENHAS CRÍTICAS ELABORADAS PELOS ESTUDANTES..... 81

4.5 ÁGORA: UMA EXPERIMENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA..... 93

4.6 APRESENTAÇÕES NA ÁGORA ESCOLAR..... 100

4.7 DIÁRIO DE BORDO: O QUÊ? SIM? NÃO? POR QUÊ? PORQUE..... 110

PAUTA 5 DISCURSO DE FIM DE TARDE..... 114

REFERÊNCIAS..... 121

ANEXOS..... 126
ANEXO 1 Parecer do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE..... 127
ANEXO 2 Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo..... 199
ANEXO 3 Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... 130

APÊNDICES..... 132

AGRADECIMENTOS

Gratidão (Eu Agradeço)
Marie Gabriella

Eu sou a grandeza do Universo
As faíscas que brilham na imensidão
De estrela sou chamado muitas vezes
Grande sol que ilumina a escuridão

Não hesitem em me procurar
Tenho poder e mais tudo que precisar
Sou os cometas que deixam rastros no céu
As correntezas velozes que vão pro mar

Eu agradeço, eu agradeço, eu agradeço
Eu agradeço, eu agradeço

*Se as flores se **misturam** nos canteiros*
*Os ideais podem também se **misturar***
Se as cores se complementam nos desenhos
*As **diferenças** podem se **complementar***

Não há melhor, não há grande nem pequeno
O que há é muito o que trabalhar
Cada um fazendo o seu direito
Só alegria e belezas vão brotar

Deste jardim cujo sou o jardineiro
E de amor eu sempre vou regar
És a fonte deste amor tão verdadeiro
O meu herdeiro, quem eu vou sempre cuidar

Só lhe peço verdade e respeito
Com aquele que te fez e te criou
Esse é um sábio procedimento
Para poder aumentar o seu valor

O resto é só lembrar de agradecer
Para ter sempre paz no coração
Aproveitar tudo o que merecer
E deixar a vida em minhas mãos

Eu agradeço, eu agradeço, eu agradeço
Eu agradeço, eu agradeço

Agradeço a Deus por ser o meu porto seguro, minha fonte de fé e de coragem, por me proteger em todas as viagens, que não foram poucas, e em todas as mudanças que foram necessárias à minha evolução.

Aos meus avós maternos, Miloca Gregory e Egídio Gregory *(in memoriam)*, agradeço por todos os ensinamentos transmitidos, por todas as vezes em que me acolheram em sua casa, quando minha mãe ia à escola lecionar e o meu pai tinha os seus afazeres na lavoura. Foram tantos jogos de baralho, não é mesmo?! Aos senhores, minha gratidão eterna.

Aos meus avós paternos, Antonieta Nichele dos Santos e Mariovalti Prousse dos Santos *(in memoriam)*, agradeço por todos os ensinamentos, lições que me passaram e pelas acolhidas. Por isso, hoje, tento retribuir de forma singela todo esse amor em mim depositado. Aos senhores, minha gratidão eterna.

Minha mãe Marcia, minha rainha, meu exemplo, minha guia, minha maior incentivadora. Sei que a senhora se dedicou anos à educação, como professora e diretora de escola. Obrigada por priorizar os estudos a mim e aos meus irmãos. Olhar para a senhora me dá coragem, força e perseverança para seguir sempre em frente. Afinal, essas são algumas das suas características, as quais são impossíveis nominar todas, pois eu encheria muitas páginas de adjetivos. Esta conquista também é sua! Sou eternamente grata à senhora!

Meu pai Adair: altruísta, formado na faculdade da vida. Sempre com ensinamentos sábios para repassar. A sua sensibilidade mostra o quanto devemos lutar por aquilo que amamos e que nos faz feliz. Obrigada por incentivar os meus estudos, por vibrar com as minhas conquistas e por me esperar sempre de braços abertos quando eu retornava de Cascavel. O seu otimismo, a sua positividade e a sua espiritualidade elevada, me fizeram compreender que podemos ir além e um pouco mais, se assim desejarmos. Sou eternamente grata ao senhor!

Meus irmãos, Adam e Cadmo, os quais fizeram parte da fase mais doce e genuína da vida, a minha infância. Foram tantas descobertas, experiências e momentos compartilhados, os quais contribuíram na nossa formação como seres humanos e em nosso campo imaginário com tantas histórias que ouvíamos de nossos pais. Obrigada por serem meus exemplos, por estarem sempre torcendo, incentivando e aplaudindo as minhas conquistas. Sei que esse sentimento é o mais puro e verdadeiro.

Agradeço ao meu namorado, Rafael Krewer, por todo apoio, incentivo e paciência nesta fase. Foram muitos os momentos em que convivemos com a distância, mas mesmo assim, sempre se fez presente, preocupado e atencioso. Obrigada por apoiar as minhas escolhas, sonhar comigo os meus sonhos e embarcar nesta viagem, que se chama vida, comigo. Da mesma forma, agradeço a sua família, Marilei e Marino Krewer, Tainara e Junior Konrath, por sempre compreenderem as minhas ausências, respeitar e incentivar as minhas escolhas.

À minha orientadora, Beatriz Helena Dal Molin, agradeço imensamente a oportunidade de ter convivido com um ser tão especial e iluminado. Além de ser uma orientadora exemplar, ainda tive o prazer de me aproximar de uma pessoa com um coração imenso, generoso e caridoso. Acolheu-me tantas vezes, tão fraterna sempre. Gratidão hoje e sempre!

Agradeço à banca de qualificação, professora Jacicarla Souza e professor Acir Dias da Silva, por todas as contribuições pertinentes naquela fase do trabalho. Agradeço também à banca final, professores Acir Dias da Silva, Antonio Donizeti Cruz e Dóris Roncarelli.

Aos meus amigos, agradeço por serem fiéis companheiros de caminhada, àqueles da minha cidade natal, São Martinho-RS, em especial à minha amiga Magda Maytê Blatt, por ser o meu ombro amigo, pelas inúmeras palavras de apoio, de incentivo e por torcer incansavelmente por mim. É a amizade mais sincera e verdadeira que eu poderia ter. Você é a irmã que a vida me presenteou!

Aos amigos da Graduação, que Frederico Westphalen-RS me apresentou, principalmente, as “Amis”, obrigada por sempre torcerem por mim. Agradeço aos colegas do Mestrado, em especial às colegas que se tornaram amigas e foram um lindo presente que recebi, Daiane Mari da Silva Pierezan e Heloyse Rossi, minhas companheiras de trabalhos, seminários, artigos... Que estavam sempre ao meu lado para dividir alegrias, angústias e experiências. Ter vocês ao meu lado nesta fase foi maravilhoso.

Às amigas que conheci em Cascavel-PR, as quais muito me ajudaram, me deram apoio e dividiram esta etapa especial comigo. Obrigada, Bruna Padilha e família, por todas as acolhidas e por tantos momentos que dividimos juntos. Serei eternamente grata. Agradeço também, à Adriana Karvatte, Ivone de Oliveira e Julia Cristina Granetto Moreira, pelo companheirismo.

Agradeço aos funcionários e aos professores do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação da Unioeste.

Agradeço à Escola Estadual de Educação Básica São Martinho por abrir as portas para que eu pudesse desenvolver a presente pesquisa de Mestrado, dando todo o suporte necessário para que tudo fosse realizado. Retornar à essa escola foi gratificante e recompensador.

Agradeço às professoras envolvidas na pesquisa, Iara Cristina Roos (Componente Curricular Arte), Lovaine Maria Corrêa Gubiani (Componente Curricular Literatura) e Rosane Claudete Maffacioli (Componente Curricular Língua Portuguesa), por terem me recebido de braços abertos e terem se envolvido inteiramente no trabalho.

Agradeço a todos os estudantes que fizeram parte da pesquisa, pela dedicação, comprometimento e responsabilidade que depositaram em todas as atividades. Vocês foram peças centrais para que a Experimentação acontecesse e fosse realizada com tamanho entusiasmo.

À CAPES, agradeço por patrocinar esta pesquisa. Foi com esse auxílio que a minha pesquisa pôde ser desenvolvida dessa forma, com muitos encontros e com dedicação exclusiva para trabalhar a partir do que estávamos propondo. Tenho certeza de que o meu trabalho teve um diferencial por ter tido essa oportunidade.

Um dia fui chamada de passarinho;
Em outro, de folhinha.
Hoje, entendo que as duas formas fazem todo o sentido.
Como pássaro, já voei muito. E tenho sede de voar ainda mais.
O meu coração pousa em todos os lugares, porque dentro dele só há espaço para o amor.
Como folhinha, conecto-me a minha principal fonte de energia, à natureza. Assim, me perco e me encontro, passo pelas estações (pessoas) deixando as minhas marcas, anunciando novos ciclos e fechando outros. Neste movimento nômade, carrego sempre algo bom delas. O vento me leva como a levitude da vida, na hora certa, por caminhos inesperados.
Seja pássaro, seja folha, tenho necessidade da principal característica dos dois: LIBERDADE!

Tonie Maria Gregory dos Santos

SANTOS, Tonie Maria Gregory dos. *Experimentação Pedagógica no Processo de Aprendência: uma Interconexão Tecnológica, Transdisciplinar e Transversal*. 2019. 133 f. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NO PROCESSO DE APRENDÊNCIA: UMA INTERCONEXÃO TECNOLÓGICA, TRANSDISCIPLINAR E TRANSVERSAL

RESUMO

O trabalho, intitulado **Experimentação pedagógica no processo de Aprendência:** Uma interconexão tecnológica, transdisciplinar e transversal, vinculado à linha de pesquisa *Linguagem: Práticas Linguísticas, Culturais e de Ensino* do Mestrado em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, pretende trazer contribuições ao espaço escolar, à sala de aula, aos professores e aos estudantes, no que concerne ao domínio das Tecnologias de Comunicação Digital (TCD), com a produção de Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem (ODEA). A escolha por esse tema se justifica pela necessidade de produção de materiais didáticos digitais em sala de aula. As disciplinas que fizeram parte da presente Experimentação Pedagógica foram Arte, Língua Portuguesa e Literatura. Objetivamos, inicialmente, propiciar uma Experimentação em sala de aula, na qual estudantes também foram agentes centrais da atividade, fazendo uma interconexão tecnológica e pedagógica com a turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho–RS. Realizamos ações produzindo ODEA, em que o ensino e a pesquisa estavam interligados, ou seja, fizemos uma conexão entre a universidade e a escola. Os autores que dão suporte a este trabalho foram sendo escolhidos conforme se determinavam os temas de abrangência da pesquisa. Dentre eles estão, Aparecida Cruz (2010), Basarab Nicolescu (1999); Beatriz Helena Dal Molin (2003); Edgar Morin (2000); Félix Guattari (1995); Gilles Deleuze (1988, 2001); Hugo Assmann (2000, 2007); Marc Prensky (2001); Octavio Paz (2006); Pierre Lévy (1999, 2000). Discutimos neste trabalho sobre educação, tecnologia, rizoma, Experimentação, transversalidade, Filosofia da Diferença, Haicai, mídias de convergência, Aprendência, multiplicidades e hipertexto. O trabalho de abordagem qualitativa, de cunho etnográfico, é sustentado pela pesquisa-ação, a qual busca refletir sobre o emprego da Tecnologia de Comunicação Digital na escola a partir da atuação e reflexão da pesquisadora e dos pesquisados. Apresentamos os procedimentos de coleta e análise de dados e os ODEA produzidos nas disciplinas durante a Experimentação Pedagógica. Trazemos ainda, o discurso de fim de tarde e as referências utilizadas como aporte para este estudo. Constatamos, no decorrer da pesquisa, que se faz necessário ampliar o campo investigativo nessa área e que faltam estudos voltados para a prática e o cotidiano em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia, Experimentação Pedagógica, Transversalidade, Transdisciplinaridade, Aprendência.

SANTOS, Tonie Maria Gregory dos. *Pedagogical Experimentation in the Learning Process: A technological, Transdisciplinary and Transversal Interconnection*. 2019. 133 f. Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

PEDAGOGICAL EXPERIMENTATION IN THE LEARNING PROCESS: A TECHNOLOGICAL, TRANSDISCIPLINARY AND TRANSVERSAL INTERCONNECTION

ABSTRACT

The work, called **Pedagogical Experimentation in the Learning Process:** A technological, transdisciplinary and transversal interconnection, linked to the research line *Language: Linguistic, Cultural and Teaching Practices* in the Master of Art from the State University of the West of Paraná, intends to bring contributions to the school space, to the classroom, to the teachers and to the students, in relation to the Digital Communication Technologies (DCT), with the production of Digital Learning Objects (DLO). The choice for this theme is justified by the need to produce digital didactic materials in the classroom. The subjects that were part of this Pedagogical Experimentation were Art, Portuguese Language and Literature. We initially intended to provide a classroom experimentation, in which students are also central agents of the activity, making a technological and pedagogical interconnection with the 2nd year class of High School from the São Martinho-RS State School of Basic Education. We carried out actions producing DLO, in which teaching and research were interconnected, that is, we made a connection between the university and the school. The authors who support this work were chosen according to the themes of the research scope. Among them are Aparecida Cruz (2010), Basarab Nicolescu (1999); Beatriz Helena Dal Molin (2003); Edgar Morin (2000); Félix Guattari (1995); Gilles Deleuze (1988, 2001); Hugo Assmann (2000, 2007); Marc Prensky (2001); Octavio Paz (2006); Pierre Lévy (1999, 2000). We discuss in this work about education, technology, rhizome, Experimentation, transversality, Philosophy of Difference, Haicai, convergence media, Learning, multiplicities and hypertext. The work of a qualitative and ethnographic approach is supported by action research, which seeks to reflect on the use of digital technology in school based on the performance and reflection of the researcher and the researched ones. We present the data collection and analysis procedures and the DLO produced in the subjects during the Pedagogical Experimentation. We also present the evening discourse and the references used as contribution for this study. We find, in the course of the research, that it is necessary to expand the field of research in this area and that there is a lack of studies focused on practice and daily life in the classroom.

KEY-WORDS: Technology, Pedagogical Experimentation, Transversality, Transdisciplinarity, Learning.

EDITORIAL

Pela primeira vez na história da humanidade, a maioria das competências adquiridas por uma pessoa no começo de seu percurso profissional serão obsoletas no fim de sua carreira.

Pierre Lévy

Desenvolver uma pesquisa voltada ao tema sobre a aplicação da Tecnologia de Comunicação Digital (TCD)[1] no cotidiano das salas de aula é desafiador. Ainda existem muitas barreiras interpondo-se para o seu uso. Iniciamos nosso estudo sobre a presença da tecnologia em um ambiente escolar, a partir de um Projeto de Pesquisa e Extensão, do qual participamos na graduação no ano de 2012. Esse evento estudantil e educativo nos levou a perceber a falta de equipamentos em muitas escolas e o quanto os professores ainda não se sentem à vontade para utilizar diferentes dispositivos da TCD em suas aulas, além do fato de que, apesar de algumas escolas possuírem equipamentos tecnológicos, faltam instruções de uso adequado e eficiente dos aparatos, bem como capacitação de professores, no sentido de que compreendam a importância de uma nova configuração para a educação e para a formação dos seus estudantes.

O objetivo proposto para nossa pesquisa está voltado a constatarmos o quanto de importância há no fato de fazer com que o estudante ganhe a centralidade no processo de Aprendência[2]. Já que nesse processo o professor desenvolve as suas atividades, mas também aprende com os estudantes a dominar a tecnologia, ainda mais em contextos nos quais a TCD, que faz parte da vida dos nativos digitais[3] (PRENSKY, 2001), é facilmente dominada por eles, enquanto que o professor como

[1] Segundo Catapan (2001, p. 3) "TCD: Tecnologia de Comunicação Digital: concerne às novas formas de informação e comunicação com base na linguagem digital".

[2] O termo Aprendência, segundo Assmann (2000), indica que no processo educativo há uma nova configuração do estudante como agente que vai buscar e não apenas adquirir conhecimentos já produzidos, mas em um processo de trocas e conexões colaborativas vai construindo o seu próprio conhecimento.

[3] Assim denominados por Prensky (2001) os estudantes da cultura da convergência.

migrante digital tem algumas dificuldades. É uma participação colaborativa, na qual ambos aprendem e ensinam.

Como sabemos, os dispositivos tecnológicos estão presentes no cotidiano de muitas pessoas, o que não é diferente entre os adolescentes, por isso, é interessante fazer uma interconexão entre as tecnologias que estão sendo utilizadas constantemente e o processo de Aprendência. Acreditamos que tais ferramentas podem ser positivas nas vivências pedagógicas, uma vez que assim, elas estarão sendo utilizadas para fins educativos e não somente para entretenimento.

No momento em que o aprendente passa a ser protagonista do processo, e não ser apenas um ente passivo, que recebe os conteúdos, sem refletir e sem trazer os mesmos para uma interconexão com a realidade[4], a tecnologia pode contribuir positivamente neste percurso de busca de informações para que com criticidade possa ser transformada em conhecimento que, partindo do real para a abstração, ou em uma nova territorialidade, esse conhecimento possa se desterritorializar da escola e voltar ao real, melhorando aspectos dele.

O presente trabalho tem como objetivo primeiro, realizar a Experimentação Pedagógica[5], que no sentido Deleuziano:

> [...] Distinguem-se das categorias da representação sob vários pontos de vista. Primeiramente, ela é condição da experiência real e não apenas da experiência possível. É mesmo neste sentido que, não sendo mais ampla do que o condicionado, reúnem as duas partes da Estética, tão infelizmente dissociadas, a teoria das formas da experiência e a da obra de arte como experimentação (...). Estas, com efeito, nem são universais, como as categorias, nem hic et nun c, now here, como o diverso a que as categorias se aplicam na representação, (...) [mas o] objeto de um encontro essencial e não de uma recognição (DELEUZE, 1988, p. 448).

Esta Experimentação Pedagógica foi desenvolvida em uma turma de 2º ano do Ensino Médio, em que as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte foram envolvidas no processo.

Entendemos que é relevante fazer uma interconexão entre as disciplinas, para não agravar o conhecimento em partes, como nos lembra Morin (2000, p. 48),

[4] Neste estudo, vamos nos referir à realidade como um conjunto de coisas existentes no cotidiano dos estudantes, assim como as relações que ela mantém com estes, ou seja, o contexto social, histórico, cultural e econômico do qual eles fazem parte.

[5] Fazendo referência à pedagogia, ciência esta que tem como objeto de análise a educação, sua metodologia e princípios. Assim, as ações pedagógicas envolvem teorias sobre educação e sobre o ensino.

“novo saber, por não ter sido religado, não é assimilado nem integrado. Paradoxalmente assiste-se ao agravamento da ignorância do todo, enquanto avança o conhecimento das partes”.

Cada partícipe escolheu a leitura de um romance e, após lê-lo, produziu uma resenha e um vídeo, contando a história, bem como fotografias e, a partir delas, foram compostos Haicais[6], os quais foram apresentados em sala de aula com o auxílio de um ODEA[7]. Antes da produção da resenha sobre o livro, a turma realizou um ensaio, escrevendo uma resenha com base em um filme.

Todo o processo e o que resultou dele, foi editado e postado em uma Revista Digital, intitulada “Ágora[8] Contemporânea”, que foi criada juntamente com os pesquisados com a finalidade de dar às elaborações didáticas dos estudantes uma visibilidade e um destino que os levassem a esperar para ver o resultado de seu trabalho fazendo parte de uma produção coletiva. Outra razão para este movimento da Experimentação Pedagógica é o de permitir a criatividade, a criação e a interação dos estudantes em um jogo de alternância entre disciplinas diversas, ou seja, com foco transdisciplinar e transversal, a partir do momento em que sua criação ganha asas para além do ambiente pedagógico. Para tanto, os estudantes fizeram buscas e conexões fora da escola, no meio social, na família, levando em consideração a realidade e o contexto do qual são parte.

As atividades como Experimentação Pedagógica foram desenvolvidas no espaço escolar em consonância com a imersão tecnológica, tendo em vista ser ela um meio para estabelecer uma atividade e uma vivência que pudemos avaliar se ela

[6] O Haicai, também é conhecido de “Haiku” ou “Haikai”. É um poema curto de origem japonesa. A palavra Haicai é formada por dois termos “*hai*” (brincadeira, gracejo) e “*kai*” (harmonia, realização), ou seja, representa um poema humorístico. Esta estrutura poética foi criada no século XVI e acabou se popularizando pelo mundo. Apesar de serem poemas sucintos e objetivos, os Haicais são poemas carregados poeticamente. Os escritores que escrevem os Haicais são chamados de haicaístas.

[7] Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem (ODEA) são definidos como “qualquer entidade, digital ou não digital, que pode ser utilizada, reutilizada ou referenciada, apoiada pelas tecnologias”, bem como “qualquer recurso que possa ser reutilizado para suporte ao ensino” (RONCARELLI, 2012, p. 107). Neste estudo, os ODEA são entendidos como “microunidades de conhecimento, concebidos, desenvolvidos e disponibilizados em ferramentas de comunicação digital, desde as mais sofisticadas às mais simples” (RONCARELLI, 2012, p. 40).

[8] Escolhemos denominar nossa revista de Ágora Contemporânea para justamente trazer o espírito das ágoras gregas ou atenienses que consistiam em assembleias nas quais os gregos podiam decidir sobre temas ligados à justiça, obras públicas, leis, cultura etc. Os cidadãos votavam e decidiam por meio do voto direto. Também era um espaço público de debates para os cidadãos gregos. Ágora também possuía finalidades religiosas (eventos, cerimônias) e econômicas (negociações, acordos econômicos, comércio de mercadorias, etc). Nossa Ágora Contemporânea reúne o imaginário de nossos pesquisados em um *locus*, comum e de fácil e ágil divulgação (Fonte da consulta: https://www.suapesquisa.com/o_que_e/agora.htm).

é compatível com a turma, com a série e com a realidade social de cada estudante, levando-se em conta que a Experimentação é válida por ser uma vivência que o professor e os estudantes podem construir, para testar formas de desenvolver e criar novos conhecimentos.

Essa forma de atividade pedagógica leva em consideração todos os contextos envolvidos no espaço escolar, como o social, econômico e cultural da comunidade em que a escola está inserida. Além destes pontos, temos ainda as singularidades de cada estudante, que foram preponderantes no processo da Experimentação Pedagógica. É por meio das atividades da Experimentação que o professor observa com outro olhar a forma como o aprendente expõe a sua opinião, como apresenta sua capacidade de transformar informação em conhecimentos novos que possam ser aplicados a contextos sociais que necessitam de uma recontextualização, que o estudante torna-se protagonista do processo de aprender e, também, de ensinar, ou seja, passa a ser o responsável pela sua Aprendência e pela Aprendência do grupo como um corpo social que atua na escola e por extensão na sociedade, incentivado e motivado pela postura atenta do professor. Ao se trabalhar a partir da visão deleuziana de Experimentação, acrescentamos a esta, a tecnologia em sala de aula, levando o estudante a uma percepção mais aguçada e direta com a realidade.

O desenvolvimento de uma pesquisa nessa área requer cuidado com as figuras do professor e do estudante, tendo em vista que ambos são fundamentais no processo e, aqui, andam lado a lado. O professor como mediador e incentivador da busca do conhecimento e o estudante como protagonista deste evento educativo, onde os dois saem enriquecidos da Experiência de ensinar e aprender, em um processo transversal que ultrapassa as fronteiras das disciplinas e da sala de aula.

O objetivo geral deste trabalho foi propiciar uma Experimentação em sala de aula, na qual estudantes são agentes centrais da atividade, fazendo uma interconexão tecnológica e pedagógica com a turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho–RS.

As disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte saíram do papel para invadir o espaço digital de modo transdisciplinarizado e transversalizado, em uma atividade na qual os partícipes assumiram o papel de “repórteres” juvenis, fazendo as palavras entrarem em ação.

Como defende Augusto Boal (1975) ao afirmar que:

> As palavras são seres vivos que saem vivas da boca dos seres humanos. Cada palavra é uma dor, uma esperança, um sofrimento. É um sentimento corporificado, que ganha forma e cor; uma ideia que ganha peso; um ente abstrato que se consubstancia, que se torna em coisa. Somos uma coisa: as palavras (BOAL, 1975, p. 36).

Pela ação, se quis compreender se o ambiente digital pode ser um auxílio eficiente no processo de aprendizagem, mais especificamente, na construção de um ODEA, que, nesse caso, é a Revista Digital, mas também verificar até que ponto a transdisciplinaridade, a transversalidade e os encaminhamentos que a Experimentação demanda, de respeito à singularidade em plena atividade de multiplicidades, pode ocorrer no cotidiano do fazer pedagógico nas escolas.

Como objetivos específicos, elencamos os seguintes: Desenvolver a Experimentação no processo de Aprendência. Averiguar, inicialmente, as opiniões das professoras das disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho, sobre o uso de tecnologias nas vivências pedagógicas. Discutir com as professoras e com os estudantes sobre as possibilidades de se utilizar a tecnologia no ambiente escolar. Conhecer o território, desterritorializá-lo e reterritorializá-lo, mostrando os recursos tecnológicos para a produção de novos conhecimentos. Produzir a Revista Digital "Ágora Contemporânea" com as professoras de Língua Portuguesa, Literatura e Arte e a turma de 2º ano, utilizando os materiais elaborados nas disciplinas. Levar os estudantes a assumirem o papel de "repórteres" juvenis, lendo, escrevendo, fotografando e deixando florescer o imaginário. Vivenciar a transdisciplinaridade a partir dos conteúdos de Língua Portuguesa, Literatura e Arte em busca do transversal. Demonstrar, ao final da pesquisa, se a Tecnologia de Comunicação Digital pode ser ou não um auxílio eficiente para os professores nas vivências pedagógicas.

Nesta pesquisa, a escola, os professores e os estudantes foram os maiores beneficiados. Tendo em vista que, à escola foi um impulso para que o laboratório que a mesma dispõe, pudesse ser melhor utilizado, as professoras tiveram a oportunidade de incluir recursos tecnológicos em sala de aula, não tendo tanto receio para sua utilização. Os estudantes foram beneficiados com atividades interativas e atraentes.

A Experimentação no processo de Aprendência envolveu textos, fotografias e a elaboração de uma Revista Digital, pois compreendemos que estamos assim, construindo uma interconexão para além da tecnologia. O título da revista é “Ágora Contemporânea”, trazendo para o palco o sentido da Ágora Ateniense, denominação dada às praças públicas na Grécia Antiga, nas quais ocorriam reuniões e nestas, os atenienses[9] discutiam assuntos ligados à vida de sua pólis ou cidade. Nossa Ágora Contemporânea constitui-se em um palco para o imaginário dos sujeitos da pesquisa, que nos propiciam o desenvolvimento da “Experimentação Pedagógica no processo de Aprendência: uma interconexão tecnológica, transdisciplinar e transversal”.

Esta pesquisa serviu para levantarmos as possibilidades sobre o emprego da tecnologia como um meio eficiente ou não para a Aprendência. Constatamos como os conhecimentos de Língua Portuguesa, de Literatura e de Arte podem sair de seus compartimentos estanques, para além do papel e além de suas delimitadas fronteiras, ganhar a via da transdisciplinaridade, com novas cores, outros sons e diferentes imagens, que podem se configurar no ambiente digital, como um complemento para o que se quer ampliar e entender sobre determinado assunto.

Tais estratégias e procedimentos metodológicos, presumimos, podem acelerar o desenvolvimento cognitivo de cada estudante, uma vez que os recursos tecnológicos podem auxiliar a despertar nos jovens seu lado crítico, sua imaginação e sua criatividade. Ainda nessa perspectiva, as professoras das disciplinas que estiveram envolvidas conosco na Experimentação, acompanharam na prática todo o processo e podem dar continuidade, bem como, desenvolver as atividades sugeridas e outras mais que o emprego da tecnologia sempre suscita em termos de algo mais recente e de descobertas atuais.

Consultamos o banco de dissertações e teses da Capes[10], a fim de saber o que já foi pesquisado em relação à Experimentação no ensino, envolvendo uma atividade especificamente voltada à elaboração de uma Revista Digital. Encontramos uma dissertação, do ano de 2014, em que o enfoque era a elaboração de uma Revista Digital, mas esta abordava o ensino da Bioquímica em Ciências. A mesma não tinha caráter transversal ou transdisciplinar. Dois trabalhos ainda,

[9] Característica da pessoa que nasceu ou é naturalizada em Atenas.
[10] Banco de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível em:<http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 02 abr 2018.

abordavam o processo de ensino-aprendizagem com atividades experimentais, um de 2005, na área de Química e, o outro, de 2012, na área de Matemática. No entanto, nem um deles abordou a Experimentação com ênfase em uma atividade de elaboração de uma Revista Digital.

A primeira pauta deste trabalho, intitulada **Ágora Ateniense: Educação, Tecnologia, Rizoma, Experimentação e Transversalidade,** faz alusão ao mundo globalizado em que vivemos. A escola tem o seu papel não apenas de transmissora do conhecimento e do saber, mas de uma incentivadora da produção de novos conhecimentos críticos, participativos e interativos, fazendo com que os meios de comunicação ganhem um importante espaço na sociedade com a disseminação dos conhecimentos novos. Nesta concepção, a tecnologia traz contribuições significativas para diversos setores, o que não pode ser diferente para o espaço escolar.

Abordamos os termos Experimentação e transversalidade, pois são categorias utilizadas no decorrer da presente pesquisa e trazem um suporte importante para ela. A metodologia de aplicação Experimentação volta-se a atividades que apresentam um novo modo de olhar e agir em relação aos participantes que estudam, interagem e elaboram, como resultado da percepção de uma outra condução pedagógica, uma Revista Digital, que denominamos de Ágora Contemporânea para casar com o sentido da Experimentação e do que levamos em conta em sua elaboração, com tudo o que ela pode também trazer de essência do que um dia foi uma Ágora Ateniense. Por consequência, introduzimos na escola e na turma selecionada, uma metodologia diferente. Destarte, a Filosofia da Diferença e a Experimentação são práticas relevantes neste processo. Comentamos ainda, sobre o auxílio que a tecnologia pode trazer para as práticas de ensino e sobre os caminhos para uma educação transdisciplinar e transversal. O sentido e a presença dos Haicais também são tratados nesse capítulo, pois foi o formato de poesia, de três versos, que desenvolvemos em uma das atividades com os estudantes.

A segunda pauta, **Ágora Grega: A Educação na Era da Convergência**, trata das transformações que os avanços da ciência e da tecnologia trouxeram e que, por isto, a escola e o professor devem fazer possíveis adaptações. A tecnologia coopera nesse sentido, possibilitando que a escola seja um ambiente mais conectado com a atualidade. Já para o professor, a tecnologia pode ser um auxílio nas práticas de

ensino e na aproximação do professor com os nativos digitais. Tratamos sobre a Aprendência, pois ela está interligada na Experimentação desenvolvida e com a questão das trocas entre professor e estudante, aquele detentor de um conhecimento mais avançado, este detento da aquilidade de lidar com aparatos tecnológicos, palco perfeitamente amigável para que as trocas da Aprendência ocorram, pois quem ensina aprende e quem aprende ensina. Neste sentido, torna-se necessário comentarmos sobre o importante espaço que o hipertexto ganhou. Abordamos também as multiplicidades e o século XXI, fazendo conexão com o capítulo anterior, discutimos como a escola precisa introduzir novos letramentos nas vivências dos estudantes.

> As redes funcionam como estruturas cognitivas interativas pelo fato de terem características hipertextuais e pela interferência possível do conhecimento que outras pessoas construíram ou estão construindo. Com isso, o/a aprendente pode assumir o papel de verdadeiro gestor dos seus processos de aprendizagem (ASSMANN, 2000, p. 19).

O multiletramento traz uma gama de possibilidades diferentes para a aquisição do saber e faz uma interconexão com o mundo globalizado.

Na terceira pauta, abordamos o **Roteiro da Pesquisa**, a perspectiva teórica, o tipo e a perspectiva metodológica de pesquisa. Apresentamos também os sujeitos e o contexto da mesma e detalhamos os procedimentos de coleta e geração de dados. Estas informações pertinentes levam ao entendimento da Experimentação realizada.

A quarta pauta, nomeada **Acrópole: Procedimento de Coleta e Análise de Dados**, exibimos o desenvolvimento da pesquisa e geração de dados, a fim de auxiliar no entendimento da Experimentação que foi realizada. Mostramos ainda, a verificação dos dados levantados com a Experimentação Pedagógica. Por fim, mostramos o processo, a Experimentação e a que resultados a pesquisa chegou.

Todos os dados levantados serviram de base para responder à inquietação deste trabalho: “É possível fazer com que as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte saiam do papel, realizando a interdisciplinaridade e a transversalidade valendo-se do meio digital e do processo da Aprendência, por parte dos atores do ato educativo?”. Tendo em vista que,

> Pela literatura a palavra alcança o patamar da arte e o homem, enfim, pode, por meio dela, externar toda a poesia da vida, revelando

> sua natureza sensível e criadora, ainda mais se fizer uso dos recursos que a tecnologia pode lhe propiciar (DAL MOLIN, 2003, p. 60).

Os autores que dão suporte a este trabalho foram sendo escolhidos conforme se determinavam os temas de abrangência da pesquisa. Dentre eles estão, Basarab Nicolescu (1999), Hugo Assmann (2000, 2007); Gilles Deleuze (1988, 2001), Edgar Morin (2000); Pierre Lévy (1999, 2000), Marc Prensky (2001); Octavio Paz (2006), Aparecida Cruz (2010), Sílvio Gallo (1994), Carla Coscarelli (2016), Beatriz Helena Dal Molin (2003) e Roxane Rojo (2012, 2013).

Esperamos com a presente pesquisa, que professores e estudantes tenham a possibilidade de experimentar os recursos tecnológicos nas vivências pedagógicas, sentindo-se mais à vontade frente à tecnologia. Que a educação seja vista amplamente, para além das ciências fragmentadas, onde o plano cartesiano, presente nas escolas, ganhe conexões rizomáticas e transversais. Desejamos ainda, que a comunidade acadêmica crie o hábito de utilizar em sala de aula as ferramentas disponíveis na escola, como forma de auxílio nas práticas, primando pela qualidade no ensino. Empregar uma nova ótica de ensinar e aprender, dando um novo sentido ao estudante e ao professor, ou seja, humanizando a tecnologia.

PAUTA 1
ÁGORA ATENIENSE: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA, RIZOMA, EXPERIMENTAÇÃO E TRANSVERSALIDADE

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e... e... e..." Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Neste capítulo, discorremos sobre a educação no contexto atual, em que a tecnologia permeia os diversos espaços da sociedade e o cotidiano da maioria das pessoas. Por esse ângulo, entendendo a necessidade de inserir no contexto escolar as novas tecnologias, para dar-lhe um cunho de humanização, para que também sirvam de via de conscientização e de divulgação de novos conhecimentos originados da Experimentação que concebe o ato de educar, de modo que o mais importante não seja o conhecimento que está sendo passado ao estudante, e sim, a Experimentação como uma consequência direta do dado, daquilo que constitui o sujeito e sua subjetividade. Para Deleuze (2001), a subjetividade é produzida por intensidades e pela afecção das mesmas. Neste sentido, a subjetividade não se apresenta de modo diferente das demais coisas no que diz respeito à sua origem, uma vez que a subjetividade é produto do acontecimento, dos devires, das potências que singularizam e transformam aquilo que pela potência é singular. Deleuze (2001) concebe ainda, o devir como a pura criação, como a novidade, visto ser ele um potencial que produz e transforma incessantemente os indivíduos.

A presente pesquisa, realizada em uma turma de segundo ano do Ensino Médio, culminando na elaboração de uma Revista Digital, quer responder a pergunta

deste estudo: “É possível fazer com que as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte saiam do papel, realizando a interdisciplinaridade e a transversalidade, valendo-se do meio digital e do processo da Aprendência, por parte dos atores do ato educativo?”.

Para tanto, a Experimentação como processo, pauta-se na transdisciplinaridade e na transversalidade e, neste capítulo, demoraremos- nos um pouco mais para a compreensão de sua conceituação.

As atividades realizadas pelos estudantes, desde o ensaio da resenha a partir de um filme, a elaboração dos Haicais, a gravação dos vídeos, a resenha sobre os romances, até a diagramação da Revista Digital, possuem um caráter transdisciplinar, porque dialoga com o que está previsto para Língua Portuguesa, para o conteúdo de Literatura e Arte e avança pelo transversal, no sentido de que os aprendentes pesquisam e buscam informações também fora da escola, envolvendo suas famílias na elaboração das atividades, levando em consideração a realidade distinta de cada um, bem como o contexto vivenciado.

As três disciplinas que fazem parte desta pesquisa estão atravessadas no desenvolvimento do trabalho, mas não fracionadas, pois uma colabora com a outra e, todas juntas, desempenham um papel importante para o produto final.

1.1 EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E RIZOMA

O contexto vivenciado e pesquisado nos faz reconhecer que a tecnologia está presente de forma incessante no cotidiano da maioria dos estudantes. Muitas vezes, os mesmos, em idade escolar, utilizam os recursos tecnológicos apenas como ferramenta de entretenimento e diversão. Alguns exemplos são os jogos, as redes sociais e os aplicativos de interação. Neste sentido, ao adentrarmos no contexto escolar e levando em consideração o atual momento tecnológico, entendemos que o ensino deve estar voltado para o coletivo e não apenas para o individual, fazendo com que as formas de ensinar e aprender criem conexões rizomáticas[11].

[11] Significado de Rizoma segundo Deleuze é uma forma em que o pensamento se abre como raízes, como uma espécie de vinco, de braços abertos dentro de uma trajetória que interrompem o fluxo contínuo do tradicional e abre novas formas de articulações dos elementos. O conceito de rizoma é tratado por Deleuze e Guattari, em suas obras, a partir da ideia de que: É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas ao contrário, de maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões que se dispõe, sempre n-1. (…) Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, e a erva daninha.

Quando falamos em conexões rizomáticas no espaço escolar, recorremos aos filósofos franceses Deleuze e Guattari (1995), os quais nos ajudam a entender o conceito de rizoma e sua importante contribuição na presente pesquisa:

> Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza. [...] O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. [...] Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a *n* dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consciência e do qual o Uno é sempre subtraído (n-1). Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre esses pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linhas de fuga ou de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Em consonância com os autores supracitados, os conceitos de rizoma fazem relação com a presente pesquisa, assim como a Experimentação, fundamentada nos mesmos filósofos e aplicada na pesquisa. Pela realização da Experimentação, enfatizamos que a escola precisa caminhar em direção às mudanças vigentes, ou seja, inserir em suas práticas novas estratégias de ação que apontem para como ensinar e aprender no século XXI, que difere do século passado, pautando na Aprendência e utilização de recursos tecnológicos digitais, como uma via para a humanização tanto dos ambientes escolares, quanto da tecnologia que precisa ter a dimensão do humano.

Ao encontro disso, os modelos de ensino devem estar conectados ao rizoma, tecendo linhas de fuga que levam a novas ramificações, que se apresentem como liames, sem que haja um ponto de início ou fim. Deleuze e Guattari (1995) comentam que estas linhas não podem ser relacionadas com estruturas arbóreas[12], pois estas fazem conexões entre pontos e posições definidas. O rizoma, tendo suas

---

(…) Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 13-14).

[12] Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995) denominam o conhecimento arbóreo como fracionado, hierarquizado, que está ligado a um modelo cartesiano. Assim, os filósofos nos apresentam um conhecimento rizomático, que é maleável, aceita o novo e o diferente, o que faz dele um modelo pertinente e conectado ao contexto atual.

linhas de fuga, faz rupturas, cria, recria, caracterizando-se por não ter um modelo linear, como o arbóreo possui. Com este modelo, o aprendente não precisa seguir uma linha rigidamente definida, mas pode escolher linhas diferenciadas e, até mesmo, criar as suas linhas, decidindo quando desterritorializar-se e quando reterritorializar-se ao espaço do conhecimento e da experiência que decidiu vivenciar.

Assim, levando em consideração o conceito de rizoma para o espaço escolar e a Experimentação, é importante que professores e estudantes se sintam motivados para produzirem novos conhecimentos, outras formas de tratar o conhecimento já produzido pela humanidade de modo que se possa de um mesmo conteúdo apresentar e vislumbrar diferentes pontos de vista, diferentes visões de mundo e de singularidades. Os estudantes podem valer-se da tecnologia, utilizando para isso os recursos de áudio, vídeo e o meio digital, uma vez que o processo por nós orientado deve ser pensado e realizado de maneira coerente com a realidade, com a cooperação, com a interação, o respeito mútuo e a interatividade, já que os estudantes, ao serem protagonistas, estarão criando e não apenas propagando conhecimento.

Dal Molin (2003, p. 132) ajuda entender esse processo:

> Basta para tanto que haja uma firme vontade política por parte dos envolvidos na educação para que se conduzam e concretizem ações individuais e coletivas que estabeleçam marcas, que promovam mudanças mais profundas e em maior âmbito e então contra o fato e o feito de uma educação melhor não haverá argumentos contrários.

Nesse sentido, a autora supracitada fala sobre a tecnologia digital no ambiente escolar, envolvendo o processo comunicacional:

> A tecnologia digital permitiu ampliar o leque de linguagens. Assim, a escrita deixa de ser a única linguagem para dar lugar a uma orquestra semiótica que harmoniza imagem, som, movimento e simulação, possibilitando originar ambientes infocomunicacionais alternativos que estão a serviço da virtualização (DAL MOLIN, 2003, p. 143).

A partir das palavras de Dal Molin (2003), compreende-se que o ambiente escolar pode valer-se de alternativas de ensino com o auxílio da tecnologia. As aulas podem ser ministradas de forma interativa, dinâmica e atraente, com jogos, brincadeiras no ambiente digital, tendo em vista que ele já faz parte do cotidiano do

estudante, a partir de uma concepção de que, educar nos dias atuais, é diferente do que se educou em tempos passados.

Vivendo em um mundo digital, não se pode dizer que as crianças não brincam mais no século XXI, pois, assim como tantas outras coisas, as brincadeiras também foram recriadas e adaptadas a uma era que está concentrada em uma cultura em rede e conectada à realidade em que estão inseridas. Neste estudo, referimo-nos à realidade como um conjunto de coisas existentes no cotidiano dos estudantes, assim como as relações que ela mantém com estes, ou seja, o contexto social, histórico, cultural e econômico do qual eles fazem parte.

Neste sentido, a escola deve, por isso, estar atenta ao que se joga e que tipo de jogo está sendo disponibilizado. Não é pela omissão e pelo desconhecimento que a escola irá se eximir de sua responsabilidade de orientar as escolhas. Comentam os autores:

> A nova geração, que aprendeu a lidar com novas tecnologias, está ingressando em nosso sistema educacional. Essa geração, que chamamos geração *Homo zappiens,* cresceu usando múltiplos recursos tecnológicos desde a infância: o controle remoto da televisão, o *mouse* do computador, o minidisce, mais recentemente, o telefone celular, o *iPod* e o aparelho de mp3. Esses recursos permitiram às crianças de hoje ter controle sobre o fluxo de informações, lidar com informações, mesclar comunidades virtuais e reais, comunicarem-se e colaborarem em rede, de acordo com suas necessidades (VEEN; VRAKKING, 2009, p. 12).

Conforme os autores, as crianças desta nova era cresceram conectadas aos múltiplos recursos que a rede oferece, o que para muitas pessoas intimida, para os nativos digitais é natural. Eles se comunicam, buscam entretenimentos e interagem conforme suas necessidades. Tudo isso, por meio do mundo digital. Compreendemos mais uma vez, que os educadores precisam estar cientes do quão presente a tecnologia está na vida dos jovens e ter firmeza e conhecimento para orientar e fazer conexões críticas com o que está sendo disponibilizado aos nossos jovens. “A tecnologia e as novas mídias abrem um novo território semiótico, caracterizado pela hibridação de linguagens, pelo caráter hipermídia e pela conexão generalizada” (BIEGING et al., 2013, p. 6). Lévy (1999) faz uma importante colocação nesse sentido:

> Não se trata aqui de utilizar a qualquer custo as tecnologias, mas sim de *acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de*

> *civilização* que está questionando profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e, notadamente, os papéis de professor e aluno (LÉVY, 1999, p. 172).

Mesmo que a *Internet* não tenha sido desenvolvida para um fim específico, como por exemplo, a educação, ainda assim, é um recurso que pode auxiliar positivamente nas práticas de ensino em sala de aula. Nesta perspectiva, a tecnologia não soluciona problemas que enfrentamos hoje na educação, mas ela pode ser um meio para melhorar certos percalços, contribuir na aprendizagem e ser um recurso para as metodologias pedagógicas presentes em sala de aula. Lévy (1999) faz uma metáfora falando dos turbilhões que devem ser enfrentados:

> As metáforas centrais da relação com o saber são hoje, portanto, a navegação e o surfe, que implicam uma capacidade para enfrentar as ondas, redemoinhos, as correntes e os ventos contrários em uma extensão plana, sem fronteiras e em constante mudança. Em contrapartida, as velhas metáforas da pirâmide (escalar a pirâmide do saber), da escala ou do *cursus* (já totalmente traçado) trazem o cheiro das hierarquias imóveis de antigamente (LÉVY, 1999, p. 161).

Dessa maneira, com a *Internet* presente em nosso cotidiano, envoltos pela imensa gama de tecnologias, Assmann (2000) se refere a uma “sociedade da informação”, definindo o termo da seguinte forma:

> A sociedade da informação é a sociedade que está actualmente a constituir-se, na qual são amplamente utilizadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informação de baixo custo. Esta generalização da utilização da informação e dos dados é acompanhada por inovações organizacionais, comerciais, sociais e jurídicas que alterarão profundamente o modo de vida tanto no mundo do trabalho como na sociedade em geral (ASSMANN, 2000, p. 08-09).

Conforme a citação, a sociedade da informação está constantemente utilizando as tecnologias digitais que estão em nosso meio. Assmann (2000) escreve ainda que, para caracterizar uma sociedade da informação, não basta apenas ter à disposição a informação de maneira crescente, mas sim, o mais relevante é que haja um grande e contínuo processo de aprendizagem, ou seja, “é fundamental considerar a sociedade da informação como uma sociedade da aprendizagem” (ASSMANN, 2000, p. 09). Assim sendo, sabemos que as tecnologias foram se transformando em elementos constituintes do mundo, como podemos perceber:

> Isto significa que as tecnologias da informação e da comunicação se transformaram em elemento constituinte (e até instituinte) das nossas formas de ver e organizar o mundo. Aliás, as técnicas criadas pelos homens sempre passaram a ser parte das suas visões de mundo. Isto não é novo. O que há de novo e inédito com as tecnologias da informação e da comunicação é a parceria cognitiva que elas estão começando a exercer na relação que o aprendente estabelece com elas. Termos como “usuário” já não expressam bem essa relação cooperativa entre ser humano e as máquinas inteligentes. O papel delas já não se limita à simples configuração e formatação, ou, se quiserem, ao enquadramento de conjuntos complexos de informação. Elas participam ativamente do passo da informação para o conhecimento (ASSMANN, 2000, p. 10).

Estabelecendo relação com as palavras do autor mencionado, podemos dizer que as tecnologias digitais participam não só do processo de informação, o que já é relevante, mas também, estão atreladas intensamente com o conhecimento e à Aprendência. Por conseguinte, as tecnologias têm um papel constitutivo e ativo para o processo do aprender, do ensinar e do conhecer dos sujeitos. Temos nisso tudo, um desenvolvimento cognitivo, que deve ser aproveitado e explorado incansavelmente, de modo a estar em consonância com valores humanizantes e de respeito à vida do planeta como um todo.

1.1.1 Filosofia da Diferença e a Experimentação

A Experimentação realizada neste trabalho está baseada em uma diferente metodologia para ser praticada nas escolas e nas salas de aula, na qual também a tecnologia seja inserida no cotidiano escolar de modo criterioso e humanizante. Para tanto, ao falarmos da Experimentação, precisamos antes entender os conceitos de Diferença. Por isso, recorremos Gilles Deleuze (1988):

> A diferença é este estado em que se pode falar A determinação. A diferença “entre” duas coisas é apenas empírica e as determinações correspondentes são extrínsecas. Mas, em vez de uma coisa que se distingue de outra, imaginemos algo que se distingue – e, todavia, aquilo que ele se distingue não se distingue dele. O relâmpago, por exemplo, distingue-se do céu negro, mas deve acompanhá-lo, como se ele se distinguisse daquilo que não se distingue. Dir-se-ia que o fundo sobe à superfície sem deixar de ser fundo. [...] A diferença é esse estado de determinação como distinção unilateral. Da diferença, portanto, é preciso dizer que ela é estabelecida ou que ela se

> estabelece, como na expressão “estabelecer a diferença” (DELEUZE, 1988, p. 36).

Conforme Deleuze (1988), trazer o diferente para a sala de aula não é separar ou deixar de se preocupar com a parte central do processo, que é a aprendizagem, mas é reinventar o que já vem sendo feito, é permitir que novos olhares e novas formas de sensoriar o conhecimento aconteçam. Como apresentou Deleuze (1988), na educação acontece o mesmo que com o relâmpago, que acompanha o céu negro, mesmo não sendo ele. Ao trazer formas diferentes de se trabalhar em sala de aula, o professor estará acompanhando a escola e os novos rumos que a educação deve tomar, sem que se perca o caráter educativo e se retome com intensidade o sentido humanizador da educação.

Num primeiro momento, a diferença era vista como algo negativo, que não acrescentava em nenhum sentido onde era aplicada. Em contrapartida, Deleuze (1988) diz que “tirar a diferença de seu estado de maldição parece ser, assim, a tarefa da filosofia da diferença” (DELEUZE, 1988, p. 37). A sociedade, desde muito tempo, impõe padrões como certos para serem seguidos. Isto é perceptível no modelo estabelecido nos corpos ou padrões de vida e de carreira.

O que percebemos, é que o diferente daquilo que se espera de uma sociedade com padrões de beleza, por exemplo, não é aceito por todos. Ainda precisamos conscientizar muitas pessoas acerca da aceitação e do respeito que se deve ter com as diferenças. Dentro destes exemplos, nos deparamos ainda com uma resistente aceitação em relação aos homossexuais, aos negros, aos indígenas etc. As discussões nas escolas e na sala de aula precisam ser constantes quando se trata das diferenças presentes em nossa sociedade.

Por conseguinte, podemos dizer que trazer para sala de aula uma forma diferente de letramento contribui positivamente para a educação. Ao se pensar no diferente dentro da educação, Deleuze (1988) afirmar que:

> A diferença deve sair de sua caverna e deixar de ser um monstro; ou, pelo menos, só deve subsistir como monstro aquilo que se subtrai ao feliz momento, aquilo que constitui somente um mau encontro, uma má ocasião. Aqui, portanto, a expressão “estabelecer a diferença” muda de sentido. Ela agora designa uma prova seletiva, que deve determinar quais diferenças podem ser inscritas no conceito em geral e como o podem (DELEUZE, 1988, p. 37).

Após compreender que inserir o diferente na escola é um caminho positivo e importante, é o momento de se pensar quais metodologias diferentes podem ser empregadas. Tendo em vista que é preciso pensar na estrutura da escola e quais os recursos tecnológicos que ela possui; se há laboratório de informática e se nele há equipamentos que suportem a atividade que o professor queira desenvolver, assim como a *Internet* e dentre outros quesitos que poderão ser explorados, conforme for o desejo do profissional.

A diferença deixa de ser um monstro no momento em que investimos nela como um auxílio para mudar trajetos tradicionais e enraizados há muito tempo. Dessa forma, a diferença não pode ser vista como má. “Quando se lê a diferença como uma oposição, ela já foi privada de sua espessura própria, em que ela afirma sua positividade” (DELEUZE, 1988, p. 193). No caso da educação, uma mesma determinação pode ser pensada e organizada a partir de estratégias diferenciadas e práticas inovadoras e desafiadoras para os estudantes, entregando-lhes o protagonismo das atividades a serem desenvolvidas, com o emprego de sua criatividade e singularidade. É preciso refletir e desenvolver ensaios para saber quais diferenças são pertinentes e que surtirão efeitos para o contexto escolar, como também, preparar a teoria para receber o novo. “Necessitamos civilizar nossas teorias, ou seja, desenvolver nova geração de teorias abertas, racionais, críticas, reflexivas, autocríticas, aptas a se auto-reformar” (MORIN, 2000, p. 32). O mesmo autor complementa:

> O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estrutura para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado [...]. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo (MORIN, 2000, p. 30).

Dessa forma, ao se explanar os recursos tecnológicos nas vivências pedagógicas, torna-se importante fazer uma conexão prática com o meio digital. Não se quer apenas que uma metodologia diferente seja proposta, como sendo uma opção ao professor, mas sim, quer-se fazer e incentivar um trabalho prático rizomático, em que o lado empírico dos participantes seja parte central do processo e que eles possam trilhar os próprios caminhos.

Assim, “cada experiência segue um princípio de diferenciação interna que a anima, o qual especifica um modo de existência, a existência do vivido” (GALLINA, 2007, p. 124). A Experimentação, atrelada ao que foi vivido pelos estudantes e pelos professores, teve papel importante na pesquisa, pois mostrou o processo prático e o contato dos aprendentes com o novo, o diferente. Em conformidade a isso, Deleuze (2001, p. 95) fala sobre a experiência:

> Assim, a experiência é a sucessão, o movimento das idéias separáveis na medida em que são diferentes, e diferentes à medida que são separáveis. É preciso partir dessa experiência, porque ela é a experiência. Ela não supõe coisa alguma, nada a precede. Ela não implica sujeito algum da qual ela seria a afecção, substância alguma da qual ela seria a modificação, o modo. Se toda percepção discernível é uma existência separada, nada de necessário aparece para sustentar a existência de uma percepção.

A partir da citação de Deleuze, podemos dizer que, com a Experimentação de algo diferente, forma-se um movimento de ideias. Dessa forma, nada está sendo imaginado, mas sim, vivido, experimentado de maneira rizomática, sem pontos de início e fim ou linhas estabelecidas anteriormente. Com a realização desta atividade, cria-se algo que tramita pela prática, ou seja, o sujeito está provando da Experimentação. Ao desenvolvermos uma Experimentação no espaço escolar, temos a pretensão de mostrar novas possibilidades, em que os estudantes e os professores experimentam uma nova metodologia, assim como o pesquisador. Entregamos- nos ao território escolhido para a pesquisa, a fim de desterritorializá-lo, para, em seguida, averiguar o que poderia ser trazido de diferente e reterritorializá-lo.

A partir do conceito de Experimentação de Deleuze (2001), entendemos que o fazer pedagógico precisa ser pensado e realizado de maneira diferente, ou seja, que vá além da representação. Precisamos transitar em um terreno movediço, aberto, com linhas de fugas, com novas e diferentes metodologias.

Pelo conceito de rizoma, o território escolar deve ser desterritorializado e reterritorializado, com descobertas de melhor desenvolver a Aprendência conectada à realidade. A Experimentação possibilita esses procedimentos encontrando outros caminhos e formas de fazer ramificações.

> A experimentação, por contraste à experiência, é um acontecimento, um movimento, um devir a partir do qual se infere a existência de

> outra coisa que não está dada, daquilo que se apresenta como dado aos sentidos. Essa interferência, ao ultrapassar o dado, permite não somente julgamentos, mas, sobretudo, põe o experimentador como sujeito da experimentação (VITKOWSKI, 2015, p. 4).

Assim como comenta o autor supracitado, envolvemos-nos com a Experimentação desenvolvida, levamos em consideração a subjetividade, as percepções, pontos de vista, ideias e impressões que cada um dos envolvidos tem com a Experimentação. Por isso, foi importante desenvolver entrevistas na presente pesquisa, pois o estranhamento que se deu, inicialmente, foi sendo substituído pela experiência formada pela prática do novo.

Este novo pode causar estranheza no início, logo que empregado, entretanto, tal diferença acaba virando uma repetição, ao passo que complementa a ação anterior.

> Trata-se, pois, na experimentação, de substituir uma ordem de generalidade por outra: uma ordem de igualdade por uma ordem de semelhança. Semelhanças são desfeitas para se descobrir uma igualdade que permita identificar um fenômeno nas condições particulares da experimentação (DELEUZE, 1988, p. 13).

Assim sendo, a Experimentação pode ser o suporte teórico-metodológico do professor, o qual pode fazer ensaios, analisando o que melhor se encaixa para determinada turma, série e contexto social. A Experimentação auxilia no desenvolvimento cognitivo, crítico e criativo de quem a pratica. As singularidades também vão sendo construídas e firmadas, à medida em que o estudante passa a experimentar e ser protagonista na construção do seu conhecimento.

1.2 POR UMA EDUCAÇÃO TRANSVERSAL

Esta pesquisa, por trabalhar com a teoria deleuziana, compreende que não é possível definir o que se espera dos estudantes em termos de uma resposta ou um comportamento padrão, pré-definido, mas se mostra aberta às possibilidades de criação e recriação de conceitos e conhecimentos, mesmo que a partir de um decalque, que segundo Deleuze compõe uma parte inicial e até certo ponto necessária, para depois evoluir para um rizoma que, entre territorializações e desterritorializações, se potencializa e ganha uma nova dimensão: a dimensão de um conhecimento conectado com o contexto e com o real que se abstraiu em algo

novo e diferente, mas de valia social e educativa. Estamos trabalhando também com uma visão transdisciplinar e transversal, que não segue rigidamente a linha das estruturas estabelecidas.

As três disciplinas envolvidas na Experimentação foram tecidas no decorrer do processo, fazendo com que se estabeleça um caráter interdisciplinar. A interdisciplinaridade faz a conexão entre as disciplinas, mesmo ainda estando, de certa forma, atrelada a uma fragmentação das ciências. Nossa pesquisa teve como base o modelo de rizoma, fazendo interconexões, não tendo uma linearidade, separações ou um ponto de começo e fim estabelecidos. Dessa forma, acabamos por utilizar o termo transdisciplinar, "para traduzir a necessidade de uma alegre transgressão das fronteiras entre as disciplinas, sobretudo no campo do ensino, para ir além da pluri e da interdisciplinaridade" (NICOLESCU, 1999, p. 5). A prática transversal não tem o objetivo de dominar as diferentes disciplinas, como consta na "Carta da Transdisciplinaridade"[13]:

> A transdisciplinaridade é complementar à aproximação disciplinar: faz emergir da confrontação das disciplinas dados novos que as articulam entre si; oferece-nos uma visão da natureza e da realidade. A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas àquilo que as atravessa e as ultrapassa.

A transdisciplinaridade está atrelada à realidade, como ela se constitui e tem formas variadas. Por isso, na transdisciplinaridade não se pode sintetizar a realidade, referindo-nos a ela como única e invariável. A realidade tem alterações, as pessoas são díspares e possuem realidades distintas. Nesse sentido,

> A transdisciplinaridade, como o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (NICOLESCU, 1999, p. 35).

Em consonância com os autores supracitados, entendemos que a transdisciplinaridade não segmenta as disciplinas, mas faz com que elas se aproximem, permitindo que se atravessem e ultrapassem fronteiras. "[...] O recorte das disciplinas impossibilita apreender 'o que está tecido junto', ou seja, segundo o

[13] CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE**.** In: Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1994. p. 2.

sentido original do termo, o complexo" (MORIN, 2000, p. 41). Assim sendo, no modelo transversal, leva-se em consideração a realidade, que diverge de pessoa para pessoa, o contexto histórico e as influências externas. Todo este movimento pode contribuir positivamente no espaço escolar.

Segundo Cunha (2003), a transdisciplinaridade cria laços e conexões. Assim, "a atitude transdisciplinar paira, pois, sobre a busca de pontes (novos laços sociais) e é embasada por uma revolução da inteligência com vistas à dimensão poética da existência" (CUNHA, 2003, p. 3).

Com base nisso, a aprendizagem é construída aos poucos, no cotidiano, na realidade de cada estudante, nos diversos ambientes sociais, em casa, com a família. É importante que o professor desenvolva atividades transversais, para além da sala de aula, com o intuito de que o estudante busque informações no seu contexto existencial, na família ou no seu bairro, para ter assim, uma visão e um maior contato com a sociedade na qual está inserido.

> A organização curricular das disciplinas coloca-as como realidades estanques, sem interconexão alguma, dificultando para os alunos a compreensão do conhecimento como um todo integrado, a construção de uma cosmovisão abrangente que lhes permita uma percepção totalizante da realidade (GALLO, 1994, p. 70).

Pensando nisso, em uma das atividades que fizeram parte da Experimentação, realizamos uma produção de fotografias e Haicais, criando diversas conexões com a realidade e com a sociedade, por extensão. A atividade mobilizadora para que obtivéssemos um dado resultado estava ligada à leitura dos livros do Romantismo[14], a partir dos quais, por eles mesmos escolhidos, tiveram que fotografar um cenário que remetesse a uma passagem que estivesse presente no livro de leitura, que a sua preferência escolheu. Após a escolha do cenário que lembrasse uma passagem presente na obra selecionada, cada estudante produziu um Haicai e apresentou para a turma. Em relação às atividades propostas, é oportuno citar Morin (2000, p. 48):

[14] O Romantismo foi um movimento da literatura, artístico e filosófico, que surgiu no século XVIII na Europa. No Brasil, o momento em que ocorre o Romantismo deve ser considerado a partir da chegada da família real, em 1808. O movimento romântico tem características centradas no indivíduo, em dramas, tragédias amorosas, utopias e amores platônicos. Também se identifica como um movimento em que os autores voltavam-se para si. O lirismo, a emoção, a subjetividade e a valorização do "eu" eram marcantes.

> Disso decorre que, para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humanas, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e a história, mas também a literatura, a poesia, as artes...

Com a atividade que foi desenvolvida e concordando com o Edgar Morin (2000), supracitado, buscamos estimular os estudantes, fazendo com que eles buscassem em sua realidade formas de desenvolver a tarefa de fotografar e elaborar o Haicai. A intenção da atividade foi resgatar práticas artísticas, poéticas e de imagem, pois a arte auxilia na aquisição de conhecimento e possibilita mudanças de pensamento.

1.2.1 Haicai: a poesia em três versos

O Haicai teve origem no Japão, país este que muito herdou da cultura chinesa, como por exemplo, a escrita e o budismo. O Haicai também é conhecido, em outras partes do mundo, por “Haikai” ou “Haiku” e se caracteriza por ser um poema curto, quase um *flash* em forma de palavras. No Brasil, a palavra Haikai, após a reforma ortográfica de 1943 (e a queda da letra k), passou a ser grafado desta forma, Haicai.

A prática da leitura e da escrita foi avançando, assim, o Kanji ou escrita chinesa, foi tendo adaptações para e na língua japonesa. O Kanji, conhecido por ideogramas chineses[15], assim como outros aspectos da cultura chinesa, foi assumido como próprio pelo Japão. Os japoneses intensificaram as produções literárias no decorrer desse processo. Cruz (2010) comenta sobre as primeiras produções:

> As primeiras produções literárias no Japão foram compostas por cantos de guerra, elegias ou canções líricas. Posteriormente, surgem as primeiras antologias da poesia imperial dos séculos X e XII, que constava de duas espécies de poemas: os *naga-uta* ou *chôka* (poemas longos) e os *tankas* (poemas curtos) (CRUZ, 2010, p. 5).

[15] “O ideograma se originou através de desenhos, pictografias, que simbolizavam algo e que com o decorrer do tempo passaram a ser símbolos convencionados” (SOUSA, 2007, p. 96).

O Haicai japonês possui uma estrutura específica, composto por três versos, formado por dezessete sílabas. O primeiro verso apresenta um pentassílabo, ou seja, cinco sílabas poéticas. No segundo um heptassílabo, ou sete sílabas poéticas. No terceiro novamente um verso pentassílabo, com cinco sílabas poéticas. Podemos observar o exemplo a seguir, do escritor Paulo Leminski:

“A estrela cadente
me caiu ainda quente
na palma da mão.”
Paulo Leminski

O poema curto foi se espalhando pelo mundo todo e, mesmo ainda muitos utilizando sua estrutura tradicional, ele foi se modificando com o tempo, sendo que alguns escritores não seguem a estrutura padrão de silabação. Geralmente, estruturam os poemas em dois versos mais curtos e um mais longo.

No Brasil, Afrânio Peixoto foi um dos primeiros escritores a cultivar o Haicai. Mas o Haicai que o escritor desenvolveu era

> uma (re)tradução da versão feita para a língua francesa, pois chegou ao Brasil passando primeiramente pela França e despertando nos poetas brasileiros o interesse pela poesia japonesa e pela sua evolução na língua (CRUZ, 2010, p. 11).

Assim, o Haicai foi se popularizando e ganhando cada vez mais admiradores do poema, que se caracteriza por ser simples, mas que provoca reflexão e dá lugar à imaginação. Para Octavio Paz (2006), o poeta sempre está ligado à sua história:

> O poeta não escapa à história, inclusive quando a nega ou a ignora. Suas experiências mais secretas ou pessoais se transformam em palavras sociais ou históricas. Ao mesmo tempo, e com essas mesmas palavras, o poeta diz outra coisa: revela o homem (PAZ, 2006, p. 55).

A atividade de interconexão, proposta para os estudantes envolvidos na presente pesquisa, foi a leitura de um romance e, a partir desta, escolher um dos cenários e fotografá-lo, para logo em seguida criar um Haicai. Tais atividades, envolveram a arte visual de fotografar com poesia e a poesia de externizar em palavras um momento, um gesto, um local ou um cenário.

Podemos dizer que um Haicai é o resultado de uma técnica com valor significativo, que dá lugar à criatividade, à comunicação, faz com que os estudantes se conectem ao mundo real e façam aflorar o seu mundo imaginário.

PAUTA 2
ÁGORA GREGA: A EDUCAÇÃO NA ERA DA CONVERGÊNCIA

Por convergência refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

Henry Jenkins

Neste capítulo, discutimos a educação na atual era da convergência, trazendo à cena os conceitos de Jenkins (2009) para auxiliar nesse entendimento. Também apresentamos alguns dos percalços que a escola e os professores enfrentam na inserção das tecnologias frente aos nativos digitais. Assmann (2000; 2007), Moran (2007), Lévy (1999) e Dal Molin (2003) contribuem para desenvolver tais assuntos.

Levando em consideração que a maioria dos estudantes utiliza cotidianamente as novas tecnologias, acreditamos que seja de grande valia comentarmos sobre as multiplicidades, segundo os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995), como uma prática para o século XXI.

Ademais, atrelado a isso, discorremos sobre o importante espaço que o hipertexto ganhou, utilizando como aporte para esta abordagem, os conceitos de Cani e Coscarelli (2016), Kersch e Rabello (2016), Marques (2016), Rojo (2012), Zacharias (2016) e Novais (2016).

2.1 A ESCOLA E O PROFESSOR NA ERA DA CONVERGÊNCIA

Jenkins (2009) fala em “cultura da convergência”, dizendo que as pessoas passam a ter o controle sobre as mídias, estando entrelaçadas entre as novas e as velhas mídias. O público alterna de uma mídia para outra. Um exemplo disso, é quando acompanhamos uma novela, não esperamos o final ou até mesmo os próximos capítulos para sabermos o que irá acontecer. O que fazemos é procurar

em outras mídias as informações pertinentes e o que irá acontecer na trama. Nas palavras do autor:

> A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros (JENKINS, 2009, p. 30).

Assim, levando em consideração os termos utilizados pelo autor, falar sobre as novas tecnologias no ensino é um desafio para os professores, para as escolas e à sociedade como um todo.

Os professores não são da era dos nativos digitais, como os atuais estudantes. Por isso, muitas vezes o profissional, imigrante digital, se vê frente à uma vasta gama de dispositivos, dos quais não possui grandes habilidades para utilizá-los. Alguns professores podem até se sentir inseguros, em determinado sentido, por não possuírem tanta proximidade com os recursos tecnológicos, como explica Assmann (2000):

> A resistência de muitos (as) professores (as) a usar soltamente as novas tecnologias na pesquisa pessoal e na sala de aula tem muito a ver com a insegurança derivada do falso receio de estar sendo superado/a, no plano cognitivo, pelos recursos instrumentais da informática (ASSMANN, 2000, p. 8).

Como se pode comprovar pela data da publicação, já são decorridos quase vinte anos dessa constatação e, infelizmente, ainda temos professores inseguros e atrelados a percalços, que geram um distanciamento ainda maior entre professor e estudante. Torna-se importante o professor buscar formas rizomáticas que possam ampliar e tornar o processo de Aprendência mais dinâmico e interativo, já que os estudantes nasceram em outra era, na qual as características de dinamicidade e interação estão presentes de forma inevitável. Moran (2007) contribui neste sentido, afirmando que:

> Cada vez mais precisamos de educadores-luz, sinalizadores de caminhos, testemunhos vivos de formas concretas de realização humana, de integração progressiva, seres imperfeitos que vão evoluindo, humanizando-se, tornando-se mais simples e profundos ao mesmo tempo (MORAN, 2007, p. 74).

Nesse sentido, Lévy (1999) diz que a função primordial do professor

> [...] não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc (LÉVY, 1999, p. 171).

Essa compreensão de inteligência coletiva que o autor comenta, é propícia para o avanço da tecnologia digital e do ciberespaço. O modo de produção do saber é ressignificado, assim como o papel do educador.

> [...] o ciberespaço é, provavelmente, a instituição humana, o meio de comunicação em formação, o espaço de comunicação mais atransversal e mais aberto criado até hoje. Aquele que maximiza todas as possibilidades de cooperação competitiva (LÉVY, 2000, p. 116).

Sobre os conceitos utilizados por Moran (2007), Lévy (1999, 2000) e Assmann (2007), pode-se dizer que são um percurso desafiador aos professores, os quais muitas vezes não entram em sala de aula dominando os recursos tecnológicos. Por isso, as ideias dos autores fazem relação linear com a realidade, mostrando que os professores têm o direito de errar, pois são seres imperfeitos e que estão em constante evolução.

No processo no qual as novas tecnologias são trazidas para a sala de aula, o papel do professor ganha novos contornos e outras ações. Nesse sentido, faz-se necessário alguns questionamentos como: “O que eu devo ensinar aos meus aprendentes? Para que eu devo ensinar o que ensino? Qual é a melhor forma para ensinar o que deve ser ensinado? Quais meios tenho à disposição para trabalhar com as minhas turmas? O meio escolhido é o mais coerente com a realidade em que os estudantes estão situados?” Dessa forma, o professor precisa ler, informar-se, rever, questionar-se a partir de suas ideias, de seus objetivos em relação a como proceder para que os conhecimentos sejam produzidos.

O momento de avaliação do processo é importante para que o docente tenha como retomar as linhas de sua Experimentação Pedagógica, buscando a interação com outros professores que estejam com as mesmas dificuldades e inquietudes, para juntos encontrar formas e metodologias para serem empregadas em sala, promovendo a troca de experiências e o traçado de novas metas e caminhos.

Sabemos que a Tecnologia de Comunicação Digital já tem o seu papel consolidado em diversas esferas da sociedade. Por isso, Lévy (1999) comenta que as políticas de educação devem levar em consideração alguns pontos:

> O ciberespaço, interconexão dos computadores do planeta, tende a tornar-se a maior infra-estrutura da produção, transação e gerenciamento econômicos. Será em breve o principal equipamento coletivo internacional da memória, pensamento e comunicação. Em resumo, em algumas dezenas de anos, o ciberespaço, suas comunidades virtuais, suas reservas de imagens, suas simulações interativas, sua irresistível proliferação de textos e de signos, será o mediador essencial da inteligência coletiva da humanidade. Com esse novo suporte de informação e de comunicação emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos para orientar o saber, novos atores na produção e tratamento dos conhecimentos. Qualquer política de educação terá que levar isso em conta (LÉVY, 1999, p. 167).

Estes recursos podem ser agentes positivos no estímulo à autonomia, à criatividade e ao olhar crítico sobre o que está sendo analisado ou estudado, em cada momento da história. São valores sociais, históricos, culturais, econômicos e políticos que estão imbricados na realidade que podem ser desenvolvidos de forma a se conectar com os assuntos do mundo atual. O professor e o estudante são os favorecidos nesse sentido, pois também estarão sendo preparados para atuarem nos meios de comunicação digitais, emitindo opiniões e pontos de vista com embasamentos. Assim sendo, Assmann e Mo Sung (2000) dizem que:

> As novas tecnologias não substituirão o/a professor/a, nem diminuirão o esforço disciplinado do estudo. Mas elas ajudam a intensificar o pensamento complexo, interativo e transversal, criando novas chances para a sensibilidade solidária no interior das próprias formas do conhecimento (ASSMANN; MO SUNG, 2000, p. 269).

Entendemos assim, com os conceitos de Assmann e Mo Sung (2000), que a figura do professor nunca se tornará dispensável, porém sua ação didático pedagógica necessita estar em ritmo e compasso com as transformações, ou seja, ao transmitir os conteúdos didáticos, o professor poderá ter ferramentas interativas que auxiliarão no processo de Aprendência. Com a tecnologia, o estudante poderá desenvolver uma reflexão cognitiva mais facilmente, já que este está ligado, muitas vezes, com este meio de interação.

O que os autores colocam, é que o professor é quem encoraja e dá suporte aos estudantes na produção do conhecimento, valendo-se ou não da tecnologia que

dispuserem. Sempre lembrando de analisar o que se adequa em determinada turma, série e a cada estudante. Torna-se importante o professor ter noções, mesmo que básicas, de como lidar com os recursos disponíveis. Assim, ele passa as informações necessárias ao estudante, que vai adquirindo um olhar crítico, para então, selecionar as informações necessárias e saber como transformar tais informações em um conhecimento que renda para si e para sua comunidade, o que necessita para que a real transformação social e histórica ocorra.

A partir disso, é relevante ressaltar que nesse processo professor e estudante aprendem e ensinam ao mesmo tempo, em um contexto no qual o professor tem maior domínio de conhecimentos e de estratégias, e o estudante tem maior intimidade com os aparatos tecnológicos do computador ao smartphone, que se constituem em mídias de convergência. Segundo Jenkins (2009), é preciso saber adaptar a mensagem utilizando às especificidades de cada público, em cada meio e não apenas transferir conhecimentos de um para outro meio digital. Faz-se necessário evitar equívocos para que, mensagens inseridas em um meio que não possui as características adequadas para seu propósito, acabem falhando.

Para a convergência transmidiática, importa compreender os detalhes de cada meio e adaptar a mensagem e o conteúdo para o melhor engajamento do público, por exemplo, não basta saber que no *Twitter* as pessoas se expressam em 140 caracteres e no *Instagram* em fotos ou vídeos de 15 segundos. Precisa-se ir além da obviedade.

Urge inferir que, ao se pensar no ensino com o uso de tecnologia, é preciso que o profissional da educação esteja qualificado, que na sua formação inicial ou continuada, ele tenha conhecimentos e atividades imersivas que envolvam a tecnologia. Assim, ao invés de se sentir intimidado e passar insegurança aos estudantes, o professor se encoraja e incentiva àqueles a utilizarem a tecnologia na aprendizagem, de modo construtivo e ambos passam a ser aprendentes, onde juntos descobrem vias para novos conhecimentos em parcerias que, embora apresentem diferentes níveis de entendimento e potência, podem trazer excelentes resultados. Diante disso, acreditamos que seja fundamental pensar na formação do professor, bem como, no papel da escola e no que ela tem feito para instigar o uso da tecnologia na aprendizagem, como explica Mercado (1999, p. 26):

> Com as novas tecnologias, novas formas de aprender, novas competências são exigidas, novas formas de se realizar o trabalho pedagógico são necessárias e, fundamentalmente, é necessário formar continuamente o novo professor para atuar neste ambiente telemático, em que a tecnologia serve como mediador do processo ensino-aprendizagem.

Mesmo sabendo que o professor não é um nativo digital, ele, ao entender-se como um aprendente tecnológico, agregará às atividades propostas potências de desafio, as quais os aprendentes corresponderão. Tendo ciência da necessidade de uma formação engajada com o universo digital, o professor precisa buscar em outros meios[16] informações que estejam relacionadas ao uso de tecnologias na sala de aula, além de buscar cursos de formação continuada que o estimule, não apenas para usar a tecnologia, mas expandir seu universo de estratégias de ensino e de metodologias, adequadas a uma educação para o século XXI.

Levando em consideração os contextos de TCD, de Rizoma e a necessidade de transformação do papel da escola, em que a Experimentação de diferentes trajetos, com novas linhas de criação, de humanização dos sujeitos envolvidos, a urgência de expandir seus conhecimentos e buscar cursos de formação continuada, torna-se cada vez mais irrefutável para os professores. O que percebemos é que há investimento nas escolas em estrutura física, como computadores, projetor multimídia, televisores e outras mídias, mas é preciso que isso seja utilizado de uma nova forma, não apenas para transmitir o conhecimento ou repassar conteúdos, como forma de repetição.

Na obra “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Edgar Morin (2000) cita o Relatório Delors, o qual estabelece os quatro pilares da educação

[16] Portal do Professor do Ministério da Educação - MEC. É um portal destinado aos professores, para que eles possam baixar mídia de apoio, acessar notícias sobre educação, compartilhar planos de aula, participar de discussões ou até mesmo fazer um curso. O portal oferece diferentes mídias, dentre elas, vídeos, animações, simulações, áudios, hipertextos, imagens e experimentos práticos. O professor pode encontrar materiais previamente selecionados, que atendem a todos os componentes curriculares e temas relacionados. No Portal há diferentes formas de leitura e diversas experiências de letramento digital, o que pode ser aproveitado pelo professor, já que este, muitas vezes, não teve em sua formação uma disciplina voltada ao uso de tecnologia em sala de aula. *Link* para acesso: http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html.

contemporânea: “Aprender a ser, a fazer, a viver juntos e a conhecer constituem aprendizagens indispensáveis que devem ser perseguidas de forma permanente pela política educacional de todos os países” (MORIN, 2000, p. 11). Uma educação que tenha origem e foco no ser humano e que não se destine à uma parcela fechada, mas sim, que seja aberta para todos os componentes que dela fazem parte.

Com esse modelo de educação, de caráter humanitário, estaremos avançando cada vez mais para uma mudança transversal no ensino, mais próximos da realidade de nossos estudantes e desenvolvendo um trabalho coletivo transversalizado.

> Toda evolução é fruto do desvio bem-sucedido cujo desenvolvimento transforma o sistema onde nasceu: desorganiza o sistema, reorganizando-o. As grandes transformações são morfogêneses, criadoras de formas novas que podem constituir verdadeiras metamorfoses. De qualquer maneira, não há evolução que não seja desorganizadora/reorganizadora em seu processo de transformação ou de metamorfose (MORIN, 2000, p. 82).

No tocante ao que foi abordado e em relação a algumas faltas na formação do professor, Dal Molin e Granetto (2013b) afirmam que:

> É evidente a lacuna que existe no currículo dos cursos de formação de professores, o qual se apresenta em descompasso com o contexto atual, ele necessita de uma abordagem diferenciada, que não pode se caracterizar apenas por formar professores para atuar nos moldes da educação do século passado. Segundo o que se deve esperar é que o currículo aponte para ir além de oferecer conhecimentos sobre a aquisição ou um enriquecimento das competências profissionais, voltando-se a um trabalho coletivo que envolva às novas tendências educacionais, de modo transdisciplinar e transversal, permitindo que o educador se situe criticamente no novo espaço do conhecimento (DAL MOLIN; GRANETTO, 2013b, p. 8).

Ainda ao que concerne à formação do professor, Motter (2013) acrescenta:

> Cabe sinalizar que a formação atual do professor não permite que ele analise e tome decisão para sair da prática da repetição em direção da ação e criação. Portanto, a introdução da TCD no ensino aprendizagem não surtirá efeitos positivos se o professor não for preparado, se não for investindo na sua formação teórica, linguística, tecnológica e metodológica (MOTTER, 2013, p. 264).

Para isso, precisa-se ter determinação para estimular ou despertar a criatividade, como lembra Morin (2000, p. 39):

> A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar.

Por esse ângulo, torna-se relevante o desenvolvimento da criatividade em contextos onde a TCD deve-se fazer presente, como expõe Dal Molin (2003, p. 58-59):

> Num mundo em transformação, no qual a tecnologia, dia a dia, é o *link* da mente e um instrumento essencial de trabalho, as instituições de ensino não podem preparar os futuros profissionais para um mundo de subalternidade, tanto do ponto de vista individual quanto na perspectiva do coletivo. Enfatizamos, portanto, que a inclusão digital significa muito mais do que ensinar o emprego da tecnologia ou disponibilizar o acesso à rede: faz-se necessário um trabalho sério e aprofundado a fim de conhecer as demandas relativas à capacitação dos cidadãos para a lida com a tecnologia.

Em síntese, é preciso que o professor esteja atento às novas descobertas em relação à tecnologia, que busque formação constantemente para melhor desenvolver sua nova missão, a qual seja condizente aos estudantes e ao contexto do século XXI. “E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão” (MORIN, 2000, p. 71).

Sabendo da importância do professor e do seu novo papel, os estudantes receberam o suporte básico para desenvolver atividades utilizando os recursos digitais. Estes novos recursos trazem consigo muitas mudanças, mas ainda assim, a escola precisa se envolver, como comenta Dal Molin (2003):

> A tecnologia traz mudanças, mas é a sociedade, é o fazer pedagógico que vai fazer uso dela. Se a escola não se envolver poderá ser envolvida, sutil, silenciosa e sorrateiramente por mecanismos tecnológicos escusos, desfavoráveis à vida e ao planeta. Sua aplicabilidade vai depender dos rumos que lhe forem dados a partir de uma clareza sociopolítica, clareza esta que virá de estudos aprofundados e percepção crítica que vise objetivos mais transparentes e condizentes com o mundo que se quer ressignificar,

> no âmbito do espaço escolar e étnico-social (DAL MOLIN, 2003, p. 76).

Rojo (2012) complementa nesse sentido:

> A chegada cada vez mais rápida e intensa das tecnologias (com o uso cada vez mais comum de computadores, Ipods, celulares, tablets, etc) e de novas práticas sociais de leitura e de escrita (condizentes com os acontecimentos contemporâneos e com os textos multissemióticos circulantes) requerem, da escola trabalhos focados nessa realidade (ROJO, 2012, p. 99).

Para Moran (2000, p. 143), “o ato de ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente, os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos”. Assim sendo, a tecnologia é um importante recurso para o professor utilizar em sala de aula, fazendo conexões rizomáticas e transversais, desenvolvendo a Aprendência e auxiliando na inteligência coletiva, que segundo Lévy (1999a, p. 28-29):

> É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva de competências. Acrescentamos à nossa definição este complemento indispensável: a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuo das pessoas [...] (LÉVY, 1998, p. 28-29).

Nesse entendimento de inteligência coletiva, fica evidente que se estabelece uma nova forma de produção do conhecimento, assim como um novo papel do educador. Haja vista o enriquecimento mútuo, comentado pelo autor supracitado, o professor estimula o desenvolvimento do conhecimento, objetivando a Aprendência e oferecendo um espaço autônomo e dinâmico, a partir de uma concepção rizomática e diante das multiplicidades existentes.

Dessa forma, quando se fala na inserção da TCD em sala de aula, não se quer dizer apenas que o professor deve apresentar aos estudantes o que temos à disposição em termos de computador ou *Internet*. Mas sim, precisa mostrar que muito mais que entretenimento, os recursos digitais podem ser desbravados de forma positiva e construtiva na busca do conhecimento. No ambiente digital, o estudante pode ler, interpretar, buscar informações pertinentes ao cotidiano e, principalmente, desenvolver o senso crítico e as novas ideias, além de se inteirar de assuntos mais complexos. Assim sendo, teremos estudantes mais participativos e

inteirados com o ensino. Como comentamos, sabemos que enfrentamos em nosso país um desafio em relação à formação dos professores, a qual não é pensada e desenvolvida para a nova era que estamos vivendo. Para o professor inserir as novas tecnologias em sala de aula, ele precisa ter tempo, curiosidade e uma incessante busca pelo saber, para que assim, aconteça de fato avanço e transformação do processo de Aprendência.

Em suma, podemos dizer que novas práticas surgem a todo momento e que a comunicação e a interatividade entre as pessoas se dá cada vez mais de forma instantânea. Ao passo que novas possibilidades surgem, outras vão sendo deixadas de lado, até se tornarem obsoletas. Dessa forma, é de muita valia que a escola e os professores insiram novas práticas, utilizando recursos tecnológicos, a fim de termos espaços mais conectados com as multiplicidades da sociedade contemporânea.

2.2 A APRENDÊNCIA FRENTE ÀS MULTIPLICIDADES DO SÉCULO XXI

[...] faça rizoma e não raiz, nunca plante!
Não semeie, pique!
Não seja nem uno nem múltiplo, seja ***multiplicidades****!*
Faça a linha e nunca o ponto!
A velocidade transforma o ponto em linha!
Seja rápido, mesmo parado!
Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga.
Nunca suscite um General em você!
Nunca idéias justas, justo uma idéia (Godard).

Deleuze e Guattari

Partimos do entendimento de multiplicidades segundo os conceitos dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995). Assim sendo, a partir da concepção destes pensadores, em nosso cotidiano estamos relacionados com outros, somos construídos por outros tantos. Deparamo-nos com múltiplas experiências, distintas por sinal, múltiplas realidades, múltiplos acontecimentos. Somos sujeitos múltiplos e, por conseguinte, singulares perante as multiplicidades desenvolvidas pelos outros. Estes outros múltiplos também carregam as suas singularidades. Cada um carrega consigo marcas múltiplas de outros.

> Escrevemos o Anti-Édipo a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. [...] Não somos mais nós mesmos. Cada um

> reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 11, grifos nossos).

Pensando neste cenário de multiplicidades, o mundo digital possibilita múltiplas maneiras de se aprender, letrar, desenvolver e adquirir conhecimento. É necessário que a escola e o professor se questionem sobre como qualificar o estudante para que ele seja multiletrado. Para contribuir nessa questão, Cani e Coscarelli (2016) falam sobre a pedagogia dos multiletramentos:

> A pedagogia dos multiletramentos propõe uma perspectiva de interpretação do mundo projetado por experiências transversais entre culturas, gêneros, estruturas sociais e econômicas. A incorporação dos multiletramentos nos currículos reflete a pluralidade cultural e a diversidade de linguagem que passa a ser valorizada nesse contexto, visando à produção de práticas transformadoras pelo viés da educação (CANI; COSCARELLI, 2016, p. 23).

Dessa forma, a TCD possui um papel importante, que facilita o processo de letramento. São novas possibilidades que o mundo digital apresenta para educar e estimular a busca pelo saber. A partir das palavras das autoras, podemos perceber que ao trazer para sala de aula os multiletramentos, o professor não estará apenas fazendo uma ligação estreita com a realidade e as variadas formas que ela se apresenta, mas estará também proporcionando um ensino transversal, cultural e social. Como indica Kersch e Rabello (2016):

> [...] Também os multiletramentos (e aí entra a multimodalidade) não podem ficar fora das atividades. Isso significa que usar a tecnologia na sala de aula não pode ser um acessório, mas um integrante/constituinte do seu fazer no dia a dia. Esse professor/agente de letramento, precisa, pois, ter seu olhar não só no presente, no local, mas também no futuro, no global (KERSCH; RABELLO, 2016, p. 51).

Assim, tornou-se necessário à imersão das tecnologias digitais nas práticas de ensino e de se ter uma metodologia baseada na Aprendência, colaborando positivamente no desenvolvimento cognitivo do estudante. Investir em atividades múltiplas, rizomáticas, interdisciplinares e transversais, é importante na vida social de todos os envolvidos. Conforme Kersch e Rabello (2016), é preciso que a escola esteja conectada aos novos letramentos.

> Espera-se mais da escola de hoje. Vivemos novos tempos, precisamos de novos letramentos. Além de ensinar a ler e a

> escrever, espera-se que ela prepare o aluno para agir efetivamente no mundo globalizado, em que lhe será exigido, também, formação em multiletramentos. As histórias contadas aqui mostram que não há impeditivos, sempre há alternativas, por mais que faltem recursos na escola. A incorporação das novas tecnologias nas aulas de línguas impacta a dinâmica de interação de professores, materiais e alunos. A escola precisa de professores e de gestores que tenham vontade de, de fato, saber o que os alunos têm a dizer, e os alunos precisam ser encorajados a usar modos variados para seu dizer, dependendo, evidentemente, do gênero escolhido para esse dizer (KERSCH; RABELLO, 2016, p. 75).

Como citado pelas autoras, torna-se relevante a escola incorporar, mesmo que de forma lenta e gradativa, novos letramentos. Além de transpassar o que está na grade curricular, o professor tem a importante missão de apontar caminhos para os estudantes e prepará-los para atuarem no mundo globalizado. É preciso que se faça uma reflexão sobre a sua atuação docente e os meios que são utilizados para ensinar. Há nesse percurso, uma descoberta de auto-conhecimento, onde surgem mudanças no agir como professor.

Assim sendo, ao se pensar na realidade em que estamos inseridos, na conexão com o mundo globalizado, as multiplicidades são parte fundamental do mundo contemporâneo. Os textos multissemióticos já têm uma relação estreita com a maioria dos indivíduos. Os textos que antes eram apenas tradicionais no meio impresso, hoje ganham forma no meio digital. Cores, animações, fotos e vídeos complementam o texto. Este, neste novo ambiente, é mais atrativo e conectado com o século XXI, em que os recursos digitais estão presentes cotidianamente.

Marques (2016) exterioriza sobre a ressignificação que a escola precisa fazer para estar conectada às multiplicidades:

> Nessa direção, os recursos semióticos ampliam os recursos de comunicação ligados diretamente às características e à função social do gênero; a *internet* possibilita cada vez mais ferramentas midiáticas, como aplicativos e programas que aguçam a criatividade do sujeito para hibridizar gêneros e produzir novos significados de acordo com cada situação comunicativa em que ele se encontra inserido. Em um mundo cada vez mais mediado pelo texto na tela, em que as pessoas constroem sentido em suas atividades cotidianas mediadas pelas tecnologias, a escola precisa *ressignificar* o trabalho com a linguagem em sala de aula e explorar recursos midiáticos e tecnológicos que proporcionam novos espaços de construção de significados para o aprendiz (MARQUES, 2016, p. 116).

Marques (2016) colabora ainda dizendo que:

> Os espaços *online* presentes na vida das pessoas oportunizam e estimulam a participação dos usuários em diversas atividades de diferentes maneiras, gerando aprendizagem. As redes sociais, como o *Facebook,* são um bom exemplo. Elas são mais populares e acessíveis aos usuários e podem ser acessadas da *internet* pelo celular, *tablet*, computador, *notebook*. Nelas, o usuário, tem a possibilidade de utilizar diversas ferramentas (mensagens, comentários, criar páginas ou grupos, postar vídeos, compartilhar conteúdos, entre inúmeros outros recursos) multissemióticos. Transpor para a sala de aula essa mesma lógica de "produzir aprendizagens" por meio da linguagem apoiada nas tecnologias digitais e nos recursos que a *internet* oferece, explorando-as como ferramentas pedagógicas, é uma forma de produzir novas aprendizagens no espaço escolar, para alunos que já trazem em sua bagagem cultural essas práticas de letramento digital (MARQUES, 2016, p. 116).

Em vista disso, a maioria dos estudantes, ao adentrarem na escola, já possui relação estreita com a *Internet*. Seja acessando as redes sociais, como *Facebook, Instagram, Twitter*, *WhatsApp*, ou mesmo se entretendo com jogos, os estudantes praticam diversas formas de letramento digital. Por isso, incentivar a inserção de multiplicidades na escola é parte fundamental e estruturante para novas metodologias na educação, as quais já são insuficientes para o mundo contemporâneo, como lembra Rojo (2012):

> Não são as características nos 'novos' textos multissemióticos, multimodais ou hipermidiáticos que colocam desafios aos leitores. Se assim fosse, nossas crianças e jovens nativos não teriam facilidade e prazer na navegação. O desafio colocado pelas nossas práticas escolares de leitura/escrita que já eram restritas e insuficientes mesmo para a 'era do impresso' (ROJO, 2012, p. 22).

As práticas dos estudantes devem ser valorizadas, como afirma Marques (2016):

> Para que os multiletramentos sejam promovidos na escola, de maneira produtiva, interativa e qualificada, é necessária uma nova concepção de ensino para que o uso adequado das tecnologias ganhe espaço no processo de ensino-aprendizagem do aluno. É preciso que suas práticas sociais também sejam valorizadas. Não se trata de usar a tecnologia pela tecnologia, mas usá-la como uma ferramenta didática que promova interação, diálogo, aprendizagem (MARQUES, 2016, p. 118).

Para que novas práticas sejam implementadas nas escolas, o desafio está na criatividade e na busca do novo, do diferente. O que já se sabe, é que o letramento

digital é parte constituinte nas relações sociais e que os recursos tecnológicos vêm possibilitando aos indivíduos novas formas de se comunicar e de interagir. Assim, ao fazer a imersão da TCD em sala de aula, o professor passa a ser um estimulador da Aprendência.

2.3 O HIPERTEXTO NA CONSTRUÇÃO DE LINHAS RIZOMÁTICAS

> *Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real. O mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma.*
>
> *Deleuze e Guattari*

A tecnologia, mais especificamente a *Internet*, possui muitos recursos interativos que podem fazer parte da Experimentação Pedagógica dos docentes. Nesse sentido, podemos citar o hipertexto, em que o texto se apresenta em múltiplas formas, não linear e se desterritorializa do texto tradicional. Assim, o leitor é quem comanda a leitura, "não é mais o leitor que vai se deslocar diante do texto, mas é o texto que, como um caleidoscópio, vai se dobrar e desdobrar diferentemente diante de cada leitor" (LÉVY, 2000, p. 14). Dal Molin (2003) define hipertexto, dizendo que:

> [...] hipertexto é esta possibilidade de tramas que se apresenta inicialmente a um ator/autor que, ao desencadear uma palavra ou uma série de frases com sentido, promove uma imensa cadeia de outras tantas palavras, imagens, evocações, ligações e abertura de telas mentais no leitor ou ouvinte que os levam a associar outras imagens, outras palavras, outras leituras e infinitas cenas de seu universo interior. O hipertexto seria, pois, uma espécie de fio mental ou tecnológico que resulta sempre em tela, quer seja mental, quer seja oral, ou ainda gráfica ou digital (DAL MOLIN, 2003, p. 70).

Sob o viés do hipertexto, as multiplicidades e as singularidades de cada estudante são levadas em consideração, pois diversas linhas são criadas e recriadas, possibilitando o atravessamento em mapas, interconexões rizomáticas e

transversais. Assim, não se percorre um caminho arbóreo, tendo em vista que “a lógica do hipertexto não é a lógica da árvore. A lógica do hipertexto é a da multiplicidade de conexões multidirecionadas em rede” (SILVA, 2009, p. 28).

Nesse contexto, o rizoma é composto por linhas de fuga e, segundo Deleuze e Guattari (1995), não podemos fazer associações entre essas linhas com as linhas estruturais da árvore, pois essas linhas arborizadas fazem conexões localizáveis, tanto de pontos como de posições. Já as linhas do rizoma, fazem rupturas, fugindo e criando ramificações sem parar. Conforme Silva (s/a)

> Na perspectiva do hipertexto o professor constrói uma rede (não uma rota) e define um conjunto de territórios a explorar. Ele não oferece uma história a ouvir, mas um conjunto intrincado (labirinto) de territórios abertos à navegação e dispostos a interferências, a modificações. Ele oferece múltiplas informações (em imagens, sons, textos etc.) sabendo que estas potencializam consideravelmente ações que resultam em conhecimento. Ele dispõe entrelaçados os fios da teia como múltiplos percursos para conexões e expressões com o que os alunos possam contar no ato de manipular as informações e percorrer caminhos arquitetados (SILVA, s/a, p. 64).

Os filósofos Deleuze e Guattari (1995) falam em princípios que dão norte a perspectiva rizomática. Estes princípios contribuem para entendermos o processo educativo nesse contexto de hipertexto.

O primeiro princípio é o da conexão, pois segundo os pensadores, “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). O segundo é o princípio da ruptura, o qual traz à tona o entendimento de que “um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 18). Isso também acontece em um texto híbrido, em que o leitor pode navegar em outro território e retornar pela mesma linha ou, até mesmo, por outras linhas que sejam novas e diferentes.

Podemos fazer relação com os *links* que direcionam o leitor para determinados pontos de seu interesse ou, também, para descobrir o novo, o diferente, fazendo uma espécie de ligação para outras partes do documento. Isso abre um “leque de opções” e envolve mais facilmente o leitor.

O princípio da multiplicidade é o terceiro princípio apontado pelos filósofos, indicando que:

> [...] é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 16).

Este terceiro princípio também é conhecido como princípio da singularidade, pois apresenta diversas singularidades dentro das multiplicidades. Assim, no contexto escolar, as singularidades presentes nas multiplicidades precisam ser levadas em consideração na Aprendência. O quarto princípio é o da cartografia, em que os pensadores apontam que:

> Um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer idéia de eixo genético ou de estrutura profunda. Um eixo genético é como uma unidade pivotante objetiva sobre a qual se organizam estados sucessivos; uma estrutura profunda é, antes, como que uma seqüência de base decomponível em constituintes imediatos, enquanto que a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21-22).

Destarte, com os princípios apresentados, podemos fazer uma relação estreita com a educação, pensando que esta deve incentivar a troca de ideias e levar em consideração os estudantes, proporcionando um ensino rizomático, humanitário, em que o aprendente possa escolher as linhas que deseja seguir, fazendo rupturas e estimulando novos conhecimentos. Compreendemos assim, que pensar na educação hoje, implica agregar esses princípios trazidos pelos filósofos franceses, pois estaremos ressignificando a ideia de um sistema de hierarquias, de um ensino arbóreo e linear. Devemos incentivar um ensino baseado em um território que se possa mapear, aberto às multiplicidades, visando sempre à Aprendência.

Roncarelli (2012) contribui nesse sentido, dizendo que é necessário:

> Redesenhar as formas de ensinar-aprender nos dias atuais, principalmente no que diz respeito às características peculiares das mídias tradicionais, consideradas, até então, mais passivas. As mídias atuais, interativas, participativas, potencializam e implicam na transformação dos processos de conhecimento. A este modo de ser-estar em tempo-espaço virtual em que todos são partícipes, mesmo que em diferentes graus, constrói-se a cultura da convergência (RONCARELLI, 2012, p. 38).

Assim sendo, levando em consideração o hipertexto, compreendemos que hoje temos cada vez mais textos híbridos, que agregam imagens em movimento e

estáticas, sons, vídeos, diversos ícones, em formato de rizomas. A criatividade é a maior parceira na construção dos textos que se destinam à rede, pois é por meio dela que o leitor fixará a sua atenção e vai decidir por qual caminho irá percorrer no espaço.

O hipertexto é uma nova maneira de se comunicar, ler e escrever, sendo uma forma de interação entre as pessoas no ciberespaço. Em se tratando de leitura, Lévy (1999) diz que “[...] as modalidades da leitura tendam a transformar-se” (LÉVY, 1999, p. 162). Novais (2016) contribui nesse sentido:

> [...] do ponto de vista cognitivo, a leitura se dá sob certa regularidade previsibilidade, mas, ao mesmo tempo, ela exige do leitor constante reconstrução e atualização, já que continuamente estamos diante de novos e diferentes textos, de novas formas de ler e interagir. As atividades de leitura nos dias de hoje processam cada vez mais diferentes sistemas de signos, insumos criados pelas/com as tecnologias digitais. Os textos se multiplicam exponencialmente, tanto quanto as práticas sociais e as formas de interação (NOVAIS, 2016, p. 82).

Por conseguinte, o hipertexto ajuda o indivíduo a selecionar, pesquisar, buscar caminhos e soluções. O próprio leitor vai traçando o seu percurso dentro do texto na tela e das multiplicidades que ele dispõe. As imagens, os sons, os ícones vão abrindo portas para um conhecimento mais amplo e rizomático, em que tudo está interligado e não tem um ponto de partida e de chegada. É preciso, gradativamente, fazer a imersão de novos modelos e diferentes técnicas de escrita e leitura no ambiente escolar, pois as técnicas desempenhadas irão refletir na formação dos estudantes e prepará-los para o mundo globalizado.

PAUTA 3
ROTEIRO DA PESQUISA

Ouvir dizer o que devemos fazer é muito diferente de descobrir pessoalmente o que devemos fazer.

Stephen Corey

Neste capítulo, intitulado Roteiro da Pesquisa, fazemos conhecer o tipo de pesquisa, a perspectiva metodológica, os sujeitos, o contexto da pesquisa e a perspectiva teórica, a fim de emergir o que fez parte do desenvolvimento do nosso trabalho.

3.1 TIPO DE PESQUISA

Acreditamos que a pesquisa é parte fundamental de um trabalho, tendo como foco, conforme Gil (1999, p. 42), “descobrir respostas para problemas, mediante o emprego de procedimentos científicos”. Para tanto, entendemos que a pesquisa qualitativa foi a mais adequada para alcançar os objetivos pretendidos. Tal pesquisa não tem relação com números, como a quantitativa, mas sim, se preocupa como ela vai ser compreendida e recebida pelas pessoas. O objetivo da pesquisa qualitativa, segundo Deslauriers (1991, p. 58), “é produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações”.

Nessa perspectiva, constatamos que o objetivo central da pesquisa qualitativa é obter informações. Os pesquisadores procuram o porquê dos fatos e tentam levantar explicações para o objeto que está sendo estudado. Ademais, este modelo de pesquisa tem uma ligação entre o mundo real e o sujeito, ou seja, a subjetividade de quem se está estudando não é deixada de lado, pelo contrário, é peça importante para o trabalho. Por isto, a pesquisa qualitativa não é traduzida em números, bem como, não necessita de métodos e técnicas estatísticas.

A presente pesquisa tem como fonte de dados a escola selecionada. Sabemos que o trabalho de campo é intenso na pesquisa qualitativa e foi nele que

foram desenvolvidos os elementos que serviram de dados para a pesquisa, os quais serão descritos no próximo capítulo. O pesquisador é um dos principais instrumentos neste modelo de pesquisa, fazendo observação e entrevista. O pesquisador interage com o meio que está trabalhando e analisa de maneira indutiva. Há interpretação dos dados e atribuição de significados.

3.2 PERSPECTIVA METODOLÓGICA

O instrumento para a pesquisa qualitativa é o diário de bordo/campo. A presente pesquisa, do tipo etnográfica, contém marcas de subjetividade do pesquisador, pois, por ser etnográfica, se caracteriza em uma prática nas e sobre as relações humanas. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador vai a campo, sendo parte do processo e, por isso, não é neutro. O pesquisador visa “conhecer melhor o estilo de vida ou a cultura específica de determinados grupos” (LAKATOS; MARCONI, 2004, p. 273).

Assim, em nosso estudo, a pesquisa etnográfica se caracteriza como pesquisa-ação. Neste modelo, há “o envolvimento ativo do pesquisador e a ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema” (GIL, 2002, p. 55). Dessa forma, podemos dizer, a partir do conceito de Gil (2002), que na pesquisa-ação há interação entre o pesquisador e as pessoas que estão presentes no ambiente a ser estudado. Assim, entendemos que a pesquisa qualitativa, associada à pesquisa-ação, foi adequada para o trabalho desenvolvido.

Utilizando como aporte a pesquisa qualitativa e a pesquisa-ação, compreendemos que elas foram capazes de proporcionar interpretações a partir da realidade que desenvolvemos as atividades deste estudo. Assim, Baldissera (2001) detalha a pesquisa-ação, dizendo que:

> A pesquisa-ação como método agrega várias técnicas de pesquisa social. Utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva (BALDISSERA, 2001, p. 7).

Corroborando com o autor supracitado, quando falamos que a pesquisa-ação está voltada para uma dimensão coletiva, Thiollent (1985), auxilia na discussão:

> A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Como podemos perceber, é característico da pesquisa-ação ter o envolvimento dos participantes, ou seja, este tipo de pesquisa envolve grupos sociais e, com isso, pode-se ter uma melhor resolução dos problemas apresentados neles. Nesse sentido, quando o pesquisador vai a campo, ele consegue fazer uma articulação entre o que viu na teoria e aplicar na prática. O pesquisador estará assim, auxiliando na produção de novos saberes. Além disso, poderá ter uma maior convicção dos dados que apresentará na pesquisa, pois vivenciou tudo aquilo que descreveu.

Na presente pesquisa, o contato com os partícipes foi realizado, inicialmente, por meio de um documento para os estudantes, caracterizado como uma autorização para participar da pesquisa. Eles e os seus responsáveis preencheram um formulário autorizando a pesquisadora a utilizar os dados coletados no decorrer do trabalho para fins de estudo. O público-alvo desta pesquisa se concentrou no grau de ensino apresentado.

Os critérios de exclusão se deram aos estudantes que não estavam matriculados nas disciplinas abordadas no 2º ano do Ensino Médio na Escola Estadual de Educação Básica São Martinho, no período matutino, e aos professores de outras séries. Tendo em vista que o público-alvo não estava concentrado em outros graus de ensino.

3.3 *CORPUS* / SUJEITOS E CONTEXTO DA PESQUISA

Os sujeitos de investigação foram doze estudantes e as professoras de Língua Portuguesa, Literatura e Arte da turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho, do Rio Grande do Sul. A pesquisa foi desenvolvida no início do ano letivo de 2018, nos meses de fevereiro, março, abril e maio. A escola em questão já possui recursos tecnológicos à disposição dos professores. Para tanto, a pesquisa ajudou a mostrar como tais dispositivos podem

ser utilizados de forma interativa e que contribuam de forma positiva no processo de Aprendência.

A escola, que serviu de suporte para esta pesquisa, tem os níveis fundamental e médio de ensino. Consideramos importante apresentar os dados do último Censo (2018)[17], pois a pesquisa esteve baseada no uso da tecnologia. Assim sendo, segundo o Censo, a escola possui acesso à *Internet*, de banda larga[18], laboratório de informática, sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE), biblioteca, sala de leitura, computadores administrativos, televisão, copiadora, equipamento de som, impressora, retroprojetor, projetor multimídia, câmera fotográfica/filmadora.

Neste trabalho, foi estudado e desenvolvido um recurso digital de Aprendência, mais especificamente, uma Revista Digital. Existem diversos modelos de assuntos abordados em uma revista eletrônica, podendo abranger temas científicos, notícias, política, entretenimento, saúde, música, cinema e assim por diante. Esta ferramenta pode ser acessada por meio da *Internet.*

Em nossa Revista Digital, realizamos uma conexão entre assuntos pedagógicos, ensinados em sala de aula, e livros de literatura, especificamente, Romances. Para que assim, este recurso digital trouxesse contribuições positivas aos aprendentes, fazendo com que eles estivessem interligados aos temas escolares e fizessem uma atividade transversal, onde Língua Portuguesa, Literatura, Arte e a realidade social e cultural de cada estudante estivessem imbricadas no processo.

Retomamos o problema desta pesquisa “É possível fazer com que as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte saiam do papel, realizando a interdisciplinaridade e a transversalidade valendo-se do meio digital e do processo da Aprendência, por parte dos atores do ato educativo?” e alguns dos objetivos da mesma: Desenvolver uma Experimentação no processo de Aprendência, discutir com as professoras e com os estudantes sobre as possibilidades de se utilizar a tecnologia no ambiente escolar, conhecer o território, desterritorializá-lo e reterritorializá-lo, mostrando os recursos tecnológicos para a produção de novos

[17] Escol.as. Disponível em: http://www.escol.as/249751-escola-estadual-de-educacao-basica-sao-martinho. Acesso em 29 fev 2019.
[18] Para saber mais sobre *Internet* banda larga: https://www.explicatelecom.com.br/internet/internet-fixa/o-que-e-banda-larga/.

conhecimentos, produzir a Revista Digital “Ágora Contemporânea” com os partícipes e levar os estudantes a assumir o papel de repórteres juvenis, vivenciar a transdisciplinaridade a partir dos conteúdos, em busca do transversal real. Levamos para a sala de aula o diferente, o novo, ou seja, mostramos os recursos tecnológicos para a produção de uma Revista Digital. Para tanto, queríamos compreender, por meio de realização de entrevistas com as professoras e os estudantes envolvidos, se a TCD, mais especificamente, a Revista Digital, poderia ser ou não um auxílio eficiente para o professor nas vivências pedagógicas.

PAUTA 4

ACRÓPOLE: PROCEDIMENTO DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Não se pode falar de educação sem amor.

Paulo Freire

O desenvolvimento da Experimentação Pedagógica veio carregado de um sentimento de amor, pois acredito que por meio da educação podemos construir um mundo melhor.

Tonie Maria Gregory dos Santos

4.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA E GERAÇÃO DE DADOS

A pesquisa foi sendo construída em conjunto com todos os envolvidos: pesquisadoras, professoras e estudantes. O primeiro contato aconteceu com a diretora da escola, em maio de 2017. Em entrevista, oficializando o nosso trabalho, a diretora manifestou-se sobre a realidade da escola, a qual teve muitas mudanças, principalmente em relação à evasão escolar, comparando com anos anteriores. Expusemos o teor de nossa pesquisa acadêmica, ancorada na metodologia científica e pelo comitê de ética e, diante disso, a diretora informou o que a escola possuía de recurso tecnológico.

Ao apresentar o projeto à direção da escola, explicamos que, para alcançar os objetivos da pesquisa, gostaríamos que a mesma agregasse descobertas e conhecimento, tanto para nós, pesquisadora, bem como para a escola e aos envolvidos: professoras e estudantes.

Em sequência a nossa pesquisa, a diretora se prontificou a aceitar e colaborar com o tema de nosso trabalho, levando-nos a compreender que o ideal seria trabalhar com uma turma de 2º ano do Ensino Médio. Tendo em vista que, no 1º ano, os estudantes estão em fase de adaptação do Ensino Fundamental para o Médio, muitas vezes vindos de outras escolas. Já no 3º ano, estão em um período de preparação para os vestibulares.

Inicialmente, pensamos em abarcar em nossa pesquisa as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura, Língua Inglesa e Espanhola, Arte e Educação Física. A partir disso, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em setembro de 2017. Em outubro de 2017, recebemos o parecer de aprovação. No entanto, na medida em que fomos estruturando a pesquisa, percebemos que o trabalho ficaria muito extenso, tendo em vista o período de realização. Dessa forma, selecionamos a disciplina de Língua Portuguesa.

Fomos organizando o material para a coleta dos dados até fevereiro de 2018, mês em que entrevistamos a professora de Língua Portuguesa da escola e da turma selecionada. Tratamos sobre os conteúdos teóricos que trabalharíamos antes da prática, como um filme para a elaboração de uma resenha crítica, uma vez que a turma não conhecia este gênero textual e tais conteúdos contemplariam a expectativa da pesquisadora e dos estudantes. Em meio à entrevista e dialogando sobre os pressupostos do rizoma, da transdisciplinaridade e transversalidade, entabulamos um trabalho interdisciplinar, que envolvesse as disciplinas de Literatura e Arte. Ao definirmos fazer uma pesquisa interdisciplinar, levamos em consideração alguns aspectos da escola atual:

> O espaço do saber não é mais o mesmo. À margem da escola, sua feição é outra. Ele se apresenta hoje com uma inquietude veloz, com uma urgência movediça, fluídica, entrelaçada com muitas vozes, muitas cores, muitas bandeiras, indicando que as fronteiras entre as disciplinas ou áreas de conhecimento, ou entre as culturas que se oferecem na imensidão do ciberespaço diluem-se dia após dia (DAL MOLIN, 2003, p. 65-66).

Assim, a partir dos conceitos de Dal Molin (2003), podemos afirmar que a presente pesquisa foi sendo construída de maneira que as fronteiras existentes entre as disciplinas fossem sendo desfeitas. Interconexões, interdisciplinaridade e transversalidade entre as três disciplinas foram estabelecidas, a fim de entrelaçar conteúdos e práticas.

Ainda em fevereiro de 2018, entrevistamos as professoras das disciplinas de Literatura e Arte. Estabelecemos as linhas de conexão e interconexão do processo em cada disciplina. Em Literatura, os estudantes escolheriam um livro de Romance para desenvolver o trabalho. A professora da disciplina se dispôs a verificar quais os títulos e volumes disponíveis na biblioteca da escola, encontrando apenas um volume de cada. Livros que trazem a tristeza do abandono nas prateleiras da

biblioteca e contam da falta de renovação de títulos e do acervo, bem como da falta de recomendação de mais leitura. A verificação resultou nos seguintes títulos:

- O Sertanejo (José de Alencar);
- Sonhos de Ouro (José de Alencar);
- Cinco Minutos (José de Alencar);
- Escrava Isaura (Bernardo Guimarães);
- A Moreninha (Joaquim Manuel de Macedo);
- Lucíola (José de Alencar);
- Inocência (Visconde de Taunay);
- O Guarani (José de Alencar);
- Diva (José de Alencar);
- Seminarista (Bernardo Guimarães);
- A Viuvinha (José de Alencar)[19].

Com a professora de Arte, acordamos que a mesma iria fazer estudos teóricos sobre o Haicai, bem como, realizar em suas aulas atividades de criação dos Haicais e dos vídeos pelos seus estudantes, a partir das obras que os mesmos escolheriam em Literatura.

A Experimentação, como ato pedagógico, cujas ações açambarcam o conhecimento e as estratégias continuamente se compondo e recompondo, de modo que o movimento se renove a cada situação de ensino-aprendizagem, foi planejada passo a passo, com muitos encontros e discussões. Assim, nos encontros com as professoras de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, fomos expondo e realizando a pesquisa, organizando o processo interdisciplinar, transversal e transdisciplinar, envolvendo cada disciplina, de modo que as interconexões fossem rompendo fronteiras e chegando ao transversal real de maneira rizomática.

> Diferente é o rizoma, mapa e não decalque. Fazer o mapa, não o decalque. A orquídea não reproduz o decalque da vespa, ela compõe um mapa com a vespa no seio de um rizoma. Se o mapa se opõe ao decalque é por estar inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20-21).

[19] Dois alunos leram esta obra, por não haver no acervo da escola diferentes obras de Romance para realizar a atividade.

Ancorados nos conceitos de Deleuze e Guattari (1995), na primeira aula de Literatura, os estudantes escolheram o livro de Romance para ler e desenvolver o trabalho. Acreditamos que, deixando cada estudante escolher a obra que gostaria de ler, foi relevante, pois vem ao encontro da pesquisa que desenvolvemos, onde o aprendente, sendo protagonista, não é submetido a ler o que é selecionado por outra pessoa e destinado a ele. Desde o início da pesquisa, tivemos uma preocupação nesse sentido, entendendo que o estudante precisa estar em uma posição agradável e ser o centro do processo.

O nosso primeiro contato com a turma, na disciplina de Língua Portuguesa, teve o intuito de estabelecer uma conversa informal com os estudantes, a fim de saber quem deles possuía algum recurso tecnológico, como celular, *smartphone*, computador, *notebook*, bem como os que possuíam acesso à *Internet e* com que frequência e em quais lugares a utilizava.

4.2 FOTOGRAFIAS TRABALHADAS NO PRIMEIRO ENCONTRO DA PESQUISA

Levantamos, na sequência de nosso contato com os estudantes em sala de aula, alguns temas para serem trabalhados em conjunto, tais como Globalização, Tecnologia, Ambiente Digital, Multiplicidades, Fotografia. Em ato contínuo, apresentamos a plataforma *Joomag*, a qual seria utilizada para diagramar a revista digital, que juntos iríamos elaborar.

Nossa exposição sobre o explicitado, ancorou-se em um *Software* disponível para este tipo de apresentação em forma digital. As fotos que fazem parte dessa narrativa, foram apresentadas por meio digital pela pesquisadora, que pôde observar o interesse e a atenção que as mesmas despertaram nos estudantes, pois participaram ativa e oralmente, manifestando-se com efusividade, no sentido da correlação entre o início da história da fotografia e a atual forma de como as fotografias se apresentam e são possíveis de serem visualizadas.

Figura 1: Fotografia da família Marchezan.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

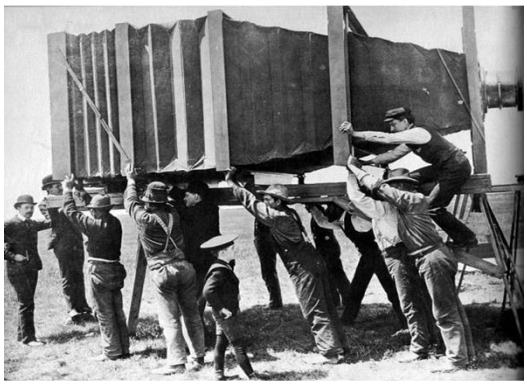


Figura 2: Câmera Mamute – A maior câmera fotográfica do mundo.
Fonte: Obvious.
Disponível em: <encurtador.com.br/bjsNV>.
Acesso em: 25 jan 2018.

Figura 3: Câmera fotográfica antiga. Fonte: Ponto de Vista com Nelson Freire. Disponível em: <encurtador.com.br/itw67>. Acesso em: 25 jan 2018.

Figura 4: Evolução das câmeras fotográficas. Fonte: *Making Photograph*. Disponível em: <encurtador.com.br/ftMTZ>. Acesso em: 26 jan 2018.

Figura 5: Câmera fotográfica digital. Fonte: Informaticando. Disponível em: <encurtador.com.br/oxOWX>. Acesso em: 26 jan 2018.

Figura 6: Ícone antigo do *Instagram*. Fonte: Mar de Histórias - WordPress.com. Disponível em: <encurtador.com.br/ruU05>. Acesso em: 26 jan 2018.

Figura 7: Ícone atual do *Instagram*. Fonte: Pixabay. Disponível em: <encurtador.com.br/ghCDZ>. Acesso em: 26 jan 2018.

Esta estratégia de trazer imagens para a sala de aula, deixando o aprendente participar e expor seu ponto de vista, contribuiu para produzirmos uma aula interativa, em que estudantes participaram de maneira intensa. Comentamos sobre o empenho que se tinha antigamente para fazer um retrato de família e comparamos com os dias atuais, em que os jovens postam fotos em suas redes sociais em poucos instantes, após registrarem um momento. Devido ao fato do diálogo seguir esse rumo, trouxemos a imagem da rede social *Instagram*, a qual os estudantes disseram que navegam constantemente. Assim, a aula ficou próxima da realidade dos estudantes e eles se sentiram à vontade. Como na pesquisa, os aprendentes tiveram que, mais tarde, fotografar um cenário a partir de uma passagem do livro. As fotografias trazidas auxiliaram para mostrar o quanto a imagem é um produto

pensado e requer criatividade. A fotografia tanto quanto uma arte, tem o seu dever, como menciona Dubois (1992, p. 23):

> É necessário que se encaminhe pelo seu verdadeiro dever, que é ser a serva das ciências e das artes, mas a mais humilde das servas (...). Que ela enriqueça rapidamente o álbum do viajante e dê aos olhos a precisão que faltaria à sua memória, que orne a biblioteca do naturalista, exagere os animais microscópicos, fortifique mesmo alguns ensinamentos e hipóteses do astrônomo; que seja enfim a secretária e bloco-notas de alguém que na sua profissão tem necessidade duma absoluta exatidão material. Que salve do esquecimento as ruínas pendentes, os livros as estampas e os manuscritos que o tempo devora, preciosas coisas cuja forma desaparecerá e exigem um lugar nos arquivos de nossa memória; será gratificada e aplaudida.

Após entender a importância da fotografia nesta pesquisa e a conversa que tivemos sobre a execução da Experimentação, abordando os temas trazidos anteriormente, a professora de Língua Portuguesa (LP) e os estudantes da turma se mostraram interessados em desenvolver a nossa proposta de estudo, enquanto pesquisa. Foi um misto de curiosidade com ansiedade, pois os estudantes não imaginavam o resultado e, por isso, temeram que não fossem capazes de realizar as atividades que desenvolveríamos.

A próxima etapa foi realizar o ensaio da resenha crítica, momento em que os aprendentes, na disciplina de LP, assistiram ao filme Extraordinário[20]. A escolha por trabalhar a partir de um recurso audiovisual, deu-se no momento da entrevista com a professora de LP, em que esta atividade estaria fazendo relação ao tema desenvolvido na Experimentação, envolvendo o uso da tecnologia. Este filme foi escolhido por ser considerado uma indicação reflexiva, tendo em vista que a narrativa versa sobre um colégio, no qual um dos estudantes com síndrome de *Treacher Collins*, passou por diversas cirurgias devido ao seu rosto deformado. Assim, o filme trabalha com as diferenças no contexto escolar. Devido a isso, acreditamos que faz conexão direta com o presente trabalho que em seu referencial teórico traz a Filosofia da Diferença e busca levar para a sala de aula uma forma diferente de desempenhar o fazer pedagógico, no cenário atual.

Em continuidade às atividades originadas e motivadas pelo filme assistido por todos, a professora dividiu a turma em três grupos. Estes, após explicação da

[20] Detalhes do filme: http://www.oquetemnanossaestante.com.br/2017/12/extraordinario-resenha-do-filme.html.

professora, tiveram que narrar a história do filme a partir dos narradores: observador, personagem e onisciente. Esta atividade atendeu aos conteúdos da disciplina de LP, que a professora titular havia planejado.

Em continuidade a nossa proposta, os estudantes escreveram a resenha crítica sobre o filme e digitaram-na para enviá-la por e-mail à professora da disciplina. Este simples fazer pedagógico exigiu nossa presença e atuação no sentido de auxiliar os que tinham dificuldades de uso dos computadores, *notebooks,* e mesmo a questão de fazer o envio da resenha por *e-mail*.

O próximo passo, na disciplina de Arte, foi apresentar aos estudantes a atividade de fotografia e produção dos Haicais. Cada estudante, a partir do romance que escolheu, teve que produzir uma fotografia, com base em uma passagem do livro. Os Haicais, da mesma forma, foram elaborados fazendo alusão à fotografia e à passagem escolhida. Combinamos com a turma, que eles teriam que apresentar esta atividade, explicando a sua produção, em qual parte do livro que surgiu a inspiração do cenário e dos Haicais.

O Haicai, conhecido como um poema, tem um valor significativo, o qual "busca a representação do mundo real, justificando-se como uma forma de vida, como uma religião, acelerando assim a sua anexação à existência, às coisas, aos sentimentos e ações" (SAVARY, 1989 *apud* VENTURELLI, 1991, p. 26).

No dia a dia de nossa atuação, fomos percebendo que apesar do uso intenso da TCD, muitos estudantes e, mesmo professores, não se deram conta de como melhor empregá-la no cotidiano das atividades escolares. Assim como em momentos anteriores, percebemos que havia estudantes com dificuldade de manejo dos computadores, de antemão, preocupamos- nos com a presença de uma mídia de convergência na escola, que era proibida de ser usada, ao invés de atribuir aos *smartphones* a função de serem coadjuvantes da aquisição do conhecimento e também do processo comunicativo e instrucional. Ora, o *smartphone* com o único uso para o lazer e a dispersão de pensamentos em momentos de estudo, deve mesmo ser regulada. Mas e se o uso desse dispositivo digital facultar o conhecimento e a comunicação orientada, por que não usá-lo?

Foi assim que, como cita Jenkins (2009), a convergência não ocorre somente pelo uso do *smartphone*, mas ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros, durante o período em que os

estudantes elaboraram as atividades, valemos-nos do uso da rede social *WhatsApp*, para que eles fossem tirando as suas dúvidas, de maneira particular ou no grupo criado, grupo este do qual participavam a pesquisadora e os estudantes. Na sequência, achamos oportuna a criação de mais um grupo no mesmo aplicativo, do qual participavam a pesquisadora e as professoras das disciplinas envolvidas com a pesquisa, para entabular procedimentos ligados à transversalidade e à transdisciplinaridade.

No dia 20 de março de 2018, na disciplina de Arte, cada estudante apresentou o processo e o resultado de sua criatividade na autoria do Haicai e na escolha adequada e coerente da fotografia, que originou o Haicai e igualmente retratou um cenário próprio de cada obra escolhida. Os estudantes realizaram a apresentação por meio de um ODEA. Aqueles que não sabiam como elaborar uma apresentação com um objeto digital, foram auxiliados e apresentaram utilizando aplicativos e *softwares* apropriados ao tema e ao que apresentaram. Consideramos que esta atividade, em que cada estudante fez a apresentação do material que produziu, justificando tal produção e explicando em qual passagem do livro que se inspirou para criar, teve grande relevância, pois alguns estudantes, ao verem o que o colega produziu, motivaram-se ainda mais e produziram novamente, de maneira mais elaborada. Assim, houve muita troca de experiência, que auxiliou na criatividade e na imaginação.

Após a leitura dos livros, o desenvolvimento e a apresentação das fotografias e dos Haicais, foi o momento de iniciar a gravação dos vídeos, quando cada estudante narrou oralmente a história do livro que escolheu e que concomitantemente era registrada de forma videográfica pela pesquisadora. Os estudantes foram divididos em grupos e a professora de Arte nos auxiliou nesta atividade, a qual foi iniciada no dia 26 de março. Cinco estudantes vieram até a escola para gravar. Destes, quatro gravaram e uma estudante não conseguiu, pois não se sentiu confiante. A estudante preferiu se preparar mais e gravar no outro dia.

O que percebemos no primeiro dia de gravação, é que os estudantes estavam muito tímidos, mas mesmo assim, o resultado foi positivo. Narraram a história com firmeza e dominavam a obra. Este primeiro grupo comentou que nunca tinha feito alguma atividade parecida com esta. Por isso, talvez, os aprendentes se sentiram intimidados com a forma de trabalhar o conteúdo.

Nesse mesmo dia, após as gravações, um estudante solicitou ajuda para repetir a atividade de fotografia, pois a sua tentativa de registro apresentou-se desfocada e sem qualidade de pixels, dados os exíguos recursos fotográficos de seu celular. Para auxiliar nosso estudante nesse sentido, fomos até o local em que o estudante desejava fotografar enquanto cenário e, igualmente, ser fotografado como parte deste cenário. Com o auxílio da professora de Arte, orientando a postura e a melhor posição espacial, por nossa vez, fotografamos o estudante e o ajudamos a editar a foto para apresentar à turma. Outras duas estudantes se dispuseram a auxiliar o mesmo colega a elaborar a apresentação por meio de um aplicativo digital, tendo em vista que este apresentava desconhecimento dos dispositivos e dificuldades de uso da TCD.

Percebemos que os estudantes, ao passo em que a pesquisa ia sendo desenvolvida, foram tendo uma preocupação com o seu trabalho, principalmente, por saberem que todo material resultaria em um trabalho coletivo. Eles tiveram espírito colaborativo, ajudando e tendo solicitude com os colegas. Consideramos que esta gentileza e estes gestos colaborativos e participativos geram interconexões transversais de Aprendência entre os estudantes.

No dia 27 de março de 2018, continuamos a atividade de gravação dos vídeos. Dos doze participantes, apenas quatro já haviam realizado o feito. Dos oito estudantes, seis gravações tiveram êxito, dois estudantes necessitaram repetir a atividade em outra data. No dia 04 de abril, gravamos uma das estudantes que não havia finalizado o vídeo. A estudante apresentou dificuldade na execução da atividade, não conseguindo dar sequência à narrativa. Assim, gravamos 103 vezes a atividade de narrativa, fazendo cortes no vídeo, para depois, poder editá-lo, juntando as cinco partes. Outros estudantes também tiveram dificuldades na realização do vídeo, os quais tiveram de ser gravados diversas vezes. Dois estudantes que faltavam gravar realizaram a atividade no dia 12 de abril. Os vídeos foram feitos com alguns cortes e, após, editados.

Consideramos que o trabalho com os vídeos foi laborioso, em que as singularidades de cada aprendente tiveram de ser levadas em consideração. A paciência e a compreensão foram peças centrais desta atividade. Entender as dificuldades e apurar as habilidades de cada estudante, valorizando as características e mostrando que eles são capazes de ir além do que imaginavam. A

partir da gravação dos vídeos, compreendemos que atividades que envolvem a oralidade poderiam ser mais exploradas em sala de aula, bem como o emprego da tecnologia deveria ser melhor utilizada para atividades criativas e fixação e produção de novos conhecimentos.

4.3 FOTOGRAFIAS E HAICAIS ELABORADOS PELOS ESTUDANTES

No dia 03 de abril, em continuidade ao nosso trabalho, na disciplina de Arte, finalizamos a revisão teórica sobre o Haicai, encerramos também as apresentações orais e visuais. Após, em conjunto com a professora da disciplina, analisamos cada trabalho e desenvolvemos um bate-papo entre os aprendentes. Alguns ainda procuraram melhorar o seu trabalho e deram ideias para os trabalhos dos colegas. Os estudantes enviaram o Haicai final por *e-mail*, sendo mais uma tarefa de imersão e manuseio da TCD.

A seguir, apresentamos as fotografias e os Haicais da turma:

Figura 8: “Um amor assim delicado, não deveria ter despertado”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Senhora (José de Alencar).
Autoria: Estudante Vanessa Viana da Cunha.

Figura 9: “Não percamos tempo, mas não tenhamos pressa. Tudo é passageiro”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Cinco Minutos (José de Alencar).
Autoria: Estudante Eduarda Tamiozzo Veit.

Figura 10: “Deixo a vida me levar como o lindo balanço do mar”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: A Moreninha (Joaquim Manuel de Macedo).
Autoria: Estudante Amanda Deves.

Figura 11: “Ó Margarida! Longe de teus olhos, passo os dias...”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: O Seminarista (Bernardo Guimarães).
Autoria: Estudante Márcio Knoll.

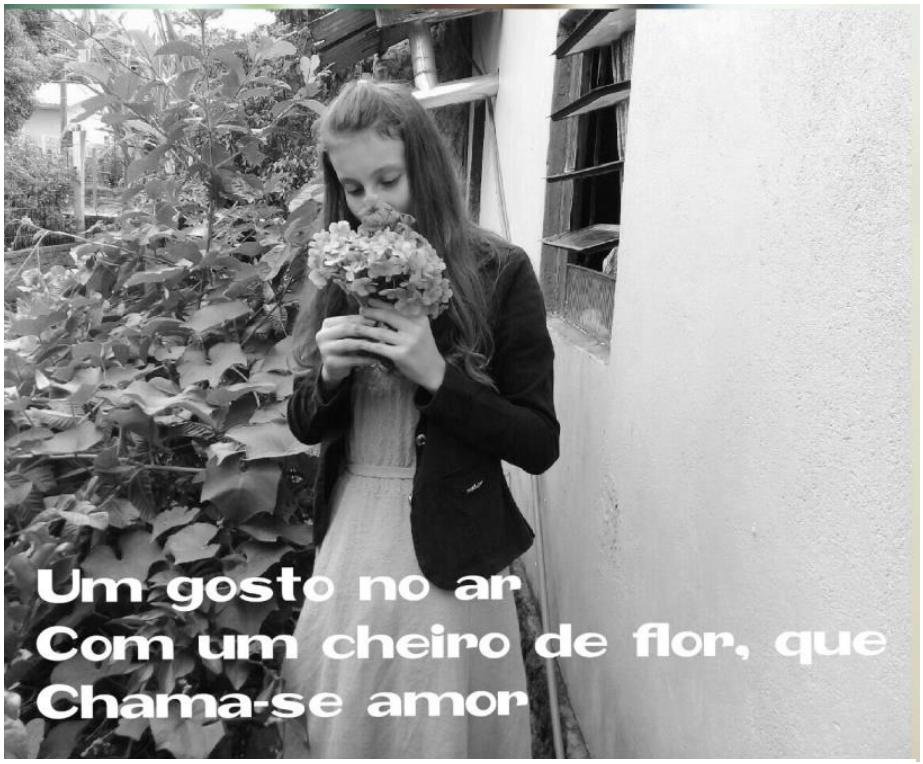


Figura 12: “Um gosto no ar com um cheiro de flor, que chama-se amor”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Sonhos D’Ouro (José de Alencar).
Autoria: Estudante Manueli Luiza Heckler Machado.

Figura 13: “Seu nome é Isabel, tão linda e encantadora, como a natureza”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: O Guarani (José de Alencar).
Autoria: Estudante Rafael Saling.

Figura 14: “Dia chuvoso da janela do quarto via a moça”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Inocência (Visconde de Taunay).
Autoria: Estudante Eduarda Padilha.

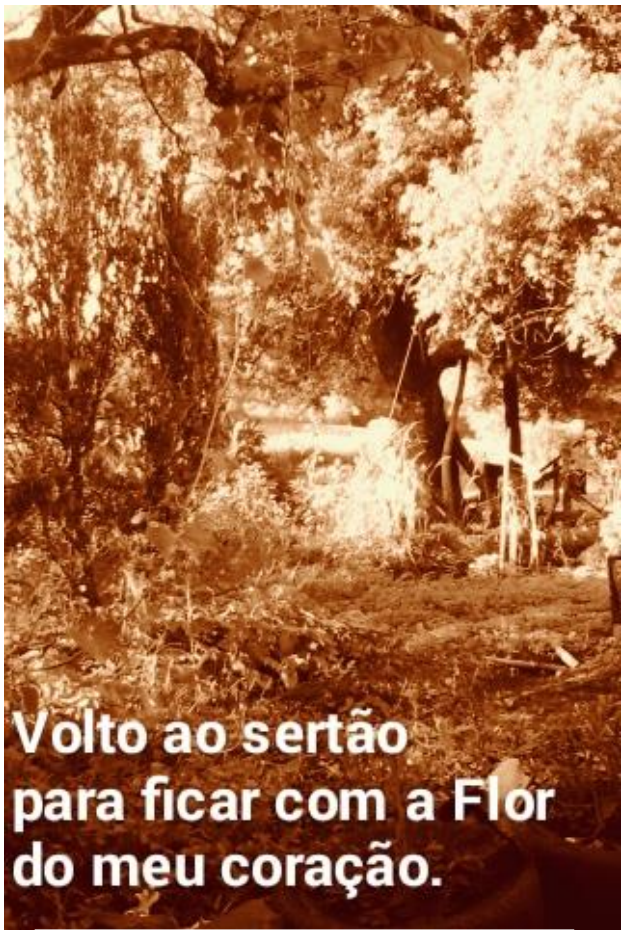


Figura 15: “Volto ao sertão para ficar com a Flor do meu coração”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: O Sertanejo (José de Alencar).
Autoria: Estudante Karoline de Moura.

Figura 16: “Esse céu cor mar faz das nuvens brancas as ondas do teu olhar”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Lucíola (José de Alencar).
Autoria: Estudante Milena Luísa Fucilini.

Figura 17: “Por que tu me negas se ainda tua alma sabe que me amas?”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: Diva (José de Alencar).
Autoria: Estudante Richard Urnau.

Figura 18: “Nem seus lábios... Nem seus olhos podem... de amor falar”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: A Escrava Isaura (Bernardo Guimarães).
Autoria: Estudante Vitória Kunz Schneider.

Figura 19: “Ela na janela a espera da sombra. Vulto desconhecido”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: A Viuvinha (José de Alencar).
Autoria: Estudante Bruno Matte.

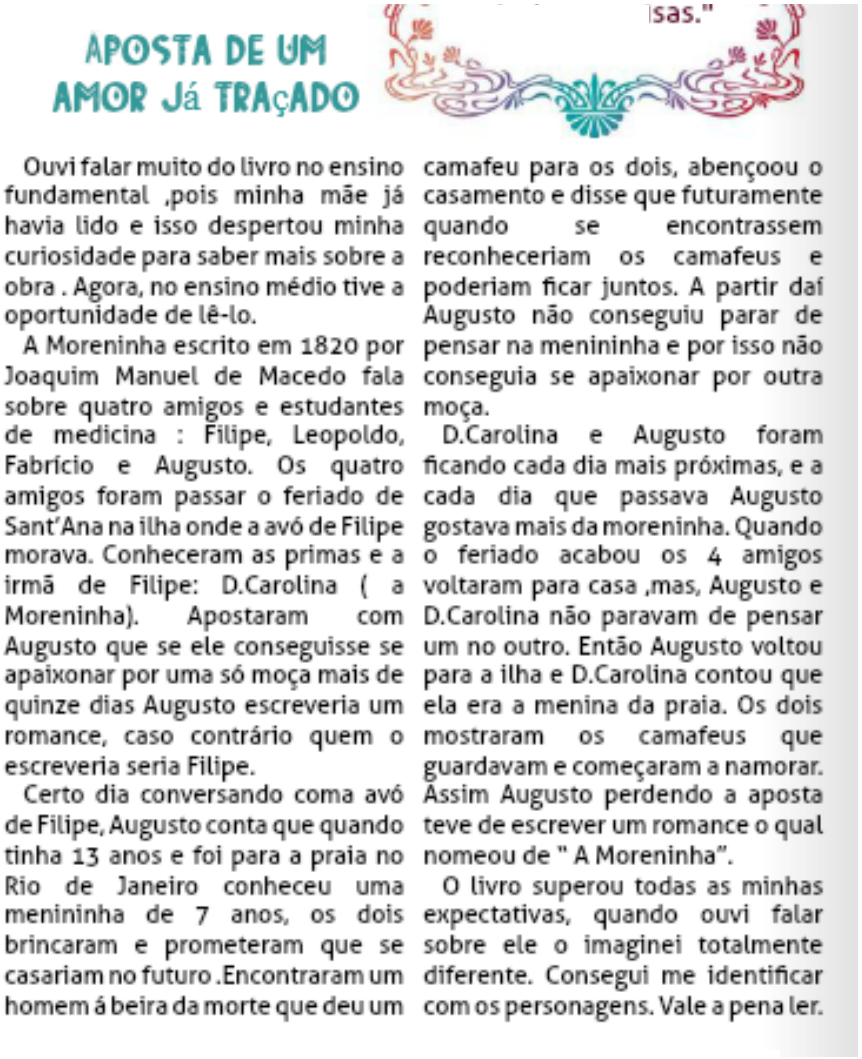
Inferimos que as fotografias e os Haicais foram uma atividade interessante e desafiadora desenvolvida pelos estudantes que participaram da pesquisa. O lado cognitivo de cada estudante foi o maior beneficiado. Com a ação, eles deixaram florescer o seu imaginário, sua criatividade e foram conhecendo as suas aptidões. Esta atividade inter, transdisciplinar, entrelaçando as três disciplinas, teve cunho transversal, atravessou as fronteiras da sala de aula e os muros da escola. Cada estudante fez buscas para além da conjuntura escolar, dando valor para o seu contexto social e cultural. Nas imagens, os estudantes fotografaram seus colegas, uma pessoa da sua família ou eles mesmos representaram o personagem do livro que leram.

4.4 RESENHAS CRÍTICAS ELABORADAS PELOS ESTUDANTES

Após a atividade anterior, na aula de Literatura, os estudantes escreveram as suas resenhas críticas, contando a história do livro que escolheram para ler. Juntamente com a professora, auxiliamos os estudantes na escrita e tiramos as dúvidas. No decorrer da semana, lemos as resenhas e fizemos algumas sugestões

aos estudantes, aperfeiçoando o texto para que, em seguida, eles pudessem utilizá-los na diagramação da Revista Digital.

A seguir, apresentamos as resenhas críticas elaboradas pelos estudantes:



APOSTA DE UM AMOR Já TRAçADO

Ouvi falar muito do livro no ensino fundamental ,pois minha mãe já havia lido e isso despertou minha curiosidade para saber mais sobre a obra . Agora, no ensino médio tive a oportunidade de lê-lo.

A Moreninha escrito em 1820 por Joaquim Manuel de Macedo fala sobre quatro amigos e estudantes de medicina : Filipe, Leopoldo, Fabrício e Augusto. Os quatro amigos foram passar o feriado de Sant'Ana na ilha onde a avó de Filipe morava. Conheceram as primas e a irmã de Filipe: D.Carolina (a Moreninha). Apostaram com Augusto que se ele conseguisse se apaixonar por uma só moça mais de quinze dias Augusto escreveria um romance, caso contrário quem o escreveria seria Filipe.

Certo dia conversando coma avó de Filipe, Augusto conta que quando tinha 13 anos e foi para a praia no Rio de Janeiro conheceu uma menininha de 7 anos, os dois brincaram e prometeram que se casariam no futuro .Encontraram um homem á beira da morte que deu um camafeu para os dois, abençoou o casamento e disse que futuramente quando se encontrassem reconheceriam os camafeus e poderiam ficar juntos. A partir daí Augusto não conseguiu parar de pensar na menininha e por isso não conseguia se apaixonar por outra moça.

D.Carolina e Augusto foram ficando cada dia mais próximas, e a cada dia que passava Augusto gostava mais da moreninha. Quando o feriado acabou os 4 amigos voltaram para casa ,mas, Augusto e D.Carolina não paravam de pensar um no outro. Então Augusto voltou para a ilha e D.Carolina contou que ela era a menina da praia. Os dois mostraram os camafeus que guardavam e começaram a namorar. Assim Augusto perdendo a aposta teve de escrever um romance o qual nomeou de " A Moreninha".

O livro superou todas as minhas expectativas, quando ouvi falar sobre ele o imaginei totalmente diferente. Consegui me identificar com os personagens. Vale a pena ler.

Figura 20: "Aposta de um amor já traçado".
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: A Moreninha (Joaquim Manuel de Macedo).
Autoria: Amanda Deves.

Uma moça de preto

Historia de José de Alencar conta A Viuvinha, que uma boa senhora que se chama D.maria , que conta que se sento com dois mocos em uma mesa, Jorge pega a mão da boa senhora e beija e no outro dia Jorge vai na casa da senhora D.maria logo após ele sentado na mesa aparece a filha da boa senhora e Jorge se interessa , se apaixona pela linda moca , e se casão .

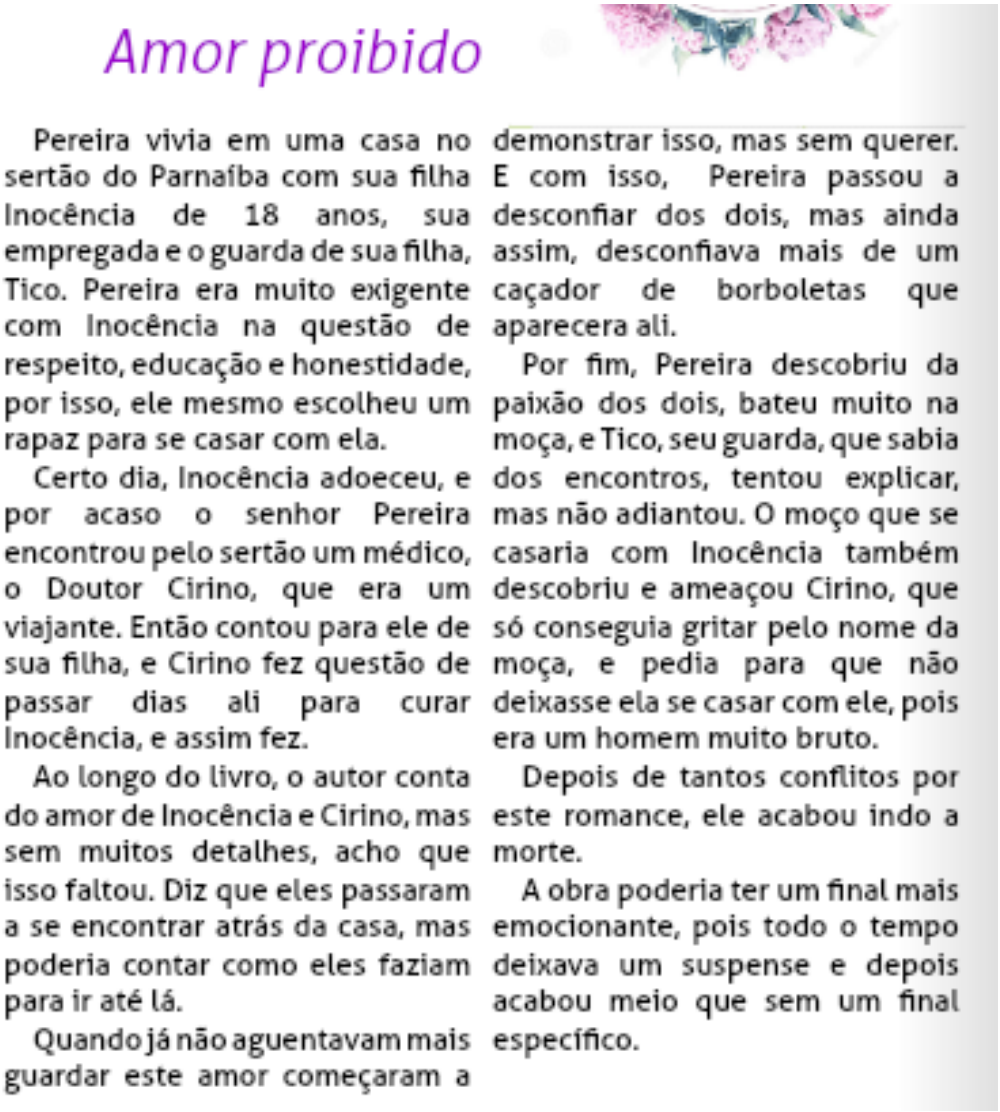
Que depois de um tempo Jorge vai procurar o Sr Almeida, lhe conta que Jorge este completamente falido, ate endividado.

E Jorge não se importa com isso, e se casa com Carolina, mas Jorge com isso passando, todas as suas preocupações. Ele tenta se matar e os trabalhadores escutam os tiros e vão ao lugar pra ver e encontram um corpo e uma carteira e um bilhete que fala que o corpo seja enterrado.

E logo após Carolina descobre que Jorge morreu e com isso ela se veste de preto levando seu falecido esposo no seu coração e com a dor profunda que a mexe.

Ele apenas finge que morre, depois e ele mesmo que volta e conquista o amor da esposa pela segunda vez, Jorge seduza Carolina e se beijão e logo um tempo eles vão morar pra uma fazenda onde eles ficam juntos e com a mãe de Carolina.

Figura 21: “Uma moça de preto”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: A Viuvinha (José de Alencar).
Autoria: Estudante Bruno Matte.



Amor proibido

Pereira vivia em uma casa no sertão do Parnaíba com sua filha Inocência de 18 anos, sua empregada e o guarda de sua filha, Tico. Pereira era muito exigente com Inocência na questão de respeito, educação e honestidade, por isso, ele mesmo escolheu um rapaz para se casar com ela.

Certo dia, Inocência adoeceu, e por acaso o senhor Pereira encontrou pelo sertão um médico, o Doutor Cirino, que era um viajante. Então contou para ele de sua filha, e Cirino fez questão de passar dias ali para curar Inocência, e assim fez.

Ao longo do livro, o autor conta do amor de Inocência e Cirino, mas sem muitos detalhes, acho que isso faltou. Diz que eles passaram a se encontrar atrás da casa, mas poderia contar como eles faziam para ir até lá.

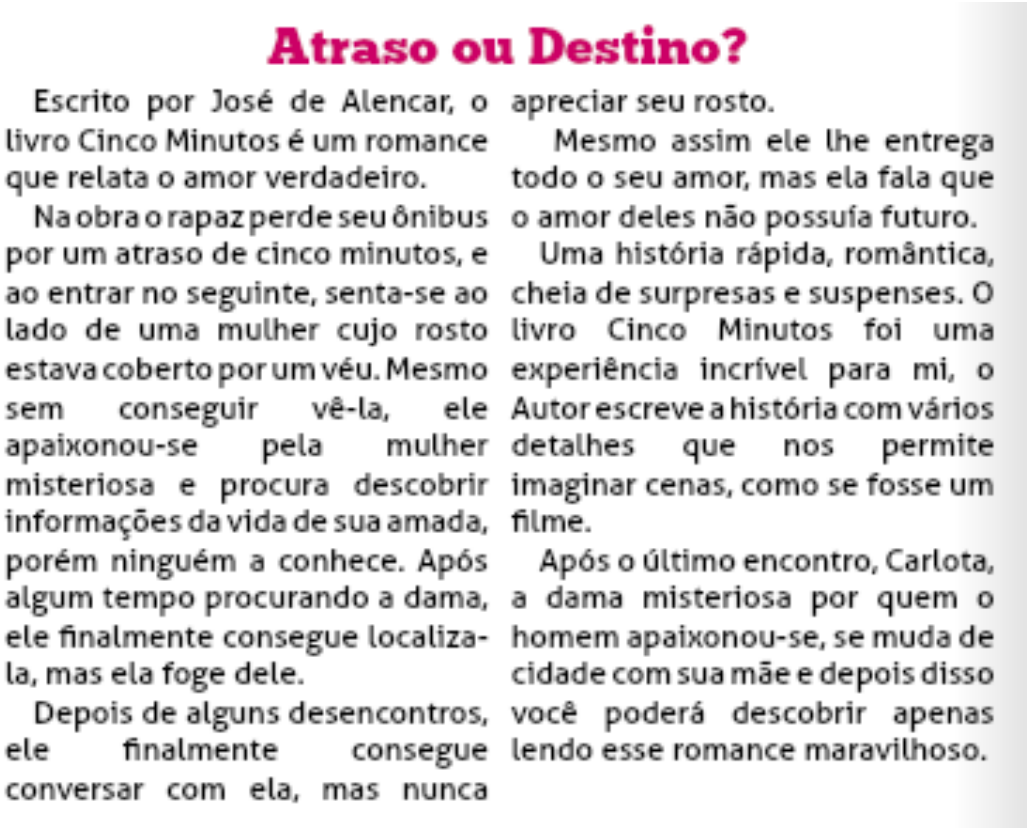
Quando já não aguentavam mais guardar este amor começaram a demonstrar isso, mas sem querer. E com isso, Pereira passou a desconfiar dos dois, mas ainda assim, desconfiava mais de um caçador de borboletas que aparecera ali.

Por fim, Pereira descobriu da paixão dos dois, bateu muito na moça, e Tico, seu guarda, que sabia dos encontros, tentou explicar, mas não adiantou. O moço que se casaria com Inocência também descobriu e ameaçou Cirino, que só conseguia gritar pelo nome da moça, e pedia para que não deixasse ela se casar com ele, pois era um homem muito bruto.

Depois de tantos conflitos por este romance, ele acabou indo a morte.

A obra poderia ter um final mais emocionante, pois todo o tempo deixava um suspense e depois acabou meio que sem um final específico.

Figura 22: “Amor proibido”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Inocência (Visconde de Taunay).
Autoria: Estudante Eduarda Padilha.



Atraso ou Destino?

Escrito por José de Alencar, o livro Cinco Minutos é um romance que relata o amor verdadeiro.

Na obra o rapaz perde seu ônibus por um atraso de cinco minutos, e ao entrar no seguinte, senta-se ao lado de uma mulher cujo rosto estava coberto por um véu. Mesmo sem conseguir vê-la, ele apaixonou-se pela mulher misteriosa e procura descobrir informações da vida de sua amada, porém ninguém a conhece. Após algum tempo procurando a dama, ele finalmente consegue localiza-la, mas ela foge dele.

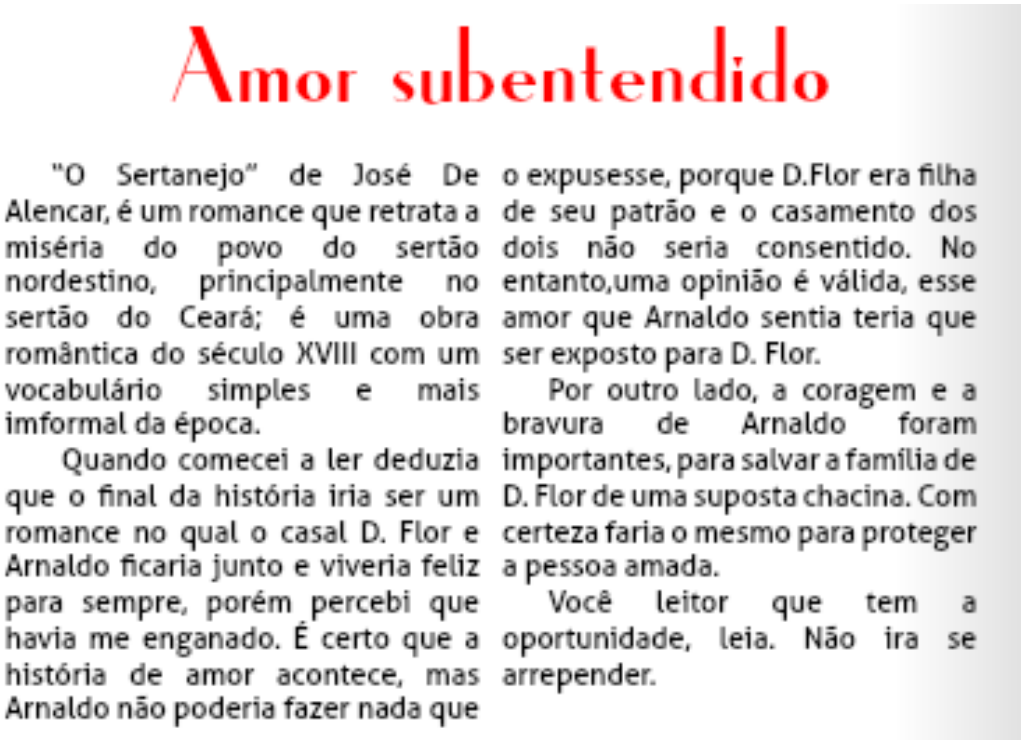
Depois de alguns desencontros, ele finalmente consegue conversar com ela, mas nunca apreciar seu rosto.

Mesmo assim ele lhe entrega todo o seu amor, mas ela fala que o amor deles não possuía futuro.

Uma história rápida, romântica, cheia de surpresas e suspenses. O livro Cinco Minutos foi uma experiência incrível para mi, o Autor escreve a história com vários detalhes que nos permite imaginar cenas, como se fosse um filme.

Após o último encontro, Carlota, a dama misteriosa por quem o homem apaixonou-se, se muda de cidade com sua mãe e depois disso você poderá descobrir apenas lendo esse romance maravilhoso.

Figura 23: “Atraso ou Destino?”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Cinco Minutos (José de Alencar).
Autoria: Estudante Eduarda Tamiozzo Veit.



Amor subentendido

"O Sertanejo" de José De Alencar, é um romance que retrata a miséria do povo do sertão nordestino, principalmente no sertão do Ceará; é uma obra romântica do século XVIII com um vocabulário simples e mais imformal da época.

Quando comecei a ler deduzia que o final da história iria ser um romance no qual o casal D. Flor e Arnaldo ficaria junto e viveria feliz para sempre, porém percebi que havia me enganado. É certo que a história de amor acontece, mas Arnaldo não poderia fazer nada que o expusesse, porque D.Flor era filha de seu patrão e o casamento dos dois não seria consentido. No entanto,uma opinião é válida, esse amor que Arnaldo sentia teria que ser exposto para D. Flor.

Por outro lado, a coragem e a bravura de Arnaldo foram importantes, para salvar a família de D. Flor de uma suposta chacina. Com certeza faria o mesmo para proteger a pessoa amada.

Você leitor que tem a oportunidade, leia. Não ira se arrepender.

Figura 24: “Amor subentendido”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: O Sertanejo (José de Alencar).
Autoria: Estudante Karoline de Moura.

A escolha entre o amor e o dinheiro

Para você que ira ler o livro sonhos d' ouro de José de Alencar, vai ler uma obra que relatará a história de vida de um moço chamado Ricardo, que deixa sua cidade para vir à corte, em busca de melhores condições de vida para sua família e noiva.

Ele tem seu primeiro encontro com Guida, mais precisamente na Tijuca em uma relva (selva).

Pelo seu amigo, Ricardo descobre que a moça que havia encontrado dias antes, era uma das mais belas e ricas moças da corte. No decorrer da história Ricardo tem vários encontros com Guida e, em um deles ela vê de relance um quadro que Ricardo estava fazendo e fica interessada em saber o que ele significava.

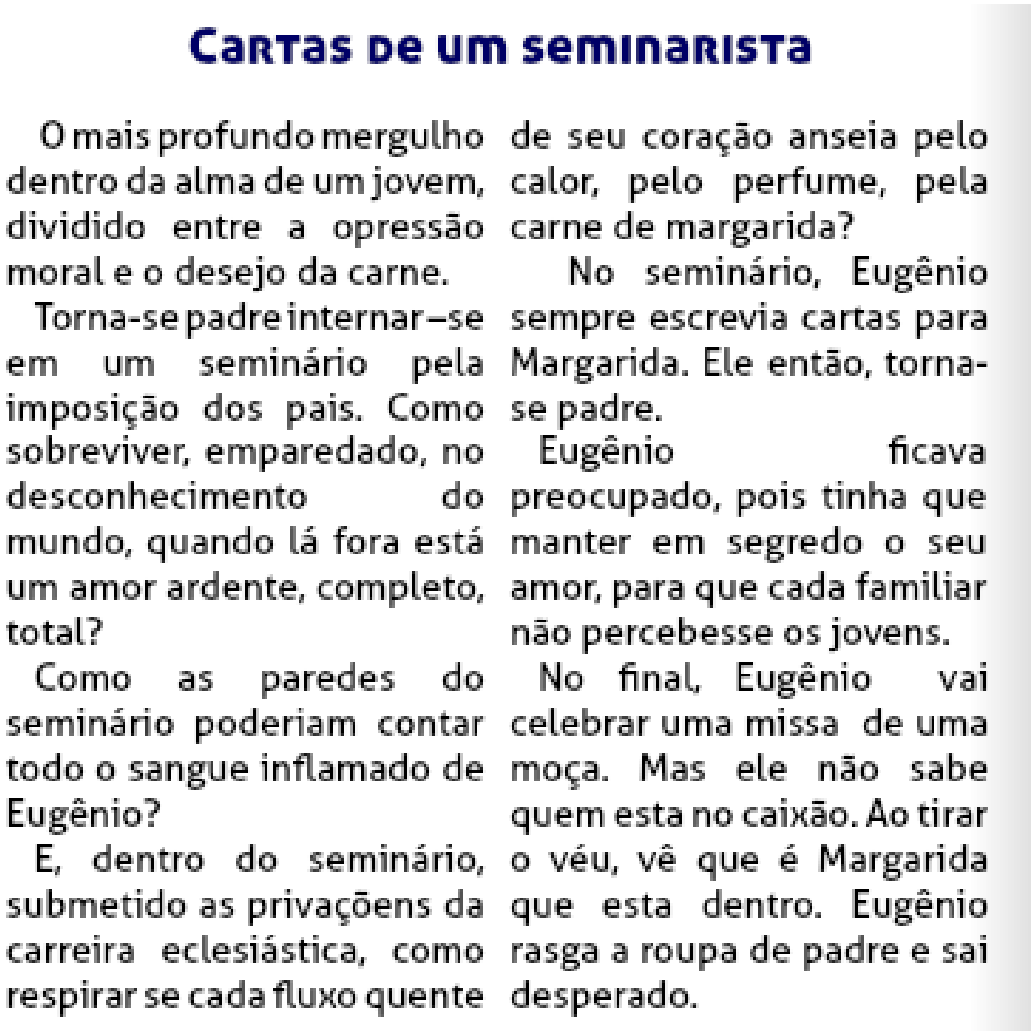
Num almoço de família Guida pede ao senhor Guimarães que convidasse Ricardo e seu amigo Fábio para um jantar na casa deles, mas Ricardo já havia negado horas antes para alguns trabalhadores, porque não queria conviver em uma sociedade a qual não pertencia.

O livro irá contar propostas feitas a Ricardo para que casasse com Guida, uma delas feita pelo senhor Visconde, amigo íntimo da família Soares.

A história relata casos acontecidos anos atrás, assim como se casar com 19 anos, no caso de Guida não é diferente, quando completa seus dezenove anos, pede ajuda de sua avó para escolher um noivo. Mas ela já tinha em mente Ricardo, quando vai falar com ele descobre algo que a deixa muito triste, mas o final desse amor que Guida sente por Ricardo tem um final surpreendente.

Como leitora esse livro não só traz uma vida relacionada em bens e dinheiro e sim um escolha entre o amor e ele, duas vidas e pensamentos muitos diferentes uns dos outros. Uma obra que relata o amor de uma pessoa rica por uma pobre.

Figura 25: “A Escolha entre o amor e o dinheiro”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Sonhos D’Ouro (José de Alencar).
Autoria: Estudante Manueli Luiza Heckler Machado.



Cartas de um seminarista

O mais profundo mergulho dentro da alma de um jovem, dividido entre a opressão moral e o desejo da carne.

Torna-se padre internar–se em um seminário pela imposição dos pais. Como sobreviver, emparedado, no desconhecimento do mundo, quando lá fora está um amor ardente, completo, total?

Como as paredes do seminário poderiam contar todo o sangue inflamado de Eugênio?

E, dentro do seminário, submetido as privaçõens da carreira eclesiástica, como respirar se cada fluxo quente de seu coração anseia pelo calor, pelo perfume, pela carne de margarida?

No seminário, Eugênio sempre escrevia cartas para Margarida. Ele então, torna-se padre.

Eugênio ficava preocupado, pois tinha que manter em segredo o seu amor, para que cada familiar não percebesse os jovens.

No final, Eugênio vai celebrar uma missa de uma moça. Mas ele não sabe quem esta no caixão. Ao tirar o véu, vê que é Margarida que esta dentro. Eugênio rasga a roupa de padre e sai desperado.

Figura 26: “Cartas de um seminarista”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: O Seminarista (Bernardo Guimarães).
Autoria: Estudante Márcio Knoll.

IDAS E VINDAS DE UMA HISTÓRIA DE AMOR

Em Lucíola, José de Alencar dá a voz a Paulo Dias que, por meio de cartas, conta sua história com uma moça chamada Lúcia.

Os dois se conhecem no Rio de Janeiro e passam a conviver todos os dias. Ao longo do livro diversos segredos são revelados, fatos inimagináveis que trazem consigo aquela absurda vontade do "querer mais". O autor faz de Lúcia uma personagem muito interessante, carismática e misteriosa; Algo que facilmente consegue prender o leitor (a).

Ela, desde muito jovem, foi independente. Seus problemas familiares a fizeram viver praticamente sozinha. Assim sendo, teve de se prostituir para ganhar dinheiro. Paulo porém, um rapaz muito conservador, aos poucos a fez mudar vários de seus conceitos.

Vale bastante a pena ler, pois o final é surpreendente! Mesmo tendo uma linguagem um pouco difícil para os nossos tempos, já que é uma obra de 1862, os acontecimentos são bem compreensíveis, a história é dividida em XXI capítulos e apresenta algumas imagens, tornando a leitura menos cansativa.

Admiro os diversos esforços do homem durante o romance e também a força de Lúcia perante muitos fardos. O amor deles fica entre a paixão e a culpa, pois o preconceito da sociedade faz com os dois escondam sua relação. Essa culpa é redimida, quando Paulo descobre a verdade sobre o passado da moça e passa a conhecer as razões que a levaram a ter essa vida de luxúria e capricho.

Figura 27: “Idas e vindas de uma história de amor”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Lucíola (José de Alencar).
Autoria: Estudante Milena Luísa Fucilini.

Conflito Aimoré

D.Antônio de Mariz era um ex fidalgo da corte portuguesa, que veio se estabelecer no interior do Rio de Janeiro co toda a sua família. Sua filha Cecília era uma moça muito bonita, por isso todos os rapazes apaixonavam-se por ela. Um desses rapazes era Álvaro , que para D.Antônio era um homem de confiança. Cecília não se apaixona por ele, e quem se apaixona é sua irmã Isabel.

Habitava lá também um índio Guarani chamado Peri. Ele era um escravo de Cecília, fazia de tudo para ver ela feliz, estava disposto a dar sua vida por ela. Peri já havia salvado Cecília uma vez, com isso D.Antônio deixou Peri ficar na casa.

D.Diogo em uma de suas caçadas, sem querer matou a filha do cacique da tribo dos Aimorés, que depois disso resolveram promover uma guerra contra D.Antônio. Sabendo que não possuía defesa contra os Aimorés, D.Antônio descobre os planos de Loredano, que era roubar toda a sua prata e depois sequestrar sua filha e fugir. Sua atitude foi condenar Loredano à morte.

Passado isso, os Aimorés fazem seu primeiro ataque sem sucesso, a partir daí o livro passa a ser um pouco confuso, pois o autor torna-se repetitivo, o que fica um pouco cansativo nessa parte.

Peri tem uma ideia para salvar todos da casa e derrotar os Aimorés, mas para isso ele precisaria ser morto, porém antes de ser sacrificado, Álvaro vem com mais alguns guerreiros para salvá-lo.

Após alguns dias, Peri caminha pela floresta e vê Álvaro ser morto por um grupo de Aimorés. Peri pega o corpo de seu amigo e leva para a casa de D.Antônio. Chegando lá, todos levam um choque ao ver o corpo de Álvaro, principalmente Isabel, que resolve se suicidar para ficar com Álvaro no céu.

Os Aimorés resolvem fazer um ataque fatal, e D.Antônio vendo que não possuía chance, pediu para Peri levar Cecília para o Rio de Janeiro, porém Cecília não queria ir, e soltou pelo rio a canoa em que estavam. Então Peri e Cecília passam a viver juntos na floresta.

Um exelente romance, muito bem escrito por José de Alencar. Eu tenho certeza que todas as pessoas que irão ler a história vão gostar muito.

Figura 28: “Conflito Aimoré”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: O Guarani (José de Alencar).
Autoria: Estudante Rafael Saling.

As loucuras de Augusto

Escrito por José de Alencar, Diva é um romance que retrata a vida da sociedade fluminense, na qual Emília, ou simplesmente Mila, é salva da morte por um jovem médico chamado Augusto. Depois de alguns anos, Emília já é uma mulher feita e disposta e, ao invés de retribuir todo o bem que Augusto lhe fez, passa a maltratá-lo e humilhá-lo diante das outras pessoas, que estão presentes nos bailes e reuniões que acontecem em quintas e domingos, na casa de Dona Leocádia e sua sobrinha Júlia.

Augusto, como está perdidamente apaixonado por Emília, faz tudo para poder ficar com ela, mas como ela é de família rica e ele é só um simples médico, esse sonho fica cada vez mais distante de acontecer.

Depois de um tempo, porém, Emília se apaixona por Augusto que não mais a ama. Após algum período, Emília e Augusto se encontram numa cascata artificial, num tanque de pedras, e lá ficaram trocando ideias sobre o que aconteceria com eles. Passados mais alguns dias, eles se encontram novamente, mas agora em uma floresta perto da casa de Emília, então eles decidem namorar e mais tarde se casam e vivem felizes.

Esse livro nos mostra o quanto as pessoas eram apaixonadas, mas não correspondidas, e faziam loucuras (como exemplo: ficar dias viajando só para passar um ou dois dias com aquela pessoa, ficar dias esperando alguma carta que nem sempre chegava etc...) para conseguir ficar com aquela pessoa. O livro foi escrito em 1864 e não é uma continuação de Lucíola como muitos pensam.

Figura 29: “As Loucuras de Augusto”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Diva (José de Alencar).
Autoria: Estudante Richard Urnau.

O Casamento Comprado

A obra senhora que é dividida em quatro partes, do autor José de Alencar é um livro muito bom, pois relata como era a vida das moças e como eram arranjados os casamentos de antigamente. A primeira parte do livro relata sobre uma jovem chamada Aurélia, que era órfã e frequentava bailes da alta sociedade e sempre andava acompanhada de sua parenta dona Firmina. Em um baile de costume Aurélia fica se questionando sobre seu futuro e acaba escrevendo uma carta ao senhor Lemos, dando-lhe a missão de arrumar o seu casamento com Fernando Seixas, ele era o atual noivo de Adelaide. Então Lemos faz a proposta a ele, que acaba aceitando pelo alto valor do dote (pois antigamente as pessoas mais ricas escolhiam seus companheiros e pagavam pelo casamento).

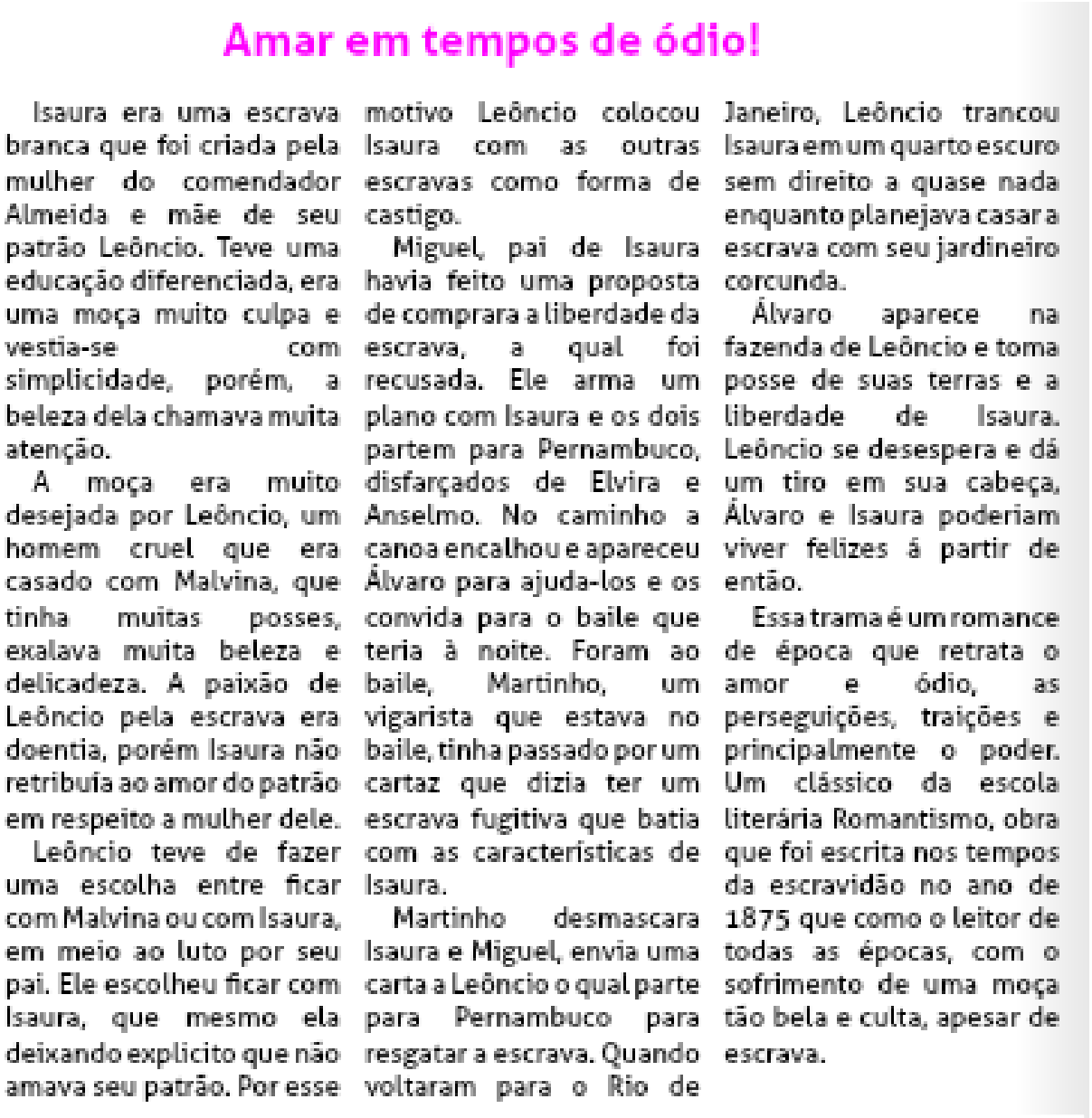
A segunda parte fala um pouco sobre a vida de Aurélia, que quando era pobre Seixas aparece com uma proposta de casamento e então os dois ficam noivos, mas Seixas logo se arrepende e larga Aurélia para ficar com Adelaide que era rica. Depois Aurélia recebe uma herança e se torna mais rica, aí faz a proposta de casamento a Fernando.

Então a terceira parte Aurélia e Seixas já estão casados, então relata um pouco de como era a vida deles juntos e fala que apesar de Seixas sentir-se como um escravo de Aurélia e todos os dias se sentir humilhado, na frente da sociedade agiam como apaixonados e trocavam carinhos, mas a sós falavam palavras ofensivas. Ao ler essa parte passou pela minha cabeça que Aurélia casou-se com ele, para se vingar por ele ter deixado ela.

Na quarta parte houve a grande surpresa...Seixas cansado de Aurélia decidiu sair e trabalhar, fez um grande negocia e então fala com Aurélia e pede o divórcio e tenta devolver a ela o dinheiro do dote, mas Aurélia lhe mostra o testamento, que Seixas lê e fica surpreso, e no final acaba tendo um romance com Aurélia.

O livro senhora foi publicado em outubro de 1997. Esse livro é ótimo para ler, pois durante a história surgem várias surpresas.

Figura 30: “O casamento comprado”.
Fonte: Resenha crítica pessoal.
Romance inspirador: Senhora (José de Alencar).
Autoria: Estudante Vanessa Viana da Cunha.



Amar em tempos de ódio!

Isaura era uma escrava branca que foi criada pela mulher do comendador Almeida e mãe de seu patrão Leôncio. Teve uma educação diferenciada, era uma moça muito culpa e vestia-se com simplicidade, porém, a beleza dela chamava muita atenção.

A moça era muito desejada por Leôncio, um homem cruel que era casado com Malvina, que tinha muitas posses, exalava muita beleza e delicadeza. A paixão de Leôncio pela escrava era doentia, porém Isaura não retribuía ao amor do patrão em respeito a mulher dele.

Leôncio teve de fazer uma escolha entre ficar com Malvina ou com Isaura, em meio ao luto por seu pai. Ele escolheu ficar com Isaura, que mesmo ela deixando explicito que não amava seu patrão. Por esse motivo Leôncio colocou Isaura com as outras escravas como forma de castigo.

Miguel, pai de Isaura havia feito uma proposta de comprara a liberdade da escrava, a qual foi recusada. Ele arma um plano com Isaura e os dois partem para Pernambuco, disfarçados de Elvira e Anselmo. No caminho a canoa encalhou e apareceu Álvaro para ajuda-los e os convida para o baile que teria à noite. Foram ao baile, Martinho, um vigarista que estava no baile, tinha passado por um cartaz que dizia ter um escrava fugitiva que batia com as caracteristicas de Isaura.

Martinho desmascara Isaura e Miguel, envia uma carta a Leôncio o qual parte para Pernambuco para resgatar a escrava. Quando voltaram para o Rio de Janeiro, Leôncio trancou Isaura em um quarto escuro sem direito a quase nada enquanto planejava casar a escrava com seu jardineiro corcunda.

Álvaro aparece na fazenda de Leôncio e toma posse de suas terras e a liberdade de Isaura. Leôncio se desespera e dá um tiro em sua cabeça, Álvaro e Isaura poderiam viver felizes á partir de então.

Essa trama é um romance de época que retrata o amor e ódio, as perseguições, traições e principalmente o poder. Um clássico da escola literária Romantismo, obra que foi escrita nos tempos da escravidão no ano de 1875 que como o leitor de todas as épocas, com o sofrimento de uma moça tão bela e culta, apesar de escrava.

Figura 31: “Amar em tempos de ódio!”.
Fonte: Fotografia pessoal e Haicai.
Romance inspirador: A Escrava Isaura (Bernardo Guimarães).
Autoria: Estudante Vitória Kunz Schneider.

Quando a elaboração dos materiais estava quase finalizada, na disciplina de Arte, no laboratório de informática, demos ciência da evolução da Revista Digital, quer em termos de conteúdo, quer em termos de visualidade. Discutimos argumentativamente sobre o nome da Revista e sobre a escolha desta denominação, “Ágora Contemporânea”. Explicamos sobre o manuseio da plataforma e mostramos as opções de edição que ela propicia.

Procuramos na *web* opções de revistas digitais que poderiam ser criadas de forma gratuita. O *site* que consideramos mais adequado para esta pesquisa foi o

Joomag Newsstand[21], pois oferece uma vasta lista de opções de recursos, como escolher o *design* que se encaixa da melhor forma e tendo a possibilidade de escolher o *template* para o tema desejado. Encontramos na plataforma mais de uma opção de *template,* relacionado ao ambiente escolar. A seguir, apresentamos a página inicial da plataforma em questão neste trabalho.

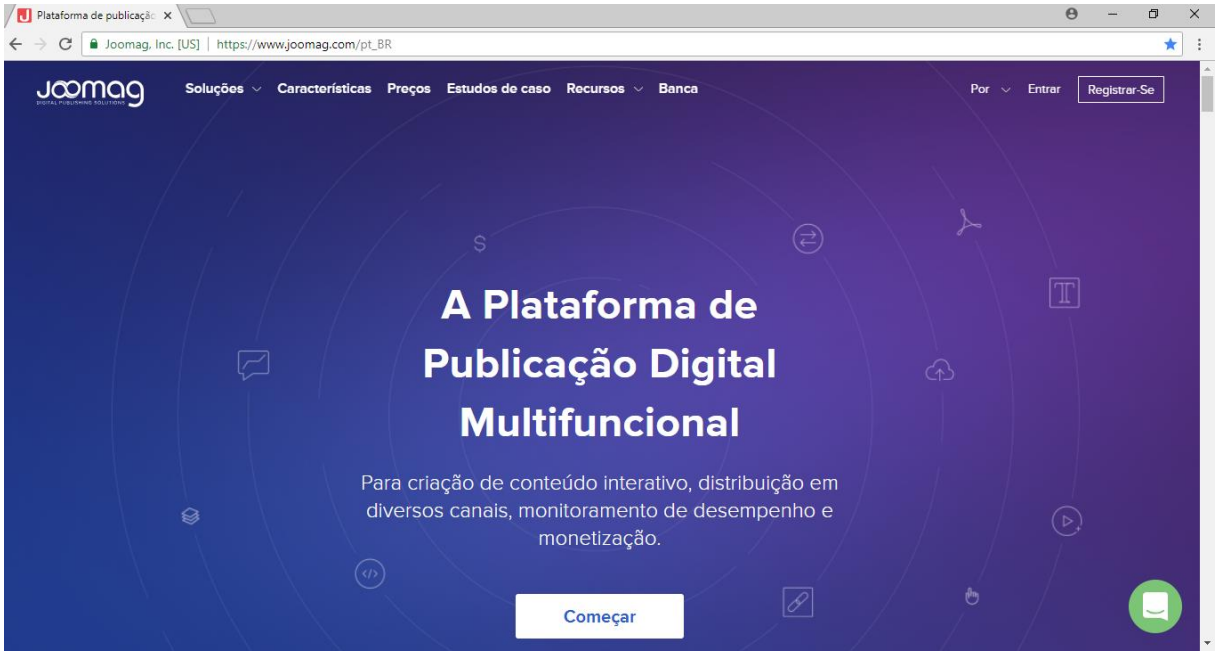


Figura 32: *Site Joomag* – criação da revista digital.
Fonte: https://www.joomag.com/pt_BR.

Motivados pela apresentação da plataforma, os estudantes começaram a fazer buscas na *Internet,* a fim de encontrar materiais relacionados com o livro que escolheram para utilizarem na diagramação. Aproveitaram ainda para navegar pela plataforma da revista, descobrindo opções e vendo as possibilidades de imagens, vídeos e *links* que eles poderiam criar e utilizar em suas páginas.

Nesta etapa, os estudantes estavam ainda mais curiosos e empolgados com as buscas na *Internet*. Em mais um encontro, definimos os horários que cada estudante viria até a escola para diagramar a sua página. Em acordo com as professoras, decidimos que o horário mais adequado seria o do inverso ao horário estabelecido para as aulas, pois o processo de diagramação seria complexo e levaria tempo. Ao que os estudantes prontamente aceitaram e prestaram sua colaboração de modo intenso e integrado, dedicando-se muitas horas para que a diagramação de todos ficasse a contento de cada um.

[21] https://www.joomag.com/pt_BR.

A atividade de diagramação açambarcou sete encontros intensos e bastante laboriosos, obedecendo a uma ordem inicial, atendimento único a cada estudante e, posteriormente, passamos para o atendimento em duplas.

Ao analisarmos esta etapa da pesquisa, da diagramação, podemos dizer que os estudantes estavam fascinados com o processo, pois por mais que eles estejam conectados cotidianamente com a TCD, as atividades propostas foram para além das proposições habituais e dos espaços escolares. Os estudantes percorreram diversos meios, como o seu perfil no *Facebook e/*ou no *Instagram*, salvando uma foto para colocar na sua página, utilizaram constantemente o *e-mail,* a fim de salvar e enviar os materiais necessários. Além disso, as buscas na *Internet* foram incessantes, tanto para pesquisar assuntos relacionados ao livro de Romance que cada um escolheu, como para salvar imagens, vídeos e dentre outros materiais que os estudantes achavam pertinentes para compor as suas páginas.

Desde o início da pesquisa até a finalização da Revista Digital, foram 19 encontros presenciais na escola com os estudantes e as professoras. Além destes, mantivemos um constante contato com os sujeitos da pesquisa por meio de *e-mail* e pelo grupo do *WhatsApp*. Assim, muitas das tarefas foram enviadas com o auxílio destes meios digitais, que facilitaram e contribuíram de forma positiva no processo.

4.5 ÁGORA: UMA EXPERIMENTAÇÃO CONTEMPORÂNEA

A seguir, apresentamos as páginas diagramadas por todos os envolvidos no processo de estudo e pesquisa, as quais fazem parte desta dissertação e mostram de que maneira foram organizados os materiais produzidos e descritos anteriormente. As tarefas individuais trazem consigo a identidade de cada estudante que, no final, estas mesmas tarefas resultaram em um trabalho coletivo, ou seja, as singularidades estão presentes na multiplicidade, como podemos observar a seguir.

Figura 33: Páginas diagramadas pela estudante Amanda Deves.

Figura 34: Páginas diagramadas pelo estudante Bruno Matte.

Eduarda Padilha
16 anos

"As pessoas precisam evoluir sem se perder de si!"

Amor proibido

Pereira vivia em uma casa no sertão do Parnaíba com sua filha Inocência de 18 anos, sua empregada e o guarda de sua filha, Tico. Pereira era muito exigente com Inocência na questão de respeito, educação e honestidade, por isso, ele mesmo escolheu um rapaz para se casar com ela.

Certo dia, Inocência adoeceu, e por acaso o senhor Pereira encontrou pelo sertão um médico, o Doutor Cirino, que era um viajante. Então contou para ele de sua filha, e Cirino fez questão de passar dias ali para curar Inocência, e assim fez.

Ao longo do livro, o autor conta do amor de Inocência e Cirino, mas sem muitos detalhes, acho que isso faltou. Diz que eles passaram a se encontrar atrás da casa, mas poderia contar como eles faziam para ir até lá.

Quando já não aguentavam mais guardar este amor começaram a demonstrar isso, mas sem querer. E com isso, Pereira passou a desconfiar dos dois, mas ainda assim, desconfiava mais de um caçador de borboletas que aparecera ali.

Por fim, Pereira descobriu da paixão dos dois, bateu muito na moça, e Tico, seu guarda, que sabia dos encontros, tentou explicar, mas não adiantou. O moço que se casaria com Inocência também descobriu e ameaçou Cirino, que só conseguia gritar pelo nome da moça, e pedia para que não deixasse ela se casar com ele, pois era um homem muito bruto.

Depois de tantos conflitos por este romance, ele acabou indo a morte.

A obra poderia ter um final mais emocionante, pois todo o tempo deixava um suspense e depois acabou meio que sem um final específico.

Visconde de Taunay nasceu em São Cristóvão, no Rio de Janeiro, no dia 22 de fevereiro de 1843. Ele foi um escritor, militar e político do império brasileiro. E faleceu no Rio de Janeiro, no dia 25 de janeiro de 1899. Em 1872, Visconde ingressou na vida política. Neste mesmo ano publica "Inocência", que é considerado o melhor romance sertanejo do Romantismo. Para saber mais sobre o autor, clique em sua foto.

Para saber mais sobre a história, clique no vídeo ao lado.

Você sabia?

No ano de 2011 foi lançado o filme Inocência. Ficou curioso? Clique aqui para assistir ao filme.

Figura 35: Páginas diagramadas pela estudante Eduarda Padilha.

Eduarda Tamiozzo Veit, 16 anos.

"Temos nosso próprio tempo."

Atraso ou Destino?

Escrito por José de Alencar, o livro Cinco Minutos é um romance que relata o amor verdadeiro.

Na obra o rapaz perde seu ônibus por um atraso de cinco minutos, e ao entrar no seguinte, senta-se ao lado de uma mulher cujo rosto estava coberto por um véu. Mesmo sem conseguir vê-la, ele apaixonou-se pela mulher misteriosa e procura descobrir informações da vida de sua amada, porém ninguém a conhece. Após algum tempo procurando a dama, ele finalmente consegue localiza-la, mas ela foge dele.

Depois de alguns desencontros, ele finalmente consegue conversar com ela, mas nunca apreciar seu rosto.

Mesmo assim ele lhe entrega todo o seu amor, mas ela fala que o amor deles não possuía futuro.

Uma história rápida, romântica, cheia de surpresas e suspenses. O livro Cinco Minutos foi uma experiência incrível para mi, o Autor escreve a história com vários detalhes que nos permite imaginar cenas, como se fosse um filme.

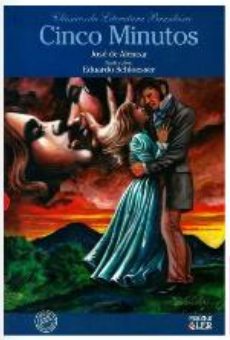
Após o último encontro, Carlota, a dama misteriosa por quem o homem apaixonou-se, se muda de cidade com sua mãe e depois disso você poderá descobrir apenas lendo esse romance maravilhoso.

Clique no vídeo ao lado para saber um pouco mais sobre a história.

"Nesses desertos, tão vastos, tão extensos, não haveria sequer vida bastante para duas criaturas que apenas pediam um palmo de terra e um sopro de ar, a fim de poderem elevar a Deus, como uma prece constante, o seu amor tão puro?"

Frase do livro Cinco Minutos, p. 40.

Haicai inspirado no livro Cinco Minutos



-->Curiosidades

Figura 36: Páginas diagramadas pela estudante Eduarda Veit.

Figura 37: Páginas diagramadas pela estudante Karoline de Moura.

Figura 38: Páginas diagramadas pela estudante Manueli Machado.

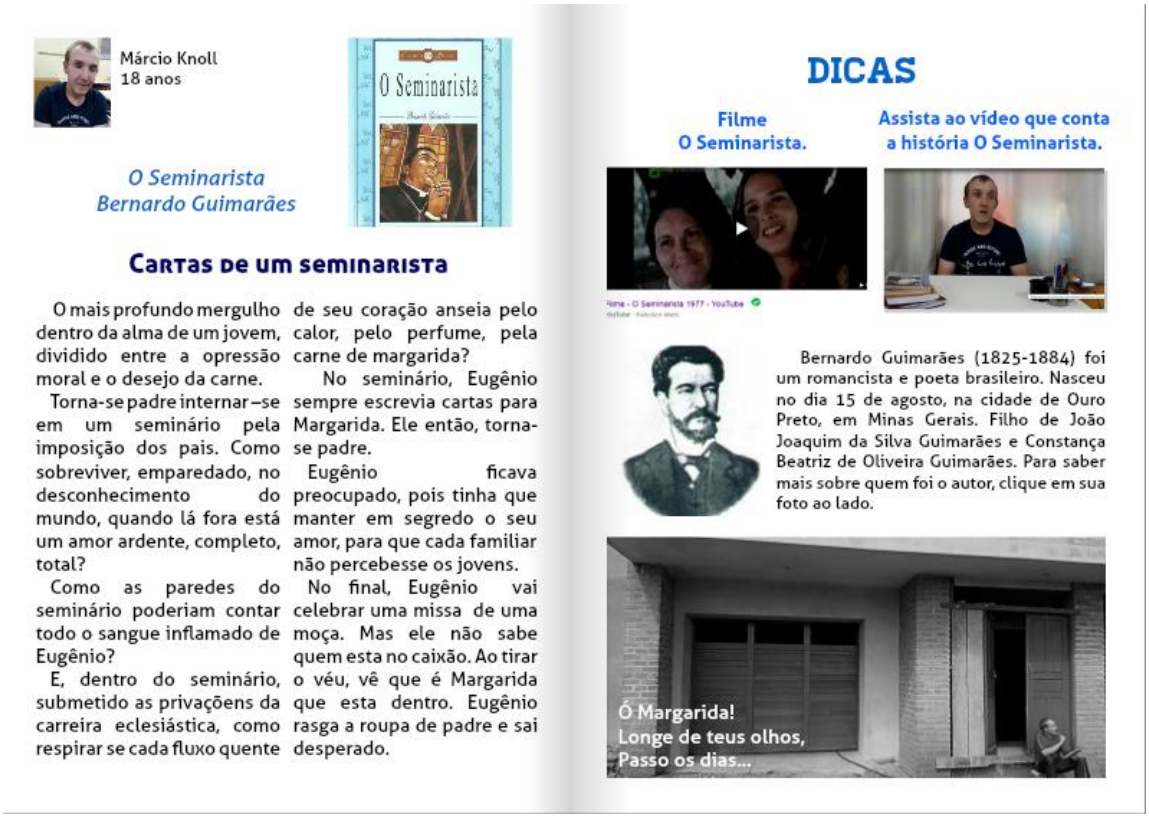


Figura 39: Páginas diagramadas pelo estudante Márcio Knoll.

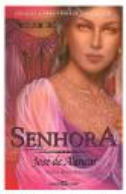
Figura 40: Páginas diagramadas pela estudante Milena Fucilini.

Figura 41: Páginas diagramadas pelo estudante Rafael Saling.

Figura 42: Páginas diagramadas pelo estudante Richard Urnau.

Vanessa de Souza Viana, 17 anos.

"Nunca desista daquilo que faz seu coração vibrar."



O Casamento Comprado

A obra senhora que é dividida em quatro partes, do autor José de Alencar é um livro muito bom, pois relata como era a vida das moças e como eram arranjados os casamentos de antigamente. A primeira parte do livro relata sobre uma jovem chamada Aurélia, que era órfã e frequentava bailes da alta sociedade e sempre andava acompanhada de sua parenta dona Firmina. Em um baile de costume Aurélia fica se questionando sobre seu futuro e acaba escrevendo uma carta ao senhor Lemos, dando-lhe a missão de arrumar o seu casamento com Fernando Seixas, ele era o atual noivo de Adelaide. Então Lemos faz a proposta a ele, que acaba aceitando pelo alto valor do dote (pois antigamente as pessoas mais ricas escolhiam seus companheiros e pagavam pelo casamento).

A segunda parte fala um pouco sobre a vida de Aurélia, que quando era pobre Seixas aparece com uma proposta de casamento e então os dois ficam noivos, mas Seixas logo se arrepende e larga Aurélia para ficar com Adelaide que era rica. Depois Aurélia recebe uma herança e se torna mais rica, aí faz a proposta de casamento a Fernando.

Então a terceira parte Aurélia e Seixas já estão casados, então relata um pouco de como era a vida deles juntos e fala que apesar de Seixas sentir-se como um escravo de Aurélia e todos os dias se sentir humilhado, na frente da sociedade agiam como apaixonados e trocavam carinhos, mas a sós falavam palavras ofensivas. Ao ler essa parte passou pela minha cabeça que Aurélia casou-se com ele, para se vingar por ele ter deixado ela.

Na quarta parte houve a grande surpresa...Seixas cansado de Aurélia decidiu sair e trabalhar, fez um grande negocia e então fala com Aurélia e pede o divórcio e tenta devolver a ela o dinheiro do dote, mas Aurélia lhe mostra o testamento, que Seixas lê e fica surpreso, e no final acaba tendo um romance com Aurélia.

O livro senhora foi publicado em outubro de 1997. Esse livro é ótimo para ler, pois durante a história surgem várias surpresas.

Haicai inspirado no amor entre Aurélia e Fernando.

O romance "Senhora" de José de Alencar foi publicado pela primeira vez em 1875 e é organizado em quatro partes que definem uma transação comercial, simbolizando metaforicamente o casamento por interesse, a saber: O preço; Quitação; Posse; Resgate.

#FICAADICA:
Assista ao filme Senhora
CLICANDO AQUI

Assista ao vídeo, em que a obra "Senhora" é contada com detalhes.

Na foto acima, veja a análise do livro.

Figura 43: Páginas diagramadas pela estudante Vanessa Viana.

Vitória Kunz Schneider, 18 anos.

Amar em tempos de ódio!

Isaura era uma escrava branca que foi criada pela mulher do comendador Almeida e mãe de seu patrão Leôncio. Teve uma educação diferenciada, era uma moça muito culpa e vestia-se com simplicidade, porém, a beleza dela chamava muita atenção.

A moça era muito desejada por Leôncio, um homem cruel que era casado com Malvina, que tinha muitas posses, exalava muita beleza e delicadeza. A paixão de Leôncio pela escrava era doentia, porém Isaura não retribuía ao amor do patrão em respeito a mulher dele.

Leôncio teve de fazer uma escolha entre ficar com Malvina ou com Isaura, em meio ao luto por seu pai. Ele escolheu ficar com Isaura, que mesmo ela deixando explicito que não amava seu patrão. Por esse motivo Leôncio colocou Isaura com as outras escravas como forma de castigo.

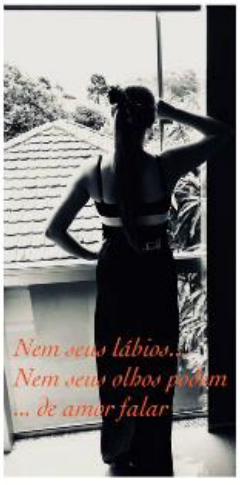
Miguel, pai de Isaura havia feito uma proposta de comprara a liberdade da escrava, a qual foi recusada. Ele arma um plano com Isaura e os dois partem para Pernambuco, disfarçados de Elvira e Anselmo. No caminho a canoa encalhou e apareceu Álvaro para ajuda-los e os convida para o baile que teria à noite. Foram ao baile, Martinho, um vigarista que estava no baile, tinha passado por um cartaz que dizia ter um escrava fugitiva que batia com as caracteristicas de Isaura.

Martinho desmascara Isaura e Miguel, envia uma carta a Leôncio o qual parte para Pernambuco para resgatar a escrava. Quando voltaram para o Rio de Janeiro, Leôncio trancou Isaura em um quarto escuro sem direito a quase nada enquanto planejava casar a escrava com seu jardineiro corcunda.

Álvaro aparece na fazenda de Leôncio e toma posse de suas terras e a liberdade de Isaura. Leôncio se desespera e dá um tiro em sua cabeça, Álvaro e Isaura poderiam viver felizes á partir de então.

Essa trama é um romance de época que retrata o amor e ódio, as perseguições, traições e principalmente o poder. Um clássico da escola literária Romantismo, obra que foi escrita nos tempos da escravidão no ano de 1875 que como o leitor de todas as épocas, com o sofrimento de uma moça tão bela e culta, apesar de escrava.

Inspirada na obra de Bernardo Guimarães, a novela retrata a luta abolicionista no Brasil tendo como fio condutor a paixão doentia de um senhor por sua escrava branca.



Assista ao vídeo abaixo

Figura 44: Páginas diagramadas pela estudante Vitória Schneider.

A diagramação das páginas teve grande importância da Experimentação, pois os sujeitos pesquisados puderam ver e aprender como se montam páginas em revistas *online*, fato que eles haviam comentado que achavam muito interessante ver este tipo de conteúdo na rede. Esta etapa contribuiu para mostrar o quanto uma atividade em equipe é valorosa. Os estudantes foram percebendo que o esforço de cada um, resultou em um trabalho coletivo. Este, por sinal, estava sendo muito esperado e despertou muita curiosidade entre os estudantes.

4.6 APRESENTAÇÕES NA ÁGORA ESCOLAR

Após finalizar a diagramação das páginas de todos os estudantes, estes gravaram um vídeo, em que comentaram sobre a experiência em participar da pesquisa desenvolvida. Dessa vez, decidimos que os estudantes é quem fariam a gravação, pedindo ajuda de um colega, de um familiar, ou ainda, tendo a opção de gravar sozinhos, no formato de *selfie*. Montamos um roteiro de gravação, para auxiliar os aprendentes. O primeiro gráfico mostra os estudantes envolvidos na pesquisa.

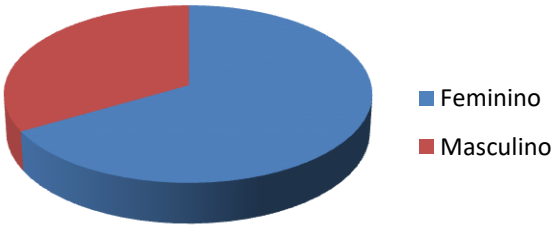


Gráfico 1 – Estudantes envolvidos na pesquisa.
Fonte: Da autora.

Dentre as respostas dos estudantes, quando indagamos se eles alguma vez já desenvolveram alguma atividade nas disciplinas que envolvesse algum recurso tecnológico, todos os estudantes responderam que sim. Entretanto, muitos deles destacaram em seus depoimentos videográficos, que utilizavam para digitar textos e fazer apresentações em um único aplicativo. Frisaram que nunca haviam realizado uma atividade com o uso de tecnologia como foi a Experimentação.

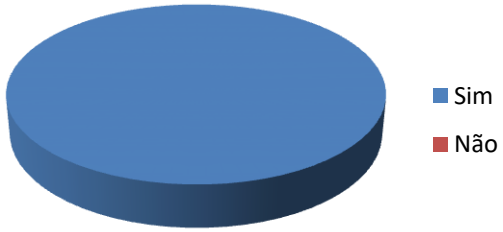


Gráfico 2 - Uso da tecnologia para desenvolver atividades das disciplinas.
Fonte: Da autora.

Ao serem questionados se consideraram válida a pesquisa que foi desenvolvida, desde o filme Extraordinário que foi assistido, as produções de textos sobre o filme e sobre o livro de Romance, a fotografia, o Haicai, os vídeos e a diagramação da Revista Digital, todos responderam que acharam muito válida. Alguns estudantes disseram que a pesquisa e o estudo foram relevantes também pelo fato de que, em cada etapa, eles aprenderam algo novo, totalmente diferente do que já tinham visto ou desenvolvido até então.

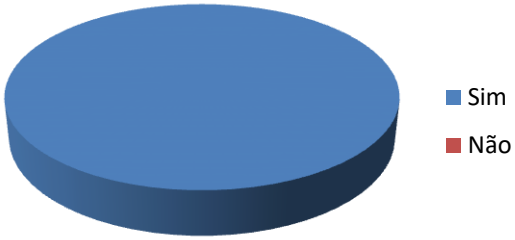


Gráfico 3 – Consideraram válido o projeto que foi desenvolvido.
Fonte: Da autora.

Perguntamos também como foi a experiência de diagramar uma Revista Digital e ver o resultado. Os estudantes disseram que foi muito gratificante, pois no início pensaram que seria complicado e não faziam ideia do resultado do trabalho. Quando finalizaram a sua página e viram o produto final, ficaram muito felizes e tiveram diversas ideias que provocaram o interesse a partir da Revista Digital.

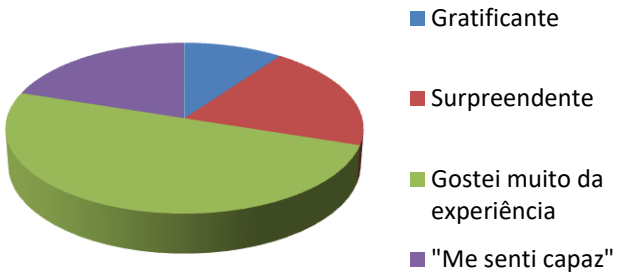


Gráfico 4 – Como foi a experiência de diagramar uma revista digital e ver o resultado.
Fonte: Da autora.

Ao serem questionados sobre qual parte mais chamou a atenção, a maioria elencou a diagramação. Em seguida, o Haicai, a fotografia e a produção dos textos, respectivamente. Os que preferiram a diagramação, justificaram a escolha dizendo que estavam ansiosos por esta parte da pesquisa, pois ficavam imaginando como as pessoas faziam este tipo de material e como eles seriam capazes de fazer algo tão primoroso.

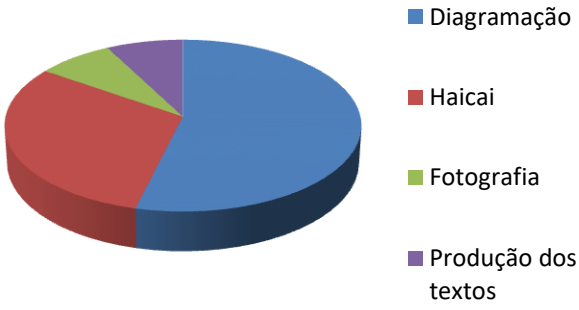


Gráfico 5 – Parte do projeto que mais chamou a atenção.
Fonte: Da autora.

Por fim, na questão em que perguntamos se os estudantes concordavam que as aulas ou que as atividades exigidas nas disciplinas são mais atraentes e interativas quando se utilizam recursos tecnológicos, todos responderam de forma afirmativa. Eles comentaram que todo trabalho fica mais interessante e atrativo utilizando a tecnologia, pois eles encontram conteúdos com maior disponibilidade do que nos livros. Eles ainda declararam que as professoras poderiam utilizar mais a

tecnologia em sala de aula, nas tarefas exigidas e que, também seria interessante elas pesquisarem metodologias e conteúdos atuais para trazerem à sala de aula. Alguns afirmaram que, devido ao fato de utilizarem no dia a dia a tecnologia, ela poderia contribuir muito nas atividades pedagógicas e na descoberta de novas maneiras de realizá-las.

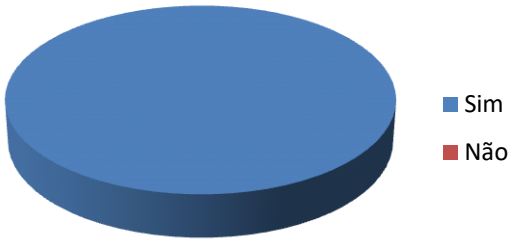


Gráfico 6 – As aulas ou as atividades exigidas nas disciplinas são mais atraentes e interativas quando se utilizam recursos tecnológicos.
Fonte: Da autora.

Os estudantes, ao gravarem o vídeo respondendo às perguntas, contribuíram para o desfecho da presente pesquisa. Escolhemos a forma dialógica de investigação, pois destacamos em nossa pesquisa uma metodologia que seja rizomática, sem maiores atrelamentos ao decalque, aos pontos fixos, próximos ao sistema arbóreo, o qual estamos acostumados a ver nas escolas. Acreditamos em uma educação próxima da desterritorialização do conhecimento por linhas de fuga que envolvam o real e que, ao se reterritorializarem, acrescentem algo novo, e não apenas a repetição do mesmo ponto de vista e da mesma matriz sedimentada a modelos pré-estabelecidos. Por isso, o estudante teve a liberdade de manifestar as suas escolhas, sua criatividade e realizar o evento de dentro do que estava ao seu alcance e ao alcance das novas descobertas que foi tendo ao longo desse movimento de conhecimentos transdisciplinares, transversais e nômades.

As três professoras envolvidas na pesquisa, das disciplinas de LP, Literatura e Arte, responderam algumas perguntas em forma de entrevista, gravaram vídeo e redigiram texto comentando sobre uma outra forma de trabalhar com os conteúdos e com a tecnologia como coadjuvante, vivenciando a Experimentação Pedagógica que faculta o dinamismo do modo de ensinar e aprender. As professoras também

tiveram uma página na Revista Digital para que os seus materiais fossem compartilhados e tivessem o merecido destaque.

Dessa forma, apresentamos a entrevista realizada com as três professoras envolvidas na presente pesquisa. Utilizamos P1 (Professora de Literatura), P2 (Professora de Arte) e P3 (Professora de Língua Portuguesa) para indicar as respostas de cada uma delas.

Com relação à primeira pergunta “Qual é a sua opinião sobre o uso de tecnologias em sala de aula?”, as professoras responderam o seguinte:

> *O uso de tecnologias é bom, é necessário, é prático e facilita hoje em dia. Não sei utilizar muito, os alunos sabem mais do que eu. Mas eles estão sendo protagonistas hoje. Eles vão trabalhar em um programa que nem conheço, mas vejo o lado positivo disso. Eu tenho Data Show na minha sala, é algo bem significativo. Nem todas as salas têm. Quero mostrar algo na hora da aula eu posso mostrar. Facilita. O aluno visualiza e vai além. Antigamente, se imprimia fotos dos autores, hoje não precisa mais. A informação, o aluno vai buscar. Eu já tenho as aulas preparadas no computador. Não escrevo mais no quadro (P1).*

> *Sou muito a favor referente ao uso das tecnologias em sala de aula. Nosso aluno sente atração por este recurso e quando bem trabalhado e direcionado só trará benefícios à aprendizagem. Ambos são desafiados! (P2).*

> *O uso das tecnologias aprimora a prática pedagógica tornando as aulas mais atrativas, criativas e diferenciadas, fugindo da prática tradicional e monótona, uma vez que os educandos já estão inseridos no mundo tecnológico (P3).*

Percebemos que as professoras consideram importante o uso de tecnologias em sala de aula. Por isso, questionamos as professoras se elas utilizam algum recurso tecnológico em suas aulas. Todas responderam que sim e comentaram de que forma utilizam, como podemos ver:

Para explicar conteúdos, busco vídeos, utilizo o Data Show, digito, aumento o conteúdo na hora e vou colorindo o texto com marcas gramaticais. Passo filmes também. A aula fica mais interativa (P1).

Estou atuando em Arte, há pouco tempo, porém minha especialização é Educação Física. Há muita informação no mundo virtual e muitas vezes nem sabemos como usufruir desta riqueza tecnológica, percebo que me falta preparo para instigar, provocar a curiosidade necessária do aluno, tempo para pesquisa, técnicas de como buscar e fazer, auxílio digital, etc. Não que seja impossível, mas é algo que deve ser conquistado aos poucos e com calma e nem todos os profissionais possuem esta qualidade maravilhosa. Uso na maioria das vezes à pesquisa, com vídeos, imagens, Data Show (P2).

Uso de vídeos no YouTube, com documentários/reportagens acerca de temáticas de redação do ENEM, músicas para trabalhar conteúdos, tanto em Língua Portuguesa, quanto em Literatura e vídeoaulas. Produção de aulas/conteúdos no Data Show e uso do celular para desenvolver determinadas atividades (P3).

Quando perguntamos “Você pede aos estudantes para utilizarem as tecnologias para o desenvolvimento das atividades exigidas nas disciplinas?”, todas responderam que sim. P1 ainda complementou a resposta, dizendo que:

Agora, após esta Experimentação a qual fiz parte, passei para o segundo ano a tarefa de explicar o Romantismo. O primeiro ano fez atividade com a Literatura Gaúcha, onde os alunos estão lendo os livros. Os alunos fizeram trocas dos livros. Eu fiz uma tabela com os nomes dos livros e quem leu qual. Os alunos terão que criar um slide apresentando as características do livro e terão de produzir vídeos contando uma história de um dos livros. Isso foi inspirado no projeto. Para o terceiro ano do Ensino Médio, a turma, com seis alunos, está fazendo o estudo do Simbolismo, com vídeo e slide. Eu estou gostando disso. Eles se envolvem (P1).

P1 ao referir-se ao projeto, está apontando para as atividades que foram sendo realizadas em função de nossa proposta de estudo e pesquisa voltada à percepção da presença das tecnologias em sala de aula, nem tanto como um novo aparato, mas como algo que promova o reencantamento do estudante para a descoberta do conhecimento, produzido pela humanidade e instaure nele o desejo de cada vez conhecer mais e produzir novos conhecimentos.

A quarta pergunta “Você acredita que a tecnologia pode contribuir no processo de Aprendência (este termo, segundo Assmann (2000), indica que no processo educativo há uma nova configuração do estudante como agente que vai buscar, não apenas adquirir conhecimentos já produzidos, mas em um processo de trocas e conexões colaborativas vai construindo o seu próprio conhecimento. Assim, estudante e professor aprendem e ensinam)?”, foi respondida de forma unânime que sim. P2 ainda acrescentou:

> *Sem sombra de dúvida que a tecnologia contribui para a Aprendência, sendo esta recíproca. A cada dia estou descobrindo algo de novo, principalmente com esta era digital e com o aluno. Mas percebe-se que poucos dos nossos alunos dominam, pois o dia a dia deles é passar conectado nas redes sociais, Instagram e por aí vai. Pouco ou quase nada de interesse na busca e aprimoramento para a sua formação intelectual (P2).*

A resposta de P2 à nossa entrevista aberta, leva-nos a uma nova reflexão e um novo objeto de estudo: Por que os estudantes usam suas mídias de convergência apenas para lazer? Teria a escola mostrado que tal mídia também pode ser coadjuvante do processo de Aprendência? Seria o caso de censurar os estudantes ou rever os procedimentos e estratégias de ensino adotadas nas escolas? Ter-se-ia muito mais questionamentos a fazer, mas ficamos apenas nestes poucos.

Em sequência, perguntamos às professoras se a escola dispõe de equipamentos para se trabalhar em sala de aula. As respostas foram:

Sim. Na minha sala tem equipamento, mas nem todas possuem. Tem Internet também (P1).

Sim. Nossa escola dispõe de muitas salas com Data Show (na minha sala não tenho), TV digital, sala de informática, e Netbooks (P2).

Sim (P3).

As respostas afirmativas contradizem as dificuldades encontradas pelos estudantes no momento em que fomos empregar as diferentes tecnologias nas atividades. Qual seria a reflexão: Tecnologia para quê?

Na pergunta seis, indagamos “A sua opinião sobre o uso de tecnologias em sala de aula mudou ou teve alguma alteração após o desenvolvimento do projeto?”, e os discursos foram os seguintes:

Sim. Despertou mais ideias, talvez eu estava mais acomodada. Despertou interesse. Perde o controle de conteúdo, por vezes, e deixa o aluno ir além. Tira um pouco este poder do saber. Os alunos preferem fazer sozinhos as atividades, quando se trata da tecnologia (P1).

Sim. Seria maravilhoso usufruir a tecnologia na minha disciplina de Arte. Falta-me conhecimento! Com a presença da semente Tonie, os alunos da 201 tiveram esta oportunidade e foram desafiados. Muitos estão buscando mais para seu aprimoramento e desenvolvendo este gosto de busca (P2).

Não (P3).

Perguntamos se as professoras acham possível utilizar a tecnologia nas disciplinas em que ministram. Elas responderam que sim. P2 acrescentou:

A tecnologia é muito eficiente para a Aprendência: aluno x professor e vice-versa (P2).

Ao encontro da problemática desta pesquisa, indagamos se a tecnologia é um meio eficiente de Aprendência. Todas as professoras responderam que sim.

Na pergunta nove “Qual a sua opinião sobre a projeto desenvolvido?”, as respostas foram as seguintes:

> *Eu achei muito bom. O resultado me surpreendeu. O andamento foi bom, não senti pressão em mim e nem nos alunos, por ter de ler os livros. Fluiu. Tudo foi no prazo. Tivemos que inverter o conteúdo, mas não impediu o entendimento sobre as obras. Não interferiu na aprendizagem e na interação. A leitura foi motivada pelo projeto (P1).*

> *Nunca tive interesse em olhar uma Revista Digital e fiquei muito feliz e curiosa com a novidade e inovação da ex aluna Tonie para pôr em ação. Acredito que foi desafiador para os alunos. Envolvidos com as disciplinas de Literatura, Português e Arte tiveram que realizar muitas coisas como: a produção de fotografia, Haicai, poemas, participar na produção de vídeos, resenhas etc. Em Arte, realizaram o Haicai. Após explanações da Tonie tiveram que criar a sua fotografia de época, conforme a história do seu livro literário. Muitos fizerem de qualquer jeito inicialmente, porém, ao ver os demais criando, perceberam que tinham muito pra contribuir, melhorar e realizaram obras maravilhosas. Foi emocionante! Vinham fora de hora para tirar dúvidas, fazer a gravação, enfim, o positivo nesta aprendizagem foi gratificante e todos estão satisfeitos com suas realizações (P2).*

> *O projeto desenvolvido foi muito pertinente e teve bons resultados no aprendizado dos educandos, uma vez que explorou três habilidades que sempre devem ser exploradas no processo ensino-aprendizagem: leitura, escrita e oralidade (P3).*

Por fim, perguntamos “A pesquisa, desde a escolha dos livros, a leitura, o filme Extraordinário (que serviu como um ensaio para o desenvolvimento dos textos), a produção dos textos, das fotografias, dos Haicais, dos vídeos e a

diagramação da Revista trouxe algum auxílio para as vivências pedagógicas?”. Os depoimentos das professoras foram:

Sim. A leitura sempre aconteceu, alguma atividade sobre o livro também. Mas nunca com esse objetivo fora da disciplina, pois na pesquisa eles tinham um objetivo além. Tinham um motivo. Não reclamaram, não se queixaram. Fizeram e aprenderam. A partir de agora, eu posso desafiar eles a fazerem trabalhos neste sentido e, ainda, eles podem ensinar outras séries a desenvolver o mesmo (P1).

Sim. Com a mestranda Tonie já trocamos conhecimentos para a melhoria e apresentação diferenciada de trabalhos usando a tecnologia disponível para as nossas aulas, tais como:

- PowerPoint Tradicional;
- PowerPoint Avançado;
- Prezi;
- Emaze.

Diante disso, conversei com a turma e muitos já usaram alguma vez, porém acrescentaram que leva tempo para a produção dos mesmos e é trabalhoso! Mas vamos aos poucos e tudo o que pudermos contribuir para melhorar a educação, tentaremos fazer, na medida do possível.
Agradeço ter contribuído e colaborado com o trabalho de vocês para o Mestrado, minha querida e estimada Tonie e sua orientadora! (P2).

Sim. Com certeza, uma vez que foram estudados vários tipos de textos úteis no contexto escolar e que fazem parte da vivência dos educandos, os quais serviram de base para o exercício da escrita. Também a leitura a qual sempre foi e sempre será uma das melhores formas de aprendizado. E, não menos importante, e que se faz extremamente necessária em todos os componentes curriculares, a exploração da oralidade (P3).

Consideramos que a realização da entrevista aberta com as professoras foi relevante para a pesquisa, pois pudemos perceber o que foi positivo e o que pode ser melhorado neste percurso de levar uma metodologia diferente para a sala de aula. Diante das entrevistas e do que foi levantado nesta pesquisa, no próximo item apresentamos o que floresceu com base na Experimentação realizada.

4.7 DIÁRIO DE BORDO: O QUÊ? SIM? NÃO? POR QUÊ? PORQUE.

Abordamos neste item, as percepções da Experimentação Pedagógica documentada no Diário de Bordo que nos acompanhou durante o desenvolvimento da pesquisa, desde o primeiro contato com a diretora da escola, até o último encontro com a turma. Documentamos a observação feita em sala de aula, as atividades que foram realizadas, o que deu certo e o que não deu certo durante o desenvolvimento da pesquisa.

Ter como base documental um diário de bordo durante a pesquisa foi pertinente, pois com ele nos situamos no tempo, sabendo exatamente o período em que foi desenvolvida cada tarefa. Ele também foi importante para que nenhuma informação significativa se perdesse.

Analisando o nosso diário de bordo, percebemos que o tempo destinado inicialmente para cada atividade não foi suficiente, porque cada estudante possui o seu ritmo, as suas singularidades e, como o trabalho foi individual em algumas etapas, a duração para cada tarefa foi específica.

Na primeira etapa de nosso estudo, a atividade com o filme “Extraordinário”, foi planejada após a entrevista com a professora de Língua Portuguesa, a qual nos informou que a turma não havia trabalhado com o gênero textual resenha crítica. Assim, sentimos a necessidade de abordar o gênero para que os estudantes conseguissem desenvolver tal atividade mais tarde, contando a história do livro por meio de uma resenha crítica.

O filme trouxe inúmeras perspectivas para os estudantes. Primeiramente, ele fez relação com a Filosofia da Diferença trabalhada nesta pesquisa, pois nenhum dos aprendentes havia assistido ao filme. O olhar diferente e curioso frente ao novo,

fez com eles se profundassem na história, tendo um cuidado em captar cada detalhe, para mais tarde desenvolver a atividade a partir do filme.

A segunda etapa foi a escolha do Romance, em que cada estudante pôde escolher a obra que gostaria de ler e desenvolver as atividades. A professora de Literatura se dispôs a conferir na biblioteca quais obras estavam disponíveis no acervo. Após, levou os livros até a sala de aula, momento em que cada estudante escolheu o seu. Optamos em deixar livre a escolha, tendo em vista que trabalhamos com uma metodologia rizomática, em que o estudante aprende e traça as suas linhas conforme as suas particularidades.

Assim, na terceira etapa, após os estudantes iniciarem a leitura do Romance, foi necessário levantar apontamentos, fazer pesquisas e procurar curiosidades sobre a obra escolhida. Com essa busca de informações, os estudantes puderam ter um melhor entendimento sobre cada narrativa, tendo em vista a complexidade de determinadas obras. A leitura do livro e a pesquisa realizada a partir de cada obra, exigiu um tempo maior para serem executadas do que foi estabelecido no cronograma.

A quarta etapa foi de imersão na imaginação, pois foi quando os estudantes tiveram que produzir fotografias a partir dos livros. Eles se inspiraram na obra escolhida e selecionaram uma passagem do livro, a qual fez alusão com a fotografia. Os estudantes produziram cenários, alguns foram os personagens da própria foto, outros fotografaram o colega ou um familiar. Teve também quem optou por fotografar um cenário sem personagem, mas que tinha relação com a passagem do livro em destaque.

Atrelada com a atividade anterior, na quinta etapa os estudantes tiveram que elaborar um Haicai, o qual teve como inspiração a fotografia e fez relação com ela, sendo uma produção de cada estudante. Com os Haicais, a imaginação dos estudantes correu solta. Foi necessário fazermos mais encontros do que o planejado, a fim de explicar a estrutura do Haicai aos estudantes e também à professora de Arte que auxiliou nesta etapa.

Foi perceptível, no dia em que os estudantes apresentaram as suas fotografias e os Haicais, que estas atividades proporcionaram importantes trocas, pois com a apresentação da turma os aprendentes se inspiraram no trabalho do colega. Muitos elaboraram novas fotos, diferentes Haicais ou melhoraram o material

já produzido. Foram atividades que criaram conexões rizomáticas, sem mesmo serem traçadas ou planejadas anteriormente.

A sexta etapa, das produções dos vídeos, foi aquela que os estudantes mais apresentaram dificuldades. Muitos relataram que isso acontecia devido à falta de prática, pois não tinham realizado alguma atividade parecida antes ou mesmo por timidez. Assim mesmo, a etapa foi relevante, tendo em vista que despertou interesse por parte das professoras e dos estudantes sobre uma atividade nova, que poderia ser explorada em outros momentos também. Os vídeos compuseram um espaço importante na Revista Digital, recebendo destaque na página de cada estudante.

Mesmo que a produção dos vídeos foi uma das etapas em que os estudantes mais apresentaram dificuldades, consideramos uma tarefa relevante para o processo, mostrando que esses recursos devem ser mais explorados, para que, dessa forma, os estudantes e as professoras não se sintam intimidados e despreparados para realizar este tipo de atividade.

Quando os estudantes leram os Romances e produziram a resenha crítica, sendo a sétima etapa de nossa pesquisa, notamos que a atividade foi desenvolvida com mais facilidade, devido ao fato de ser uma prática da turma. O processo de pesquisas e buscas por informações sobre o Romance e o autor, auxiliou na execução da atividade.

Na última etapa, a mais esperada pelos aprendentes, foi de muita satisfação para os estudantes e às professoras. Aqueles tinham curiosidade de como seria o resultado, vendo todos os seus materiais reunidos em uma Revista Digital. Foi uma etapa fascinante, pois puderam ver a organização dos trabalhos e diagramar as suas próprias páginas, contendo as informações que eles queriam e da forma como eles haviam imaginado.

Como as fotografias foram produzidas pelos estudantes com os seus *smartphones*, pudemos perceber que atividades que envolvam os recursos tecnológicos que os estudantes possuem, são possíveis, até em casos nos quais um ou mais estudantes tenham seus *smarts* de pouca potencialidade e recursos, existe a possibilidade de auxílio e interação dos colegas no processo.

Explorando o diário de bordo ainda, o qual nos acompanhou durante todo o estudo, afirmamos que trabalhar com o filme, com os recursos da fotografia, vídeo, produção de texto e de Haicai, instigou os estudantes e motivou as professoras a

caminhar por um território já conhecido, mas explorado de maneira diferente e nova, com outras tantas opções.

PAUTA 5
DISCURSO DE FIM DE TARDE

Que lindo esse Girassol, não?!
Mas ele vai ficar aí até secar.
Todavia, as suas sementes irão cair
E vários Girassóis irão brotar,
Para começar tudo de novo.
Só, com uma grande diferença,
Com muito mais força de união,
Porque não será um único e sim um coletivo!
Se não fosse o primeiro e solitário,
O que seria do resto?!
Como sofreu esse Girassol!
Calado e quietinho,
Vendo tudo à sua volta,
Mas numa radiante esperança,
Seguir o Sol a vida toda...

Newton Jayme

Ao longo desta dissertação, procuramos construir uma base teórica que fizesse relação com a prática desenvolvida na escola. Caminhar entre os conceitos de Experimentação, Rizoma, Filosofia da Diferença, Transversalidade, dentre outros, nos fizeram refletir diante do fazer pedagógico nas escolas, principalmente no que concerne as diferentes formas de se trabalhar com a TCD, a qual é parte constituinte dos dias de hoje.

O referencial teórico, a observação em sala documentada no diário de bordo, a realização da dissertação e a análise dos dados, contribuíram na resposta da inquietação que deu origem ao estudo, sendo ela: “É possível fazer com que as disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte saiam do papel, realizando a interdisciplinaridade e a transversalidade valendo-se do meio digital e do processo da Aprendência, por parte dos atores do ato educativo?”.

Comprovamos que a Experimentação possibilitou uma pertinente reflexão às professoras, no sentido de analisar o que vinha sendo feito em sala de aula com o auxílio das novas tecnologias, assim como serviu para motivá-las a utilizarem de forma diferente, com sabedoria e segurança, acarretando em trocas fundamentais para a Aprendência. Os alunos também foram apresentados a atividades novas e,

mesmo sendo nativos digitais e conhecendo muito desse ambiente, se depararam com recursos diferentes, possuindo outras finalidades, além daquelas para entretenimento.

Chegamos ao final do estudo concluindo que os objetivos propostos para este foram alcançados, pois propiciamos uma Experimentação em sala de aula, na qual estudantes foram agentes centrais da atividade, fazendo uma interconexão tecnológica e pedagógica com a turma de 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho–RS; desenvolvemos a Experimentação no processo de Aprendência; averiguamos as opiniões das professoras das disciplinas de Língua Portuguesa, Literatura e Arte do 2º ano, sobre o uso de tecnologias nas vivências pedagógicas; discutimos com as professoras e com os estudantes sobre as possibilidades de se utilizar a tecnologia no ambiente escolar; conhecemos o território, o desterritorializamos e o reterritorializamos, mostrando os recursos tecnológicos para a produção de novos conhecimentos; produzimos a Revista Digital "Ágora Contemporânea" com as professoras de Língua Portuguesa, Literatura e Arte e a turma de 2º ano, utilizando os materiais elaborados nas disciplinas; levamos os estudantes a assumirem o papel de "repórteres" juvenis, lendo, escrevendo, fotografando e deixando florescer o imaginário; vivenciamos a transdisciplinaridade a partir dos conteúdos de Língua Portuguesa, Literatura e Arte em busca do transversal real[22] e demonstramos, ao final da pesquisa, que a

[22] Para este trabalho compreendemos o transversal real como aquilo que diz respeito à possibilidade de se instituir, na prática educativa, uma analogia entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e as questões da vida real (aprender na realidade e da realidade). A escola vista por esse enfoque, deve possuir uma visão mais ampla, acabando com a fragmentação do conhecimento, pois somente assim se apossará de uma cultura interdisciplinar. A transversalidade e a interdisciplinaridade são modos de trabalhar o conhecimento que buscam reintegração de procedimentos acadêmicos, que ficaram isolados uns dos outros pelo método disciplinar. Necessário se torna uma visão mais adequada e abrangente da realidade, que muitas vezes se apresenta de maneira fragmentada. Através dessa ênfase poderemos intervir na realidade para transformá-la. Quando nos referimos aos temas transversais, os colocamos como um eixo unificador da ação educativa, em torno do qual se organizam as disciplinas. A abordagem dos temas transversais deve se orientar pelos processos de vivência da sociedade, pelas comunidades, alunos e educadores em seu dia a dia. Os objetivos e conteúdos dos temas transversais devem estar inseridos em diferentes cenários de cada uma das disciplinas. Considera-se a transversalidade como o modo apropriado para a ação pedagógica destes temas. A transversalidade só tem significado dentro de uma compreensão interdisciplinar do conhecimento, sendo uma proposta didática que possibilita o tratamento de conteúdos de forma integrada em todas as áreas do conhecimento. A transversalidade e interdisciplinaridade têm como eixo educativo a proposta de uma educação comprometida com a cidadania, conforme defendem os Parâmetros Curriculares. Disponível em: https://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/o-principio-da-interdisciplinaridade-transversalidade.htm/. Acesso em: 24 nov 2018.

Tecnologia de Comunicação Digital pode ser um auxílio eficiente para os professores nas vivências pedagógicas.

Percebemos que trabalhar de maneira rizomática, transdisciplinar e transversal, é um caminho possível e que precisa ser explorado ainda mais. Falar dos espaços escolares requer conhecimento de causa e, por isso, a Experimentação possibilitou que entrássemos no território a ser estudado, a fim de observar o que poderia ser trazido de novo e diferente e, então, o desterritorializássemos e pudéssemos, em seguida, refletir e retornar para reterritorializá-lo.

Inicialmente, ao observarmos a escola, percebemos que essa já possuía recursos tecnológicos, como sala de informática com *Internet*, a maioria das salas de aula possuía projetores multimídia à disposição dos professores e alguns *Notebooks* disponíveis aos alunos.

Ao observar o fazer pedagógico das professoras envolvidas na pesquisa, de Língua Portuguesa, Arte e Literatura, percebemos que não eram unânimes as formas e as finalidades com que cada uma utilizava a TCD. Ao analisar o depoimento das professoras, percebemos que a Experimentação fez com que elas refletissem o que poderiam mudar e incorporar em suas aulas. Acreditamos que a pesquisa contribuiu para motivar e incentivar o uso da TCD em sala de aula.

Com relação aos estudantes frente à era digital, concluímos, após observar, conversar e desenvolver a Experimentação passo a passo com eles, que os mesmos utilizam e navegam a fim de encontrar entretenimento, como jogar e estar inteirado nas redes sociais. Como todos os estudantes possuíam celular, mas nem todos acessavam a mesma rede social ou tinham *Internet* em suas casas, a Experimentação possibilitou a igualdade em sala de aula, onde todos tiveram que desenvolver as mesmas atividades, com os recursos que possuíam ou mesmo fazendo o trabalho em grupo, de forma que o coletivo tivesse centralidade no processo.

A partir da Experimentação Pedagógica, os estudantes tiveram a possibilidade de experimentar os recursos digitais nas vivências pedagógicas e as professoras se sentiram mais à vontade perante à tecnologia, isso porque, os estudantes estavam à frente de todo o processo, ou seja, as professoras puderam fazer trocas com eles e, assim, ampliaram o seu conhecimento.

A educação foi vivenciada de maneira ampla, para além dos conhecimentos fragmentados, de maneira transversal real, com a elaboração das atividades. As três disciplinas foram entrelaçadas, visando um mesmo objetivo. Dessa forma, a Experimentação ocorreu de maneira interdisciplinar e foi além, indo para o contexto social e cultural de cada estudante. O plano cartesiano que percebemos antes da execução da pesquisa, ganhou conexões rizomáticas e transversais.

A comunidade escolar pôde perceber o quão pertinente é ter o hábito de utilizar em sala de aula as ferramentas disponíveis na escola e explorar os recursos que os estudantes possuem. Assim, a tecnologia é um auxílio nas práticas de ensino, prevalecendo a qualidade educacional. Antes mesmo de finalizar a Experimentação, as professoras relataram que estavam se inspirando com a pesquisa e já haviam solicitado trabalhos aos estudantes com o auxílio da TCD. As professoras comentaram ainda, que as atividades não estavam sendo solicitadas apenas na série que desenvolvemos a pesquisa, mas sim, em outras turmas e disciplinas. Mesmo ressaltando as dificuldades que sentem no manuseio das novas tecnologias, elas comentaram que perceberam o quanto o aprendente pode ir buscar o seu conhecimento e ser o centro do processo. Para tanto, elas solicitaram aos estudantes apresentações de conteúdos por meio de ODEA, vídeos e outras tarefas mais. Mostraram-se interessadas, motivadas e nos procuraram para pedir dicas de programas para fazer apresentações.

Outro fato relevante, é que após a Experimentação, a escola realizou uma gincana alusiva aos 48 anos da instituição. Nela, os estudantes gravaram vídeos e compartilharam em suas redes sociais, a fim de acumular *likes* e visualizações. Não podemos deixar de registrar a nossa satisfação, pois vimos os estudantes do 2º ano, que apresentaram um grau de dificuldade nas gravações, quando contaram a história dos livros de Romance, superando as dificuldades, participando com produções videográficas de melhor qualidade e conteúdo aprimorado. Assim sendo, percebemos que a Experimentação desenvolvida surtiu resultados significativos.

Analisando as entrevistas realizadas com as professoras, percebemos que o universo digital é parte integrante do cotidiano delas. Entretanto, não tiveram em suas formações disciplinas voltadas ao uso da TCD. Em consequência disto, utilizar em sala de aula ainda não é um hábito, mas mesmo assim, elas consideram

importante o seu uso. Com a Experimentação, elas se sentiram mais motivadas a utilizar recursos digitais nas suas vivências pedagógicas.

Ao refletirmos a partir das entrevistas realizadas com os estudantes, concluímos que eles não tinham experiência com as atividades que foram desenvolvidas no decorrer da Experimentação. As tarefas foram novas e diferentes para a maioria deles. Diante desse ocorrido, compreendemos que atividades que envolvam as tecnologias digitais nas vivências pedagógicas são válidas e pertinentes no contexto atual, situando o estudante e fazendo conexões com aquilo que está habituado. Para os estudantes que não navegam com tanta frequência nos ambientes digitais, trazê-los em sala de aula é uma forma de oportunizar novas vivências e promover a igualdade na escola.

Os resultados que apresentamos na análise deste trabalho nos apontam que é necessário desenvolver pesquisas voltadas a esta área do conhecimento, indo à prática, acompanhando o dia a dia em sala de aula. Assim, estaremos estudando e contribuindo a partir de um território percorrido, com conhecimento de causa, tendo em vista que a maioria das escolas, com seu modelo tradicional cartesiano, não tem a oportunidade de experienciar diferentes metodologias, conectando-se rizomaticamente ao século XXI.

Com a Experimentação Pedagógica, os sujeitos envolvidos tiveram a oportunidade de interagir, criar, recriar e florescer o imaginário em atividades interdisciplinares e transversais. Puderam ainda, conhecer outras formas de utilizar a TCD, com cunho pedagógico, não apenas para entretenimento e, em algumas atividades, fizeram uso de suas redes sociais no desenvolvimento do trabalho. Assim, teve-se um entendimento do relevante papel que esses meios digitais podem ter em nosso cotidiano pedagógico.

A Experimentação trouxe contribuições não só às professoras e aos estudantes envolvidos na pesquisa, mas também à pesquisadora. O trabalho proporcionou o nosso desenvolvimento pessoal e profissional, primeiro porque pudemos participar do processo, acompanhar os estudantes em todas as tarefas, compreendendo as singularidades e as dificuldades de cada um. Em seguida, o estudo contribuiu para a nossa percepção e entendimento sobre a realidade nas escolas, os obstáculos e dificuldades que podemos enfrentar no ambiente escolar,

seja em termos de equipamentos, acesso à *Internet* ou por questões de formação docente.

Antes de desenvolver a Experimentação, tivemos experiências com revistas, no entanto, foram com modelos impressos, não digitais. As demais atividades desenvolvidas, como o Haicai, a fotografia, os vídeos e as resenhas críticas, auxiliaram no entendimento de como o trabalho individual, para fazer parte de um trabalho coletivo, é pertinente nos dias atuais, onde cada partícipe e o seu trabalho eram partes centrais e valiosas do processo para o resultado final.

A Experimentação Pedagógica teve importantes trocas. O seu caráter rizomático proporcionou muitas conexões e criou linhas que foram positivas no processo. Muitas destas linhas foram surgindo e sendo traçadas no estudo, não foram pontuadas ou planejadas no início da pesquisa. A Experimentação, conforme os conceitos de Deleuze (1988), seguidos nesta pesquisa, tem esta característica, proporcionando ao pesquisador descobertas de caminhos, ampliação de possibilidades, não começando o trabalho em um ponto fixo, com linhas traçadas e um ponto de chegada definido, mas com linhas que se desterritorializem e se reterritorializem em novas potências.

Com este estudo, inferimos que existe ainda a necessidade de ampliar as pesquisas sobre o uso das Tecnologias de Comunicação Digital no espaço escolar. Ao voltarmos os estudos para esta área do conhecimento, estamos contribuindo para desenvolver as formas de ensino, que estão engessadas, facilitando assim a conexão com o mundo atual.

Em última análise, além de considerarmos importante que se tenham mais pesquisas voltadas para esta área, destacamos a relevância de envolver diferentes disciplinas. Na presente Experimentação, tivemos que selecionar algumas disciplinas, em função do tempo que cada atividade teria e da extensão do trabalho. Para estudos futuros, um exemplo de disciplina para dialogar com Língua Portuguesa, Literatura e Arte, envolvidas nesta pesquisa, é História, que situa os acontecimentos da Literatura, por exemplo. Além disso, disciplinas como Geografia, Biologia, Física, Matemática, Educação Física, Línguas Estrangeiras e tantas outras opções, podem ser trabalhadas de forma que se estabeleça uma comunicação pertinente ao contexto e a causa.

Figura 45: Turma que fez parte da Experimentação.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a02v29n2>. Acesso em: 08 jun 2017.

_____. **Reencantar a Educação**: Rumo à sociedade aprendente. 9ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.

ASSMANN, Hugo. MO SUNG, Jung. **Competência e Sensibilidade Solidária**: Educar para a esperança. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

BALDISSERA, Adelina. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, v. 2, n. 7, p.5-25, ago. 2001.

BIEGING, Patricia et al. **Tecnologia e novas mídias:** da educação às práticas culturais e de consumo. In: São Paulo : Pimenta Cultural, 2013. p. 274.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1975.

BRASIL ESCOLA. **O princípio da interdisciplinaridade da transversalidade.** Disponível em: <https://educador.brasilescola.uol.com.br/trabalho-docente/o-principio-da-interdisciplinaridade-transversalidade.htm/>. Acesso em: 24 nov 2018.

CANI, Josine Brunetti; COSCARELLI, Carla Viana. **Textos Multimodais como objetos de ensino:** reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem, Campinas, SP : Pontes Editores, 2016. p. 15-47.

CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE**. In: Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO/USP, 2000. In: O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Triom, 1994.

CATAPAN, Hack Araci. **TERTIUM**: O NOVO MODO DO SER, DO SABER E DO APREENDER. Florianópolis, 2001, 289 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis – SC, 2001.

COSCARELLI, Carla Viana (Org.). **Tecnologias para aprender**. São Paulo: Parábola Editorial, 1. ed. 2016.

CRUZ, Aparecida Fátima da. **Tradição e Inovação do Haicai no Paraná**: uma abordagem teórico-prática sobre poesia e natureza. In: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense-produção didático-pedagógica. 2010. 1-33 p.

CUNHA, S. **O Manifesto da Transdisciplinaridade, por Basarab Nicolescu:** um breve resumo. 2003. p. 1-5. Disponível em: <encurtador.com.br/afDMN>. Acesso em: 07 mar 2018.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. **Do Tear à Tela:** uma tessitura de linguagens e sentidos para o processo de Aprendência. Florianópolis, 2003, 237 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção), Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis – SC, 2003.

DAL MOLIN, Beatriz Helena. GRANETTO, Julia Cristina. Reflexões sobre o uso das redes sociais no ensino médio. **Revista Temática,** João Pessoa, v. 9, n. 9, p.1-10, set. 2013a.

_____. Tecnologia digital e a formação de professores. In: XI Jornada do HISTEDBR, 2013b, Cascavel – PR. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada11/artigos/7/artigo_simposio_7_916_jugranetto@gmail.com.pdf>. Acesso em: 17 jan 2017.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução: Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

_____. **Empirismo e subjetividade**. Tradução Luiz Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2001.

_____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Lógica do sentido**. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Aurélio Guerra Neto; Célia Pinto costa. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.

DESLAURIERS, Jean-Pierre. **Recherche Qualitative**. Montreal: McGraw Hill, 1991.

Dicionário de Português Online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/rizoma/>. Acesso em: 02 abr 2018.

DUBOIS, Phillipe. **O ato fotográfico**, Lisboa, Vega, 1992.

ESCOL.AS. **Escola Estadual de Educação Basica Sao Martinho**: Escola Pública Estadual. Disponível em: <https://www.escol.as/249751-escola-estadual-de-educacao-basica-sao-martinho>. Acesso em: 29 fev 2019.

GALLINA, Simone Freitas Da Silva. **DELEUZE E HUME:** EXPERIMENTAÇÃO E PENSAR. (Artigo). Philósophos 12 (1): 123-144, jan./jun. 2007.

GALLO, S. **Educação e Interdisciplinaridade**. Impulso, Piracicaba, v. 7, n. 16, p. 157-163, 1994.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas 1999.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade:** ações pedagógicas aplicadas à linguagem, Campinas, SP: Pontes Editores, 2016.

KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.); RABELLO, Keli Rodrigues. **"São atitudes como estas que podem fazer a diferença para uma escola melhor"**: outros tempos, novos letramentos. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem, Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. 49-77 p.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. DE A. Metodologia científica. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34. 1999.

_____. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MARQUES, Renata Garcia. **Campanha Publicitária, Tecnologias e (re)construção de identidades no espaço escolar**. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, Carla Viana; CANI, Josiane Brunetti (Orgs.). Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem, Campinas, SP : Pontes Editores, 2016. p. 109-135.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.

MORAN, José Manuel. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. 1999. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf. Acesso em: 20 jul 2017.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias.** Informática na Educação: Teoria & Prática. Porto Alegre, vol. 3, n.1 UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. 2000. p. 137-144.

_____. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias**. Informática na Educação: Teoria e Prática. Porto Alegre, v. 3, n. 1 UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na educação. 2007. p. 137 – 144.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 2. ed. – São Paulo : Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2000.

MOTTER, Rose Maria Belim. ***My way***: um método para o ensino-aprendizagem de Língua Inglesa. 281f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Área de concentração Mídia e Conhecimento). Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2013.

NICOLESCU, Basarab. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Tradução de Lucia Pereira de Souza. São Paulo: Triom, 1999.

NOVAIS, Ana Elisa. **Lugar das interfaces digitais no ensino de leitura**. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org). Tecnologias para aprender. 1. Ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2016. p. 81-94.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

PRENSKY, Marc. Digital Natives, Digital Immigrants. MCB University Press, 2001.

ROJO, Roxane; MOURA Eduardo (Orgs). **Pedagogia dos Multiletramentos**: diversidade cultural e de linguagens na escola In: Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola, 2012. p. 21-31.

_____. (Org.). **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo : Parábola, 1. Ed. 2013.

RONCARELLI, Dóris. **Ágora**: concepção e organização de uma taxionomia para análise e avaliação de Objetos Digitais de Ensino-Aprendizagem. 288 f. Tese

(Doutorado em Engenharia da e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SILVA, Marco. **Internet na escola e inclusão social na Cibercultura**. s.a. Disponível em:< http://www.pbh.gov.br/smed/capeonline/seminario/marco.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

_____. Marco. Formação de professores para a docência online. **Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho, 2009 ISBN- 978-972-8746-71-1. Disponível em:< http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/cc/cc2.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2018.

SOUSA, Tatiane de Aguiar. **Haikais de Bashô**: O Oriente Traduzido no Ocidente. Fortaleza, 2007, 136 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Lingüística Aplicada), Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – CE, 2007.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985.

VEEN, Wim. VRAKKING, Bem. **Home zappiens**: educando na era digital. São Paulo: Artmed, 2009.

VENTURELLI, Paulo César. **FRAGMENTA,** n. 8, UFPR, Curso de Pós-graduação em Letras, 1991. Curitiba, 1991.

VITKOWSKI, José Rogério. **Experimentações docentes na ead**: linhas rizomáticas. Revista Científica de Educação a Distância. Vol.7- Nº12 – Jun.2015 - ISSN 1982-6109.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. **Letramento Digital**: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). Tecnologias para aprender. São Paulo : Parábola Editorial, 1. ed. 2016.

ANEXOS

ANEXO 1: Parecer do Comitê de Ética da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE.

UNIOESTE - CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE

Plataforma Brasil

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Experimentação no processo de aprendência: uma interconexão tecnológica
Pesquisador: TONIE MARIA GREGORY DOS SANTOS
Área Temática:
Versão: 2
CAAE: 75761317.0.0000.0107
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANA
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.356.579

Apresentação do Projeto:
Esta pesquisa tem como objetivo promover uma experimentação no processo de aprendência, utilizando para isso, a tecnologia. O trabalho acontecerá, primeiramente, com a aplicação de um questionário aos professores das disciplinas de Linguagens, a fim de saber a opinião dos mesmos sobre o uso da tecnologia no ensino; averiguar o uso de recursos tecnológicos em suas aulas (utilizam ou não) e como eles veem a tecnologia: é um auxílio eficiente para as práticas pedagógicas?. Após, a pesquisadora irá participar das aulas das disciplinas de Linguagens, para
acompanhar as atividades que serão exigidas pelos professores. Assim, os alunos serão auxiliados na produção, utilizando a tecnologia como aporte das atividades. Desta forma, quando as atividades e os materiais estiverem prontos, servirão de conteúdo para a elaboração da revistadigital. Por último, dois questionários serão aplicados, um aos professores e, outro, aos alunos, com o intuito de saber a apreciação dos mesmos sobre o trabalho desenvolvido.

Objetivo da Pesquisa:
Objetivo Primário:
Propiciar uma experimentação no processo de aprendência, fazendo uma interconexão tecnológica nas vivências pedagógicas de alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Educação Básica São Martinho – RS.

Endereço: UNIVERSITARIA
Bairro: UNIVERSITARIO **CEP:** 85.819-110
UF: PR **Município:** CASCAVEL
Telefone: (45)3220-3272 **E-mail:** cep.prppg@unioeste.br

Objetivo Secundário:
Realizar um estudo a respeito do uso de tecnologias em sala de aula;Averiguar a opinião dos professores das disciplinas de Linguagens do 2º ano do Ensino Médio, sobre o uso de tecnologias nas vivências pedagógicas; Entender como os alunos podem ser agentes ativos do processo de aprendência;Elaborar uma revista digital com as atividades propostas em sala de aula pelos professores das disciplinas de Linguagens;Averiguar, após a pesquisa, se a tecnologia pode ser um auxílio eficiente para o professor nas vivências pedagógicas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:
Riscos:
Com a pesquisa que será desenvolvida, apresentam-se as situações de riscos deste trabalho: os professores ou os alunos podem apresentar timidez ou constrangimentos frente aos recursos tecnológicos. Além disso, pode acontecer de algum professor ou aluno desistir de participar do projeto proposto. Para contornar a timidez ou algum constrangimento que possa surgir perante os recursos tecnológicos, vai-se dar mais atenção ao professor ou ao aluno que apresentar esta dificuldade, mostrando todos os passos minuciosamente até se chegar à construção do produto final. Se algum aluno ou professor desistir do projeto proposto, este será questionado do por que da desistência e vai ser lembrado novamente dos benefícios do projeto para eles e para a escola como um todo.
Benefícios:
Nesta pesquisa, a escola, os professores e os alunos serão os maiores beneficiados. Tendo em vista que, a escola será um impulso para que, os laboratórios que a mesma dispõe, possam ser melhores utilizados posteriormente. Os professores terão a oportunidade de incluir recursos tecnológicos em sala de aula, não tendo tanto receio para a utilização. Os alunos serão beneficiados com aulas mais interativas e atraentes.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:
Indica ser importante para a área e para os envolvidos

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:
Presentes e em conformidade com a Resolução 466/12

ANEXO 2: Termo de Ciência do Responsável pelo Campo de Estudo.

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

ANEXO IV

TERMO DE CIÊNCIA DO RESPONSÁVEL PELO CAMPO DE ESTUDO

Título do projeto: Experimentação no processo de aprendizagem: uma interconexão tecnológica
Pesquisadore(s): Beatriz Helena Dal Molin e Tonie Maria Gregory dos Santos
Local da pesquisa: Escola Estadual de Educação Básica São Martinho
Responsável pelo local de realização da pesquisa: Dirce Ines Kunz Deves

O(s) pesquisador(es) acima identificado(s) está(estão) autorizado(s) a realizar a pesquisa e a coleta dados, os quais serão utilizados exclusivamente para fins científicos, assegurando sua confidencialidade e o anonimato dos sujeitos participantes da pesquisa segundo as normas da Resolução 510/2015 CNS/MS e suas complementares.

(local e data) São Martinho 05 de setembro de 2017.

_____
(Nome(s) e assinatura(s) do(s) responsável pelo campo da pesquisa)

Dirce I. Kunz Deves
Diretora
Id. Func. Vinc. 3400162401

ANEXO 3: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP

Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: Experimentação no processo de aprendência: uma interconexão tecnológica

Pesquisador responsável: Beatriz Helena Dal Molin; Telefone: (45) 99971-5195

Colaboradora: Tonie Maria Gregory dos Santos; Telefone: (55) 99652-4147

Convidamos você ou seu filho a participar de nossa pesquisa que tem o objetivo de propiciar uma experimentação nas vivências pedagógicas, utilizando para isso, equipamentos tecnológicos no processo. Pretende-se analisar como a tecnologia pode ser um meio de auxílio aos professores e uma prática atraente ao aluno.

Esperamos, com este estudo, que a escola passe a utilizar as tecnologias que já dispõe em seus laboratórios; que os professores criem o hábito de utilizar em suas aulas os recursos tecnológicos que a escola possui; e que os alunos se sintam mais motivados a desenvolver as atividades exigidas pelos professores, utilizando mídias para produção.

Nesta pesquisa, a escola, os professores e os alunos serão os maiores beneficiados. Tendo em vista que, à escola será um impulso para que, os laboratórios que a mesma dispõe, possam ser melhores utilizados posteriormente. Os professores terão a oportunidade de incluir recursos tecnológicos em sala de aula, não tendo tanto receio para a utilização. Os alunos serão beneficiados com aulas mais interativas e atraentes.

Assim, iremos explanar o projeto, primeiramente aos professores, após, vamos acompanhar, em torno de três aulas das disciplinas selecionadas. Desta forma, os professores irão pedir que os alunos desenvolvam atividades a partir das aulas. Neste momento, a pesquisadora irá acompanhar os alunos nas

atividades, mostrando as possibilidades de utilizar as tecnologias para o desenvolvimento. Os recursos serão: fotos, vídeos e áudios.

Com a pesquisa que será desenvolvida, apresentam-se as situações de riscos deste trabalho: os professores ou os alunos podem apresentar timidez ou constrangimentos frente aos recursos tecnológicos. Além disso, pode acontecer de algum professor ou aluno desistir de participar do projeto proposto. Para contornar a timidez ou algum constrangimento que possa surgir perante os recursos tecnológicos, vai-se dar mais atenção ao professor ou ao aluno que apresentar esta dificuldade, mostrando todos os passos minunciosamente até se chegar à construção do produto final. Se algum aluno ou professor desistir do projeto proposto, este será questionado do por que da desistência e vai ser lembrado novamente dos benefícios do projeto para eles e para a escola como um todo.

Sua identidade não será divulgada e seus dados serão tratados de maneira sigilosa, sendo utilizados apenas fins científicos. Você também não pagará nem receberá para participar do estudo. Além disso, você poderá cancelar sua participação na pesquisa a qualquer momento. No caso de dúvidas ou da necessidade de relatar algum acontecimento, você pode contatar os pesquisadores pelos telefones mencionados acima ou o Comitê de Ética pelo número 3220-3092. Este documento será assinado em duas vias, sendo uma delas entregue ao sujeito da pesquisa.

Declaro estar ciente do exposto e **(desejo participar do projeto)**_____ ou **(autorizo nome do menor)**_____ a participar da pesquisa.

_____

(Assinatura)

(Nome do sujeito de pesquisa ou responsável)

Eu, **Tonie Maria Gregory dos Santos**, declaro que forneci todas as informações do projeto ao participante e/ou responsável.

Cascavel, 05 de setembro de 2017.

APÊNDICES

A Revista a seguir foi produzida em nossa Experimentação Pedagógica. Se desejar ver a Revista *Online* na íntegra (*Online* ela apresenta *links*), acesse de seu celular com o *QR Code Reader* abaixo.